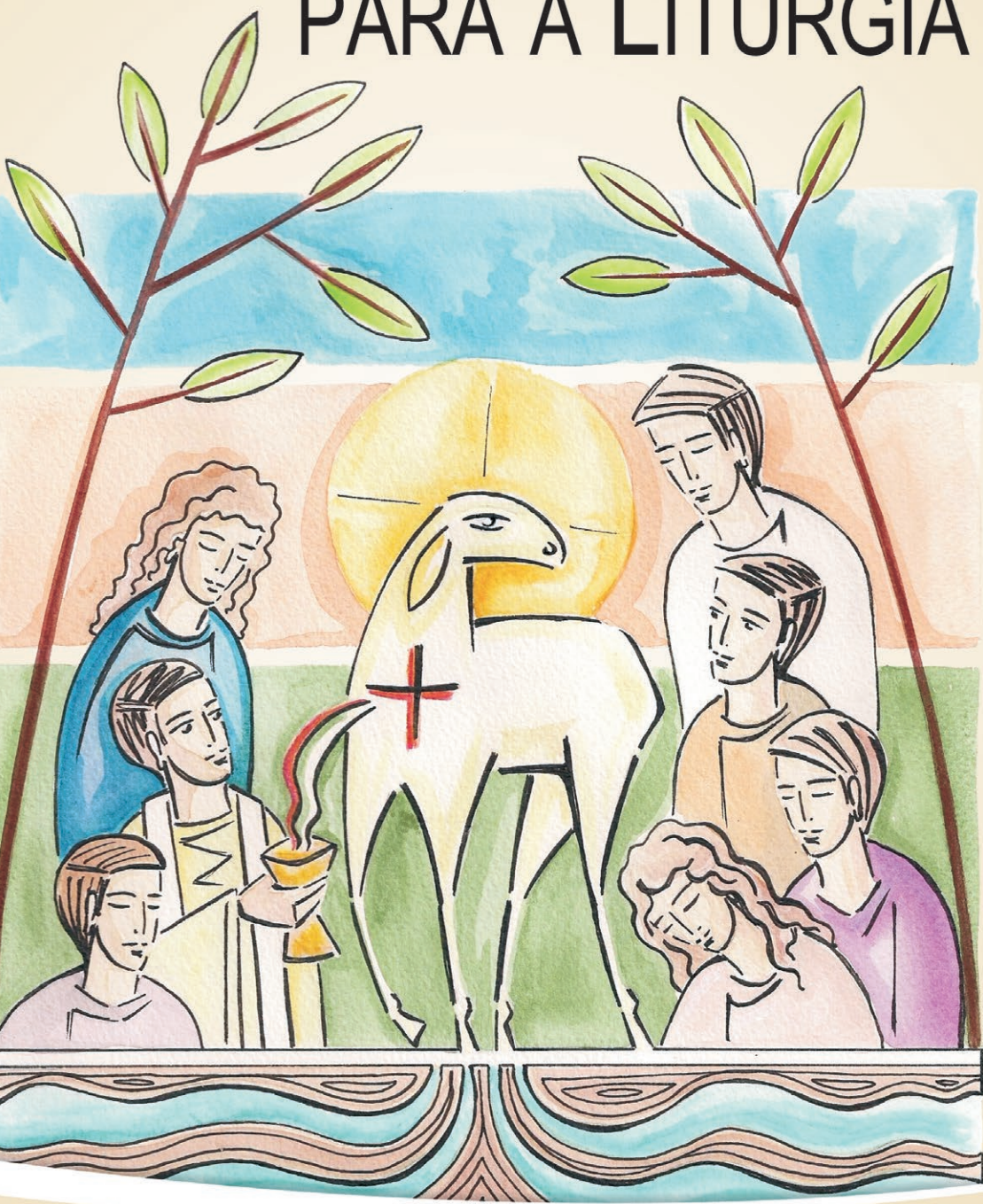


DIRETÓRIO DIOCESANO PARA A LITURGIA



DIRETÓRIO DIOCESANO
PARA A LITURGIA
(2ª edição - revisada e ampliada)

Diocese de Toledo - Paraná
2009

ÍNDICE

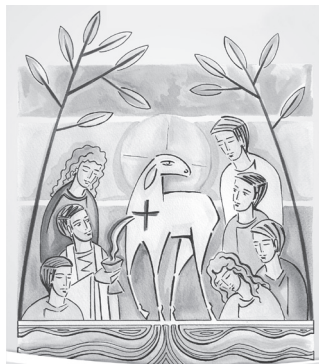
SIMBOLOGIA DA CAPA.....	09
INTRODUÇÃO.....	11
APRESENTAÇÃO.....	13
CAPÍTULO I.....	17
A NATUREZA DA LITURGIA.....	17
1- HISTÓRIA DA SALVAÇÃO.....	17
2- O QUE É LITURGIA?	18
3- COMO A LITURGIA ACONTECE?	19
4- CELEBRAÇÃO DO MEMORIAL.....	19
5- O MISTÉRIO DA EUCARISTIA	21
CAPÍTULO II.....	23
ORIENTAÇÕES GERAIS PARA A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA.....	23
1. O ANO LITÚRGICO.....	23
2. AS CORES LITÚRGICAS DOS PARAMENTOS.....	24
3. DIÁLOGO ESPONSAL DA CELEBRAÇÃO LITÚRGICA.....	25
4. O SILÊNCIO SAGRADO	26
5. OS GESTOS E AS POSIÇÕES DO CORPO.....	26
6. MISSAS RITUAIS	28
7. MISSA COM DIÁCONO	29
8. MISSA CONCELEBRADA	32
CAPÍTULO III.....	37
O ESPAÇO SAGRADO PARA A CELEBRAÇÃO	37
ELEMENTOS DO ESPAÇO CELEBRATIVO PARA A EUCARISTIA.....	39
CAPÍTULO IV.....	51
A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA	51
1. PROCISSÃO DE ENTRADA	52
2. ATO PENITENCIAL	54
3. HINO DE LOUVOR	54
4. ORAÇÃO DO DIA	55
5. PROCLAMAÇÃO DAS LEITURAS	55

6. ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO	56
7. HOMILIA	56
8. PROFISSÃO DE FÉ (CREDO).....	57
9. ORAÇÃO DA COMUNIDADE	57
10. PROCISSÃO E PREPARAÇÃO DOS DONS	58
11. ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS	59
12. ORAÇÃO EUCARÍSTICA	59
13. DOXOLOGIA DA ORAÇÃO EUCARÍSTICA (POR CRISTO, COM CRISTO...)	60
14. A ORAÇÃO DO SENHOR	61
15. RITO DA PAZ	61
16. A FRAÇÃO DO PÃO	61
17. COMUNHÃO	62
18. RITOS DE ENCERRAMENTO	66
CAPÍTULO V	67
PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS	67
1. ORIENTAÇÕES PARA OS LEITORES.....	67
2. O COMENTARISTA.....	69
3. O MANUSEIO DO LECIONÁRIO	70
4. A ESCOLHA DAS LEITURAS SEGUNDO OS GRAUS DE CELEBRAÇÃO	72
5. A PREPARAÇÃO ESPIRITUAL DO MINISTRO DA PALAVRA	74
CAPÍTULO VI.....	75
O CANTO E A MÚSICA LITÚRGICA NA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA	75
1. O CANTO LITÚRGICO A SERVIÇO DA PALAVRA DE DEUS E DOS GESTOS SAGRADOS DA CELEBRAÇÃO	75
2. O ANIMADOR DE CANTOS OU EQUIPE DE CANTOS	77
3. O BOM USO DO MICROFONE E A PARTICIPAÇÃO DA ASSEMBLEIA.....	77
4. O CANTO LITÚRGICO NA EUCARISTIA SEGUNDO OS SEUS GRAUS.....	78
5. CANTO DE ENTRADA	78
6. SENHOR, TENDE PIEDADE	79
7. GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS	80
8. SALMO RESPONSORIAL	80
9. ACLAMAÇÃO ANTES DA PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO	81
10. PREPARAÇÃO DOS DONS	81

11. SANTO.....	82
12. ACLAMAÇÃO MEMORIAL	83
13. ACLAMAÇÕES DA ORAÇÃO EUCARÍSTICA.....	84
14. O GRANDE AMÉM (DOXOLOGIA).....	84
15. A ORAÇÃO DO SENHOR.....	84
16. O CANTO DA PAZ	84
17. O CORDEIRO DE DEUS	84
18. CANTO DE COMUNHÃO	85
19. CANTO DE LOUVOR APÓS A COMUNHÃO	86
20. CANTO FINAL	86
CAPÍTULO VII.....	89
CELEBRAÇÕES RELACIONADAS AO SACRAMENTO DA EUCARISTIA.....	89
1. CELEBRAÇÃO DOMINICAL COM A DISTRIBUIÇÃO DA COMUNHÃO.....	89
2. DISTRIBUIÇÃO DA COMUNHÃO AOS DOENTES E IDOSOS.....	92
3. ADORAÇÃO AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO.....	93
CAPÍTULO VIII	97
ORIENTAÇÕES PARA MISSA COM CRIANÇAS	97
1. CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	97
2. CANTO.....	98
3. GESTOS	99
4. ELEMENTOS VISUAIS	99
5. O SILÊNCIO	99
6. OS RITOS DA MISSA.....	99
CAPÍTULO IX.....	101
MISSAS TRANSMITIDAS PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL.....	101
CAPÍTULO X	103
MATERIAIS, OBJETOS E PARAMENTOS PARA A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA...103	103
1. MATERIAIS E OBJETOS	103
2. AS VESTES LITÚRGICAS.....	108
3. LIVROS LITÚRGICOS	111
4. MINISTROS AUXILIARES PARA UMA CELEBRAÇÃO SOLENE	111
BIBLIOGRAFIA	113

SIMBOLOGIA DA CAPA

Deus, em sua imensa ternura, nos propõe uma aliança que perpassa toda a nossa história: vocês serão o meu povo e eu serei o seu Deus (cf. Ez 36,28). Esta aliança, renovada pela Páscoa de Jesus, acontece todas as vezes que comemos do pão e bebemos do cálice, anunciando a morte do Senhor, até que ele venha (cf. 1Cor 11,26). Pela ação ritual cumprimos o que o Senhor nos ordena: “fazei-o em minha memória” (1Cor 11,25).



A ação memorial abrange o passado, o presente e o futuro. No hoje da celebração litúrgica estamos, ao mesmo tempo, na época de Jesus Cristo e no meio da multidão reunida em torno do Cordeiro, dos anjos e santos, dos quais fala o Apocalipse, descrevendo a realidade celeste: “Ele mostrou-me um rio de água vivicante, o qual brilhava como cristal. O rio brotava do trono de Deus e do Cordeiro” (Ap 22,1).

Jesus proclamou em voz alta: “Se alguém tem sede, venha a mim, e beba. Quem crê em mim, conforme diz a Escritura: ‘do seu interior correrão rios de água viva’” (Jo 7,37). O interior não do fiel (cf. Jo 4,14), mas do Messias.

Todas as celebrações da Igreja comemoram, tornam presente e nos fazem participar da vida, morte, ressurreição e vitória de Jesus Cristo, sinal máximo do amor de Deus para com o seu povo pela ação do Espírito Santo.

A liturgia nos compromete com o Mistério de Jesus, nos chamando da escravidão para a liberdade, do luto para a alegria, da servidão para a plena cidadania na Jerusalém celeste.

INTRODUÇÃO

Apresentamos a todos os que servem a Sagrada Liturgia este Diretório que reúne as diretrizes mais elementares sobre a celebração do grande Mistério de nossa fé. Inicialmente encontramos uma síntese teológica sobre a Liturgia, de grande valor para evitar o risco do ritualismo em nossas celebrações, pois esta tendência ocorre quando os agentes litúrgicos promovem ações desconexas da vida pessoal e comunitária, e sem nenhum conhecimento sobre o Mistério da fé mediado por tais ritos. Depois, apresentamos algumas orientações gerais sobre a celebração da Missa, da Palavra de Deus com distribuição da Eucaristia e das Adorações Eucarísticas. A seguir, capítulos que abordam especificamente a ação litúrgica dos animadores de cantos e dos leitores dentro da Missa.

Na sua grande maioria, todas as orientações são fundamentadas nos principais documentos e instruções litúrgicas promulgados pela Igreja, em especial: Instrução Geral sobre o Missal Romano,¹ Instrução Redemptionis Sacramentum, Introdução Geral ao Lecionário (Ordo Lectionum Missae), A Sagrada Comunhão e o Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa, Diretório das Celebrações Dominicais na ausência do presbítero. Convidamos que todos procurem posteriormente aprofundar seus conhecimentos estudando estes documentos por completo.

Aqui não tratamos das celebrações eucarísticas conjugadas com a Liturgia das Horas, sacramentos ou sacramentais, ou celebrações especiais que decorrem ao longo do ano litúrgico devido à complexidade e extensão do assunto. Mas para isso, indicamos o auxílio do Diretório de Liturgia editado anualmente pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), das rubricas do Missal Romano e dos rituais dos sacramentos ou sacramentais que se pretendem celebrar.

Este Diretório deseja ser um instrumento orientativo e jamais quer anular a criatividade das Equipes de Liturgia na comunidade. Toda criatividade é útil e necessária para que a assembleia insira-

¹ **CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB.** *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário* - Texto Oficial, Edições CNBB, Brasília, 2008. As próximas citações virão abreviadas da seguinte forma: IGMR, seguidas do número de referência.

se plenamente no Mistério Pascal de Cristo. Porém ser criativo supõe necessariamente formação e conhecimento teológico para não violar a Tradição da fé cristã ministrada e conservada pela Liturgia da Igreja. Toda inovação só será proveitosa, fecunda e renovadora para a comunidade se corresponder a critérios litúrgicos, expressando seus sentimentos de comunhão com os nossos pastores.

Além das orientações diversas para as Celebrações Eucarísticas e as Celebrações da Palavra, este Diretório apresenta dois capítulos de igual importância: Orientações para Missas com Crianças e para Missas transmitidas pelos Meios de Comunicação.

Que este Diretório promova o culto da Eucaristia baseado na fidelidade ao Magistério da Igreja, enriquecendo o serviço das Equipes de Liturgia para celebrarmos ativa, consciente e frutuosamente o Mistério Pascal de Cristo em cada comunidade, tendo em vista o seguinte ensinamento: “A força da ação litúrgica não está na mudança frequente dos ritos, mas sim, verdadeiramente, em aprofundar na palavra de Deus e no mistério que se celebra”.²

Grupo de Reflexão da Ação Evangelizadora

Diocese de Toledo

² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Redemptionis Sacramentum*, 25 de março de 2004, n. 39.

APRESENTAÇÃO

- 01 O Mistério Eucarístico constitui o coração da Igreja. Ele “é o dom que Jesus Cristo faz de si mesmo, revelando-nos o amor infinito de Deus por todo o homem”.³
- 02 A Eucaristia está na origem de toda a forma de santidade, sendo cada um de nós chamado à plenitude de vida no Espírito Santo. Este mistério santíssimo seja verdadeiramente acreditado, devotamente celebrado e intensamente vivido. A doação que Jesus faz de Si mesmo no sacramento memorial da sua paixão, atesta que o êxito da nossa vida está na participação da vida trinitária, que nos é oferecida n’Ele de forma definitiva e eficaz. A celebração e a adoração da Eucaristia permitem abeirar-nos do amor de Deus e a ele aderir pessoalmente até à união com o bem-amado Senhor.⁴
- 03 A fé da Igreja é essencialmente fé eucarística e alimenta-se, de modo particular, à mesa da Eucaristia. A fé e os sacramentos são dois aspectos complementares da vida eclesial. Suscitada pelo anúncio da palavra de Deus, a fé é alimentada e cresce no encontro com a graça do Senhor ressuscitado que se realiza nos sacramentos: a fé exprime-se no rito e este revigora e fortifica a fé. O sacramento do altar está sempre no centro da vida eclesial; graças à Eucaristia, a Igreja renasce sempre de novo! Quanto mais viva for a fé eucarística do Povo de Deus, tanto mais profunda será a sua participação na vida eclesial por meio duma adesão convicta à missão que Cristo confiou aos seus discípulos”.⁵
- 04 “Cada esforço de santidade, cada iniciativa para realizar a missão da Igreja, cada aplicação dos planos pastorais deve extrair a força de que necessita do mistério eucarístico e orientar-se para ele como o seu ponto culminante”.⁶

³ **BENTO XVI.** *Exortação Apostólica Sacramentum Caritatis*, 22 de fevereiro de 2007, n. 1.

⁴ Cf. Idem, n. 94.

⁵ Cf. Idem, n. 6.

⁶ **JOÃO PAULO II.** *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*, 17 de abril de 2003, n. 60.

- 05 Somos chamados a cultivar, quer na celebração da Missa, quer no culto eucarístico fora da Missa, uma viva consciência da presença real de Cristo na Eucaristia, tendo o cuidado de testemunhá-la com o tom da voz, com os gestos, com os movimentos, com todo o conjunto do comportamento.⁷
- 06 “A liturgia exprime e celebra a única fé professada por todos e, sendo herança de toda a Igreja, não pode ser determinada pelas Igrejas locais isoladamente da Igreja universal”.⁸ “Por isso, sinto o dever de fazer um veemente apelo para que as normas litúrgicas sejam observadas, com grande fidelidade, na celebração eucarística. Constituem uma expressão concreta da autêntica eclesialidade da Eucaristia; tal é o seu sentido mais profundo... O sacerdote, que celebra fielmente a Missa segundo as normas litúrgicas, e a comunidade, que às mesmas adere, demonstram de modo silencioso, mas expressivo, o seu amor à Igreja. A ninguém é permitido aviltar este mistério que está confiado às nossas mãos: é demasiado grande para que alguém possa permitir-se de tratá-lo a seu livre arbítrio, não respeitando o seu caráter sagrado nem a sua dimensão universal”.⁹
- 07 A organização da vida litúrgica em todos os níveis eclesiais e uma permanente formação litúrgica do povo, dos ministros e das equipas de liturgia, deve receber um carinho permanente da Diocese. Conclamo que dediquemos atenção especial à Pastoral Litúrgica, levando em conta o contexto social, histórico, cultural e eclesial das comunidades, tendo em vista a participação ativa, consciente e plena de todos na celebração, para dela colherem os frutos espirituais.
- 08 Concluo com as palavras de Bento XVI, proferidas na homilia da celebração eucarística da Ceia do Senhor de 2007: “Oremos ao Senhor para que nos ajude a compreender cada vez mais profundamente este mistério maravilhoso, a fim de o amarmos sempre mais e, nele, para que O amemos cada vez mais.

⁷ Cf. JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Mane Nobiscum Domine*, 07 de outubro de 2004, Paulinas, São Paulo, 2004, n. 18.

⁸ *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*, n. 51.

⁹ *Idem*, n. 52.

Peçamos-lhe que nos atraia com a Sagrada Comunhão cada vez mais para junto de si. Rezemos para que Ele nos ajude a não conservar a vida para nós mesmos, mas a oferecê-la a Ele e, desta forma, a trabalhar juntamente com Ele, a fim de que os homens encontrem a vida verdadeira, que só pode vir daquele que Ele mesmo é, o Caminho, a Verdade e a Vida!”

Toledo, 12 de outubro de 2007.

Solenidade de Nossa Senhora da Conceição Aparecida

Dom Francisco Carlos Bach
Bispo de Toledo



A NATUREZA DA LITURGIA

1- HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

- 09 O ponto de partida para compreendermos a Liturgia, segundo a renovação proposta pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), é a perspectiva da História da Salvação, isto é, Deus participa e intervém na história humana revelando-se e conduzindo sua criação segundo um projeto de Amor.
- 10 A História da Salvação possui três momentos:

a) Tempo da Promessa

Este momento consiste na preparação segundo a intervenção paciente ao longo dos séculos pelo Pai na história e na cultura do povo de Israel através dos acontecimentos e dos profetas (Hb 1,1);

b) Plenitude dos Tempos

É o cumprimento das promessas do Antigo Testamento e do desígnio de Amor do Pai na pessoa do Filho de Deus, Jesus Cristo. Assim, com a encarnação de Cristo, Deus vem ao encontro e se une à humanidade, divinizando-a em Cristo pelo Mistério Pascal. O Mistério Pascal é o centro da História da Salvação e o objeto principal da Liturgia da Igreja;

c) Tempo da Igreja

É o prolongamento da História da Salvação realizada pelo Mistério Pascal de Cristo e exercida pela Igreja através do Espírito Santo em todas as nações e povos até o fim dos tempos.

- 11 Um dos sentidos mais belos da palavra “salvar” é “unir-se com Deus”.¹⁰ Na História da Salvação o que impulsiona o agir de Deus e o que deve ficar em primeiro plano é o desígnio eterno de Amor do Pai que antecede toda a criação, e não o Pecado. É o que percebemos em São Paulo: “E nos escolheu n’Ele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante de seus olhos” (Ef 1,4). Portanto, na Liturgia da Igreja, Deus prossegue a História

¹⁰ Isso se fundamenta no projeto original da criação narrado nos três primeiros capítulos do livro do Gênesis. A situação original do ser humano no relacionamento com Deus é a amizade, o estar juntos. Com o pecado, esta situação original foi degenerada. Após desobediência a Deus, Adão e Eva fogem, se escondem e se afastam de Deus que os procura no Jardim do Éden.

da Salvação,¹¹ e, a cada celebração, o mistério pascal de Cristo é atualizado, e, pela força do Espírito Santo de Deus, os batizados permanecem unidos a Cristo e se tornam suas testemunhas.

2- O QUE É LITURGIA?

- 12 O conceito etimológico da palavra liturgia indica uma ação em benefício do bem comum. O Catecismo da Igreja Católica apresenta a Liturgia Cristã como uma obra da Santíssima Trindade¹² realizada por Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, através do seu Corpo Místico, que é a Igreja, em favor de toda a humanidade.
- 13 Na Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, a Liturgia é considerada como o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e realizada a santificação do homem; e é exercido o culto público integral pelo Corpo Místico de Cristo, Cabeça e membros. Disto se segue que toda a celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote, e de Seu Corpo que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia, no mesmo título e grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja.¹³
- 14 Os cristãos reunindo-se numa assembleia litúrgica, além de manifestar o Mistério de Igreja, manifestam também o Mistério de Cristo, presente na comunidade eclesial, que age para a salvação de toda a criação. Portanto, a Igreja não é a única destinatária dos benefícios concedidos por Deus, mas toda a humanidade se beneficia quando a Igreja celebra.
- 15 Esta participação nos atos salvíficos de Cristo na Liturgia ocorre no exercício do sacerdócio régio concedido a todo batizado. A participação plena, consciente e ativa do cristão numa celebração litúrgica torna-se um direito e uma obrigação¹⁴ e deve ser respeitado e promovido pelos ministérios ordenados ou não, principalmente por meio de estudos e formações.

¹¹ Cf. CONCÍLIO EUMÊNICO VATICANO II, *Constituição Conciliar sobre a Liturgia Sacrosanctum Concilium*, Paulus, São Paulo, 2001, n. 6.

¹² Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, Loyola, São Paulo, 2003, n. 1077-1109.

¹³ Cf. *Constituição Conciliar sobre a Liturgia Sacrosanctum Concilium*, n. 7.

¹⁴ Cf. *idem*, n. 14.

3- COMO A LITURGIA ACONTECE?

- 16 A ação salvífica na Liturgia ocorre por meio de uma linguagem chamada rito. O rito constitui-se num ordenamento de ações simbólicas, formadas por gestos e palavras, que busca a integração entre Deus e os homens.
- 17 O rito é uma linguagem criada por um determinado grupo de pessoas e assumida publicamente por Deus, como percebemos desde o Antigo Testamento na prescrição da Páscoa Judaica.¹⁵ Na celebração eucarística, constatamos que a Liturgia Cristã assume o culto judaico realizado por Jesus na última ceia com os discípulos, porém insere-se neste culto antigo a novidade redentora da morte e ressurreição de Cristo, que chamamos de Mistério Pascal.
- 18 O rito possui as seguintes finalidades:
- a) celebrar a Aliança eterna entre Deus e os homens realizada no Mistério Pascal;
 - b) transmitir com fidelidade o patrimônio da fé de geração em geração (Tradição da Igreja);
 - c) manter a unidade da Igreja segundo uma linguagem simbólica determinada (Rito Romano).
- 19 Com a renovação litúrgica, a compreensão das ações simbólicas fundamenta-se na tradição bíblica. Antes havia muitos tradicionalismos conservados no agir ritual da Igreja, fruto das épocas e dos povos ao longo da história da Igreja. Hoje, busca-se beber das fontes da Revelação e inculturar estas ações simbólicas na história contemporânea dos povos.

4- CELEBRAÇÃO DO MEMORIAL

- 20 No rito, a Igreja celebra o memorial do evento central da história da salvação que é o Mistério Pascal de Cristo. Nesta frase temos mais dois conceitos fundamentais em Liturgia:
- 21 - **Celebrar:** é uma palavra de origem latina com a mesma raiz das palavras *célebre*, *celebridade*, e *significa lembrar, recordar, não deixar cair no esquecimento*. No Antigo Testamento temos várias referências

¹⁵ Cf. Ex 12,1-28. Este ritual é originário de uma fusão de duas antigas culturas, anteriores à formação do povo de Israel e que habitavam naquelas regiões: os povos nômades que eram pastores e os povos sedentários que trabalhavam na agricultura. Ambos celebravam na primavera do Hemisfério Norte. Para maiores aprofundamentos: SERRANO, Vicente, *A Páscoa de Jesus em seu tempo e hoje*, Coleção Liturgia e Participação, Paulinas, São Paulo, 1997.

sobre esta dimensão da vida da fé e vemos também os danos e os sofrimentos para o Povo de Israel quando eles *esqueciam* da Aliança com Deus,¹⁶ isto é, não celebravam plenamente (fé e vida) esta aliança. A arte de celebrar está em unidade com a participação ativa e frutuosa dos fiéis. A celebração do rito, que faz memória da salvação, “garante a vida de fé de todos os crentes, chamados a viver a celebração enquanto povo de Deus, sacerdócio real e nação santa”.¹⁷

22 - Memorial: A categoria de “memorial” (em hebraico “zikkaron”, em grego “anamnesis”) foi a primeira que serviu para definir o que é a Eucaristia para os cristãos. O mandato de Jesus foi “Fazei isto em minha memória” (1Cor 11,25). Para os cristãos, o memorial da Morte e Ressurreição de Cristo não é somente recordação ou comemoração, mas a convicção de que Cristo Jesus, agora Ressuscitado, atualiza e nos comunica em cada celebração a força salvadora do acontecimento da cruz. É uma recordação eficaz, uma celebração que de algum modo atualiza o que recorda, ou seja, é um “sacramento” do acontecimento passado. Além disso, o memorial visa também o futuro, pois, em cada Missa, o comer o Pão e beber o Vinho, que são o Corpo e Sangue de Cristo (presente), proclamamos a morte do Senhor (passado) até que ele venha (futuro). Portanto, quando celebramos o memorial do Mistério Pascal sob a força do Espírito Santo, presente nas ações da Igreja, nós estamos:

a) recordando a Aliança nova e eterna entre Deus e a humanidade, selada em Jesus Cristo num momento histórico da humanidade (Plenitude dos Tempos);

b) atualizando a presença e a ação de Cristo no mundo, por meio da ação sacramental da Igreja, ligada com o compromisso pessoal e comunitário na vivência e testemunho dos ensinamentos evangélicos;

c) profetizando a consumação do Reino de Deus no mundo, que ainda está em construção e por vir plenamente no fim dos tempos.

5- O MISTÉRIO DA EUCARISTIA

23 “O nosso Salvador instituiu na última ceia, na noite em que foi entregue, o sacrifício eucarístico do seu corpo e do seu sangue para perpetuar no decorrer dos séculos, até Ele voltar, o sacrifício da cruz, e para confiar assim à Igreja, sua esposa amada, o memorial da

¹⁶ Cf. Sl 137/136,5-6; Ex 20,8-11; Dt 8,1-6; 16,1-8

¹⁷ Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*, n. 38.

sua morte e ressurreição: sacramento da piedade, sinal de unidade, vínculo da caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da glória futura”.¹⁸

- 24 A celebração da Eucaristia é o centro da vida trinitária¹⁹ que alimenta toda a vida cristã, sem a qual uma comunidade não cresce e nem se edifica no conhecimento do Evangelho e na prática de boas obras da fé. Portanto, celebrar a Eucaristia é atualizar a livre entrega do dom da Vida de Cristo à humanidade como alimento e penhor do céu, de tal forma que sem este sacramento a comunidade cristã não pode viver. É uma necessidade do cristão participar da celebração dominical e alimentar-se do pão eucarístico, pois de outro modo não se pode encontrar a força necessária para o caminho que há de percorrer.²⁰
- 25 Na celebração da Eucaristia a Igreja peregrina se une com a Igreja celeste,²¹ realizando-se por Cristo, com Cristo e em Cristo um intercâmbio de dons e graças. Daí a necessidade dos cristãos serem preparados para bem participar neste infinito Mistério de amor confiado, desde a noite do cenáculo, à Igreja.

¹⁸ *Constituição Conciliar sobre a Liturgia, Sacrosanctum Concilium*, n. 47.

¹⁹ Cf. *Carta Apostólica Mane Nobiscum Domine*, n. 11.

²⁰ Cf. Homília do Papa Bento XVI no encerramento do XXIV Congresso Eucarístico Nacional Italiano, em Bari, no dia 29 de maio de 2005.

²¹ “Cremos na comunhão de todos os fiéis de Cristo, dos que são peregrinos na terra, dos defuntos que estão terminando a sua purificação, dos bem-aventurados do céu, formando todos juntos uma só Igreja, e cremos que nesta comunhão o amor misericordioso de Deus e dos seus santos está sempre à escuta das nossas orações” (*Catecismo da Igreja Católica*, Loyola, São Paulo, 2003, n. 962).



ORIENTAÇÕES GERAIS PARA A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

1. O ANO LITÚRGICO

- 26 A liturgia é a celebração do Mistério Pascal de Cristo. Em volta deste núcleo fundamental de nossa fé, celebramos no Ano Litúrgico a memória do Ressuscitado na vida de cada pessoa e de cada comunidade. É a “páscoa de Cristo na páscoa da gente, páscoa da gente na páscoa de Cristo”.²² O Ano Litúrgico “revela todo o mistério de Cristo no decorrer do ano, desde a encarnação e nascimento até a ascensão, ao Pentecostes e à expectativa da feliz esperança da vinda do Senhor”.²³ Ele, assim propõe ao povo um caminho espiritual, ou seja, a vivência da graça própria de cada aspecto do mistério de Cristo, presente e operante nas diversas festas e nos diversos tempos litúrgicos.²⁴ A Igreja celebra o Mistério Pascal de Cristo ao longo do ano litúrgico que inicia no 1º domingo do Advento e encerra no sábado da semana da Solenidade de Cristo Rei (33º ou 34º domingo do Tempo Comum).
- 27 O núcleo estrutural do ano litúrgico é o domingo, o dia da ressurreição do Senhor, dia em que a comunidade é convocada de modo muito especial por Cristo para se reunir e celebrar a Eucaristia.
- 28 “O dia litúrgico se estende de meia-noite a meia-noite. A celebração do domingo e das solenidades, porém, começa com as vésperas do dia precedente”.²⁵
- 29 Para cada tempo litúrgico existe uma espiritualidade e uma normativa própria nas celebrações eucarísticas. Entretanto não abordaremos profundamente este tema devido à extensão do assunto. Que as Equipes Litúrgicas sempre consultem o *Diretório da Liturgia* publicado anualmente pela CNBB que traz preciosas orientações para as celebrações de cada dia do ano.

²² CNBB. *Animação da vida litúrgica no Brasil*, n. 300.

²³ *Constituição Conciliar sobre a Liturgia Sacrosanctum Concilium*, n. 102.

²⁴ Cf. CONGREGAÇÃO DOS RITOS. *Normas Universais sobre o Ano Litúrgico e o Calendário*, n. 1.

²⁵ **CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB**. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Leccionário* - Texto Oficial, *Normas Universais sobre o Ano Litúrgico e o Calendário*, n. 3. Edições CNBB, Brasília, 2008.

2. AS CORES LITÚRGICAS DOS PARAMENTOS

30 As cores litúrgicas são sinais que auxiliam a assembleia penetrar no Mistério Pascal desenvolvido ao longo do ano. As cores litúrgicas referem-se primeiramente aos paramentos dos ministros ordenados.²⁶ É possível utilizar estas cores nas vestes dos coroinhas ou em pequenos arranjos no presbitério e na nave da igreja (fora do presbitério). Tudo isto depende da criatividade, do bom-senso, simplicidade e beleza com que se ornamenta o espaço sagrado, com a aprovação do pároco.

31 As cores adotadas pela Liturgia da Igreja Católica²⁷ são:

a) **Branca ou Dourada:** manifesta a alegria, a festa e a vitória do Senhor sobre o pecado. É usada no Tempo Pascal e do Natal do Senhor; nas celebrações do Senhor, exceto as de sua Paixão, da Bem-aventurada Virgem Maria, dos Santos Anjos, dos Santos não Mártires, nas solenidades de Todos os Santos (no domingo posterior a 01 de novembro), de São João Batista (24 de junho), nas festas de São João Evangelista (27 de dezembro), da Cátedra de São Pedro (22 de fevereiro), e da Conversão de São Paulo (25 de janeiro).

b) **Vermelha:** manifesta o fogo e o amor divino do Espírito Santo, e o sangue e o sacrifício daqueles que foram fiéis até o martírio. É usada no Domingo da Paixão (Ramos), na Sexta-feira Santa, no Domingo de Pentecostes, nas festas natalícias dos Apóstolos e Evangelistas e nas celebrações dos Santos Mártires.

c) **Verde:** é a cor que exprime a juventude da Igreja e a esperança da vida eterna de quem está caminhando no tempo. É usada durante o Tempo Comum.

d) **Roxa:** simboliza a penitência e a conversão. É usada no tempo do Advento e da Quaresma. É usada nas celebrações dos Fiéis defuntos.

e) **Preta:** pode ser usada, onde for costume, nas celebrações dos fiéis defuntos.

f) **Rosa ou Violáceo:** manifesta a alegria da proximidade do Senhor e a pausa no rigor penitencial. Pode ser usada no 3º domingo do Advento e no 4º domingo da Quaresma.

²⁶ Atenção para não confundir os termos: os ministros ordenados (bispo, presbítero, diácono) com os outros ministros leigos que podem ser instituídos ou não, e estão a serviço da Liturgia.

²⁷ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB. *Diretório da Liturgia e da organização da Igreja no Brasil*, Edições CNBB, Brasília, 2007, n. XVI, p. 36; IGMR, 346. Sobre a cor dourada, o diretório da Liturgia 2007 e a Instrução Geral para o Missal Romano prevêm que “em dias mais solenes podem ser usadas vestes sagradas festivas ou mais nobres, mesmo que não sejam da cor do dia” (IGMR 346).

3. DIÁLOGO ESPONSAL DA CELEBRAÇÃO LITÚRGICA

- 32 A Carta Apostólica *Spiritus et Sponsa*, escrita pelo papa João Paulo II em 2003, na comemoração do 40º aniversário da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, apresenta a dinâmica celebrativa da Liturgia da Igreja na contemplação do livro do Apocalipse: “O Espírito e a Esposa dizem: ‘Vem!’ Que aquele que ouve diga também: ‘Vem!’ Que o sedento venha, e quem o deseja receba gratuitamente a água da vida” (Ap 22,17).
- 33 Assim a Igreja como Esposa, impulsionada pelo Espírito Santo, pede constantemente a vinda do seu Esposo, Jesus Cristo, para nutri-la de todas as graças e bênçãos de Vida Eterna (cf. Ef 1,3-14). Tudo isto remonta à experiência do apóstolo Paulo sobre o Matrimônio, onde ele o compara como a união de Cristo com a sua Igreja (cf. 5,21-32).
- 34 Esta dinâmica de proposta e resposta entre o Esposo e a Esposa é concretizada nas celebrações litúrgicas onde Cristo age por meio do sacerdote mediante o diálogo entre ele e a assembleia, que é imagem de toda a Igreja.²⁸ Assim o sacerdote, agindo pela força do sacramento da Ordem, revela e propõe para a Igreja o amor salvador. E a Igreja, pela assembleia litúrgica, O ouve e, no seu momento, responde ao amor do seu Esposo, que é o Cristo na pessoa do sacerdote. Esta é a razão pela qual a assembleia não deve rezar junto com o sacerdote certas orações da Missa. Há certas partes da celebração da Missa que são próprias do sacerdote (bispo ou presbítero) e outras próprias da assembleia.²⁹ Por exemplo, a Oração Eucarística é uma oração sacerdotal no qual a assembleia pode participar através da escuta da voz do sacerdote e intervir nas aclamações já previstas. Existem outras partes da celebração eucarística que já estão determinadas pelo Missal indicando qual é a voz do Esposo (Cristo na pessoa do sacerdote) e qual é a voz da Esposa (Igreja). Ignorar esta dinâmica é romper este relacionamento amoroso. Assim como num casamento, onde não existe diálogo entre os cônjuges não existe a experiência verdadeira do amor.

²⁸ Na homilia do Papa Bento XVI, por ocasião da Missa Crismal da quinta-feira santa, 13 de abril de 2006, sobre a mediação do sacerdote, diz o seguinte: “Deste modo, também o sacerdócio se tornou algo de novo: já não é uma questão de descendência, mas um encontrar-se no mistério de Jesus Cristo. Ele é sempre Aquele que doa e, no alto, nos atrai a Si. Somente Ele pode dizer: “Isto é o meu Corpo. Isto é o meu Sangue”. O mistério do sacerdócio da Igreja encontra-se no fato de que nós, pobres seres humanos, em virtude do Sacramento, podemos falar com o seu Eu: *in persona Christi*. Ele quer exercer o seu sacerdócio através de nós” (BENTO XVI. *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa*, Basílica de São Pedro, 13.04.2206, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060413_messa-crismale_po.html).

²⁹ Cf. *Código de Direito Canônico*, Loyola, São Paulo, 2003, cân. 907: “Na celebração eucarística, não é permitido aos diáconos e leigos proferir as orações, especialmente a oração eucarística, ou executar as ações próprias do sacerdote celebrante”.

- 35 Para frisar mais, lembremos o que diz o Concílio: “Nas celebrações litúrgicas, limite-se cada um, ministro ou simples fiel, exercendo o seu ofício, a fazer tudo e só o que é de sua competência, segundo a natureza do rito e as leis litúrgicas”.³⁰

4. O SILÊNCIO SAGRADO

- 36 Faz-se necessário destacar a importância que possui o silêncio na celebração. O silêncio sagrado é parte integrante da celebração e como tal deve ser respeitado para favorecer a ação do Espírito Santo no coração humano.³¹
- 37 A natureza do silêncio depende do momento em que ocorre:³²
- a) antes do início da celebração, tanto na igreja, na sacristia e nos lugares mais próximos;
 - b) no ato penitencial, após a motivação do presidente;
 - c) depois do “Oremos” da oração do dia e da oração depois da comunhão;
 - d) após a proclamação de uma leitura ou após a homilia;
 - e) durante a narrativa da instituição e consagração do pão e do vinho;
 - f) após a comunhão eucarística.

5. OS GESTOS E AS POSIÇÕES DO CORPO

- 38 Os gestos e as posições do corpo “devem contribuir para que toda a celebração resplandeça pelo decoro e nobre simplicidade, se compreenda a verdadeira e plena significação de suas diversas partes e se favoreça a participação de todos”.³³ A mesma posição do corpo realizada pela assembleia é sinal da unidade dos membros da comunidade cristã, exprime e estimula os pensamentos e sentimentos dos participantes.
- 39 As posições do corpo ao longo da Missa são:
- a) **de pé:** é sinal da prontidão, do serviço, da ressurreição, da dignidade dos filhos de Deus. Ficamos de pé na procissão de entrada

³⁰ *Constituição Conciliar sobre a Liturgia Sacrosanctum Concilium*, n. 28.

³¹ Cf. *Constituição Conciliar sobre a Liturgia Sacrosanctum Concilium*, n. 30.

³² Cf. IGMR, 45.

³³ IGMR, 42 e cf. *Constituição Conciliar sobre a Liturgia Sacrosanctum Concilium*, n. 21 e 30.

até a oração do dia inclusive, na aclamação ao Evangelho, bem como na sua proclamação, na profissão de Fé, na oração da comunidade, e do convite “Orai irmãos e irmãs..”. até o fim da Missa, exceto nas partes citadas em seguida;³⁴

b) *sentado*: é a atitude de quem ouve e medita a Palavra de Deus. Sentamos durante as leituras bíblicas antes do Evangelho, homilia, preparação das oferendas e depois da comunhão;³⁵

c) *de joelhos*: recomenda-se ajoelhar-se durante a consagração, a não ser que por motivo de saúde ou falta de espaço ou grande número de presentes ou outras causas razoáveis não o permitam. Contudo, aqueles que não se ajoelham na consagração, façam inclinação profunda enquanto o sacerdote faz genuflexão após a consagração;³⁶

d) *genuflexão*: é um gesto de reverência no qual se dobra o joelho direito até o chão como sinal de adoração e humildade diante do Santíssimo Sacramento e, em certas ocasiões, como na sexta-feira santa, diante da cruz. Na celebração da Missa, se o Santíssimo Sacramento estiver no centro do presbitério, realizamos só uma genuflexão em direção ao altar e à Eucaristia, tanto na procissão de entrada como na Procissão de Saída após a bênção de envio. Nestas procissões, os “que levam a cruz processional e as velas, em vez de genuflexão, fazem inclinação de cabeça”³⁷ ao altar e o que conduz o Evangeliário omite tanto a genuflexão como a inclinação.³⁸ No decorrer da celebração, todos os que passarem em frente do altar e do Santíssimo fazem somente a inclinação de corpo.³⁹ Além disso, o sacerdote presidente realiza três genuflexões: uma depois da apresentação do pão e outra depois da apresentação do cálice com o vinho, durante a consagração; e por fim, após a oração do Cordeiro de Deus, antes da comunhão.⁴⁰ Quando os sacerdotes concelebrantes se aproximarem do altar para comungar, realizem a genuflexão;⁴¹

e) *inclinação*: é um gesto que manifesta “a reverência e a honra que se atribuem às próprias pessoas ou a seus símbolos. Há duas espécies de inclinação: de cabeça e de corpo.

³⁴ Cf. IGMR, 43.

³⁵ Cf. IGMR, n. 43.

³⁶ Cf. IGMR, n. 43.

³⁷ IGMR, 274.

³⁸ Cf. IGMR, 173.

³⁹ Cf. IGMR, 274.

⁴⁰ Cf. IGMR, 274.

⁴¹ Cf. IGMR, 242, 246 e 248.

a. **Inclinação de cabeça:** faz-se quando se nomeiam juntas as três Pessoas Divinas (por exemplo: Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo...), ao nome de Jesus, da Virgem Maria e do Santo em cuja honra se celebra a Missa.

b. **Inclinação de corpo ou inclinação profunda:** faz-se ao altar (desde que não se encontre o Santíssimo no centro do presbitério), às orações *Ó Deus todo poderoso, purificai-me*⁴² e *De coração contrito*,⁴³ no símbolo da fé às palavras *E se encarnou*; no Cânon Romano (Oração Eucarística I) às palavras *Nós vos suplicamos*. O diácono faz a mesma inclinação quando pede a bênção antes de proclamar o Evangelho. Além disso, o sacerdote inclina-se um pouco quando, na consagração, profere as palavras do Senhor”.⁴⁴

6. MISSAS RITUAIS

- 40 As Missas rituais são celebrações eucarísticas unidas a outros sacramentos ou sacramentais como, por exemplo, confirmação, ordenação, matrimônio e profissão religiosa.
- 41 Para as Missas rituais, há uma seleção especial de textos da Sagrada Escritura e formulários específicos de orações para a celebração de cada sacramento ou sacramental.⁴⁵ A utilização destes textos bíblicos e formulários de orações das Missas rituais, bem como a sua cor litúrgica, é permitida todos os dias, exceto “nos domingos do Advento, da Quaresma, da Páscoa, nas solenidades, nos dias da oitava da Páscoa, na comemoração de Todos os Fiéis defuntos, na quarta-feira de Cinzas e nos dias de semana da Semana Santa, observando-se, além disso, as normas contidas nos livros rituais e nas próprias Missas”.⁴⁶

7. MISSA COM DIÁCONO

- 42 “Quando está presente à celebração eucarística, o diácono, revestido das vestes sagradas, exerça seu ministério. Assim, o diácono:

⁴² Esta oração é feita em silêncio pelo sacerdote diante do altar, quando ele se dirige ao ambão para a proclamação do Evangelho.

⁴³ Também é recitada em silêncio, após a oração sobre o cálice na apresentação das oferendas.

⁴⁴ IGMR, 275.

⁴⁵ Cf. IGMR, 359. Consulte-se o Ritual Romano para o Sacramento ou Sacramental que se deseja unir à Missa, para conhecer os seus textos bíblicos e seus formulários de orações.

⁴⁶ IGMR, 372.

- a) assiste o sacerdote e caminha a seu lado;
 - b) ao altar, encarrega-se do cálice e do livro (Missal);
 - c) proclama o Evangelho e, por mandado do presidente da celebração, pode fazer a homilia;
 - d) orienta o povo fiel através de oportunas exortações e enuncia as intenções da oração universal;
 - e) auxilia o sacerdote na distribuição da Comunhão, purifica e recolhe os vasos sagrados;
 - f) se não houver outros ministros, exerce as funções deles, conforme a necessidade”.⁴⁷
- 43** Na procissão de entrada, “conduzindo o Evangeliário, pouco elevado, o diácono precede o sacerdote que se dirige ao altar; se não, caminha a seu lado”.⁴⁸
- 44** “Chegando ao altar, se conduzir o Evangeliário, omitida a reverência, sobe ao altar. E, tendo colocado o Evangeliário com deferência sobre o altar, com o sacerdote venera o altar com um ósculo (beijo). Se, porém, não conduzir o Evangeliário, faz, como de costume, com o sacerdote profunda inclinação ao altar e, com ele, venera-o com um ósculo. Por fim, se for usado incenso, assiste o sacerdote na colocação do incenso e na incensação da cruz e do altar”.⁴⁹
- 45** “Incensado o altar, dirige-se para a sua cadeira com o sacerdote, permanecendo aí a seu lado e servindo-o quando necessário”.⁵⁰
- 46** “Enquanto é proferido o Aleluia ou outro canto, o diácono, quando se usa incenso, serve o sacerdote na imposição do incenso. Em seguida, profundamente inclinado diante do sacerdote, pede, em voz baixa a bênção, dizendo: *Dá-me a tua bênção*. O sacerdote o abençoa, dizendo: *O Senhor esteja em teu coração*. O diácono faz o sinal da cruz e responde: *Amém*. Em seguida, feita uma inclinação ao altar, toma o Evangeliário, que louvavelmente se encontra colocado sobre o altar e dirige-se ao ambão, levando o livro um pouco elevado, precedido do turiferário com o turíbulo fumegante e dos ministros com velas acesas. Ali, ele saúda o povo, dizendo de mãos unidas: *O Senhor esteja convosco* e, em seguida, às palavras *Proclamação do Evangelho*, traça o sinal da cruz com o polegar sobre o livro e, a seguir,

⁴⁷ IGMR, 171.

⁴⁸ IGMR, 172.

⁴⁹ IGMR, 173.

⁵⁰ IGMR, 174.

sobre si mesmo, na frente, sobre a boca e o peito,⁵¹ incensa o livro e proclama o Evangelho. Ao terminar, aclama: *Palavra da Salvação*, respondendo todos: *Glória a vós, Senhor*. Em seguida, beija o livro, dizendo em silêncio: *Pelas palavras do santo Evangelho*, e volta para junto do sacerdote. Quando o diácono serve ao bispo, leva-lhe o livro para ser osculado ou ele mesmo o beija, dizendo em silêncio: *Pelas palavras do santo Evangelho*. Em celebrações mais solenes o bispo, conforme a oportunidade, abençoa o povo com o Evangeliário. Por fim, o Evangeliário pode ser levado para a credência ou outro lugar adequado e digno”.⁵²

- 47 “Não havendo outro leitor preparado, o diácono profere também as outras leituras”.⁵³
- 48 “Após a introdução do sacerdote, o diácono propõe, normalmente do ambão, as intenções da oração dos fiéis (preces)”.⁵⁴
- 49 “Terminada a oração universal, enquanto o sacerdote permanece em sua cadeira, o diácono prepara o altar com a ajuda do acólito;⁵⁵ cabe-lhe ainda cuidar dos vasos sagrados. Assiste o sacerdote na recepção das dádivas do povo. Entrega ao sacerdote a patena com o pão que vai ser consagrado; derrama vinho e um pouco d’água no cálice, dizendo em silêncio: *Pelo mistério desta água e*, em seguida, apresenta o cálice ao sacerdote. Ele pode fazer esta preparação do cálice também junto à credência. Quando se usa incenso, serve o sacerdote na incensação das oferendas, da cruz e do altar, e depois ele mesmo ou o acólito incensa o sacerdote e o povo”.⁵⁶
- 50 “Durante a Oração Eucarística, o diácono permanece de pé junto ao sacerdote, mas um pouco atrás, para cuidar do cálice ou do Missal, quando necessário. A partir da epiclese (da invocação do Espírito Santo sobre as oferendas) até a apresentação do cálice o diácono normalmente permanece de joelhos. Se houver vários diáconos, um deles na hora da consagração pode colocar incenso no turíbulo e incensar na apresentação da hóstia e do cálice”.⁵⁷
- 51 “À doxologia final da Oração Eucarística, de pé ao lado do sacerdote, (o diácono) eleva o cálice, enquanto o sacerdote eleva a patena com a hóstia, até que o povo tenha aclamado: *Amém*”⁵⁸. A proclamação da

⁵¹ IGMR, 175, 134.

⁵² IGMR, 175.

⁵³ IGMR, 176.

⁵⁴ IGMR, 177.

⁵⁵ Por “acólito” entende-se aquela pessoa legitimamente instituída pela autoridade competente.

⁵⁶ IGMR, 178.

⁵⁷ IGMR, 179.

⁵⁸ IGMR, 180.

oração *Por Cristo, com Cristo e em Cristo* é exclusivamente sacerdotal. O diácono aclama o *Amém* juntamente com os fiéis leigos.

- 52 “Depois que o sacerdote disse a oração pela paz e: *A paz do Senhor esteja sempre convosco*, o povo responde: *O amor de Cristo nos uniu*, o diácono, se for o caso, faz o convite à paz, dizendo, de mãos juntas e voltado para o povo: *Meus irmãos e minhas irmãs, saudai-vos em Cristo Jesus*”.⁵⁹
- 53 Na celebração da Missa, a fração do pão eucarístico é realizada somente pelo presidente, ajudado, se é o caso, pelo diácono ou por um (sacerdote) concelebrante, mas jamais por um leigo (por exemplo: acólito, Ministro Auxiliar da Comunidade, coroinha...); inicia-se esta fração do pão depois de dar a paz, enquanto se recita o *Cordeiro de Deus*.⁶⁰
- 54 “Tendo o sacerdote comungado, o diácono recebe a Comunhão sob as duas espécies do próprio sacerdote⁶¹ e, em seguida, ajuda o sacerdote a distribuir a Comunhão ao povo. Sendo a Comunhão ministrada sob as duas espécies, apresenta o cálice aos comungantes e, terminada a distribuição, consome logo com reverência, ao altar, todo o Sangue de Cristo que tiver sobrado, com a ajuda, se for o caso, dos demais diáconos e dos presbíteros”.⁶²
- 55 “Concluída a distribuição da Comunhão, o diácono volta com o sacerdote ao altar e reúne os fragmentos, se houver. A seguir, leva o cálice e os outros vasos sagrados para a credência, onde os purifica e compõe como de costume, enquanto o sacerdote regressa à cadeira. Podem-se deixar devidamente cobertos na credência, sobre o corporal, os vasos a purificar e purificá-los imediatamente após a Missa, depois da despedida do povo”.⁶³
- 56 “Após a Oração depois da Comunhão, o diácono faz breves comunicações que se fizerem necessárias ao povo, a não ser que o próprio sacerdote prefira fazê-lo”.⁶⁴
- 57 “Se for usada a oração sobre o povo ou a fórmula da bênção solene, o diácono diz: *Inclinai-vos para receber a bênção*. Dada a bênção pelo sacerdote, o diácono despede o povo, dizendo de mãos unidas

⁵⁹ IGMR, 181.

⁶⁰ Cf. Instrução *Redemptionis Sacramentum*, n. 73; cf. IGMR, 83.

⁶¹ Na Missa, quando o diácono recebe a comunhão, o sacerdote apresenta-lhe o pão e o vinho eucarísticos dizendo: “O Corpo e o Sangue de Cristo” e o diácono professa sua fé dizendo: “Amém”. Porém, quando o sacerdote ou diácono apresenta o pão e o vinho eucarístico ao(s) sacerdote(s) concelebrante(s), nada se fale (cf. Instrução *Redemptionis Sacramentum*, n. 98). A razão disto se encontra na natureza do ministério sacerdotal que garante à Igreja que aquele pão e aquele vinho são a Eucaristia. O diácono não é sacerdote, por isso que, juntamente com os fiéis leigos, deve professar sua fé diante do sacramento da Eucaristia.

⁶² IGMR, 182.

⁶³ IGMR, 183.

⁶⁴ IGMR, 184.

e voltado para o povo: *Ide em paz e o Senhor vos acompanhe*".⁶⁵

- 58 "A seguir, junto com o sacerdote, venera com um ósculo (beijo) o altar e, feita uma inclinação profunda, retira-se como à entrada".⁶⁶

8. MISSA CONCELEBRADA

- 59 A Missa concelebrada ocorre quando há "participação simultânea de mais de um presbítero na celebração da mesma Eucaristia".⁶⁷ Esta forma de celebração eucarística manifesta "a unidade do sacerdócio e do sacrifício, bem como a unidade de todo o povo de Deus".⁶⁸

- 60 Para a Missa concelebrada há algumas determinações:

a) não é permitido celebrar a Eucaristia simultaneamente, ao mesmo tempo e na mesma igreja, em que se realiza outra celebração eucarística;⁶⁹

b) é proibida a concelebração do sacrifício eucarístico juntamente com ministros de comunidades eclesiais⁷⁰ que não tenham sucessão apostólica, nem reconhecida dignidade sacramental da ordenação sacerdotal ou que não estão em plena comunhão com a Igreja Católica;⁷¹

c) "os presbíteros em peregrinação sejam acolhidos de bom grado para a concelebração eucarística, contanto que seja reconhecida sua condição sacerdotal";⁷²

d) "ninguém se associe e nem seja admitido a concelebrar, depois de já iniciada a Missa".⁷³

- 61 Na procissão de entrada, os sacerdotes concelebrantes dirigem-se até o altar, seguindo à frente do sacerdote presidente da celebração.⁷⁴

- 62 Ao chegarem ao altar, os concelebrantes e o presidente da celebração veneram o altar com um ósculo (beijo), e se encaminham para as

⁶⁵ IGMR, 185.

⁶⁶ IGMR, 186.

⁶⁷ AUGE, Matias. Concelebração Eucarística. In: Domenico Sartore e Achille M. Triacca. *Dicionário de Liturgia*, Edições Paulinas, São Paulo, 1992, pg. 209.

⁶⁸ IGMR, 199.

⁶⁹ IGMR, 199.

⁷⁰ Compreende-se *ministros de comunidades eclesiais* os pastores de outras igrejas cristãs. Ex: Numa Celebração Eucarística da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, com presença de pastores, estes usarão da palavra quando concluída a Missa. Num Culto Ecumênico os pastores poderão usar da palavra após a proclamação dos textos bíblicos.

⁷¹ Cf. Instrução *Redemptionis Sacramentum*, n. 172 c e cf. *Código de Direito Canônico*, cân. 908.

⁷² Cf. IGMR, 200.

⁷³ IGMR, 206.

⁷⁴ Cf. IGMR, 210.

suas cadeiras. O presidente da celebração, se for oportuno, incensa a cruz e o altar e, em seguida, vai até a cadeira.⁷⁵

- 63 Durante a Liturgia da Palavra, os concelebrantes ocupam os seus lugares e levantam-se com o presidente da celebração. Iniciado o *Aleluia*, todos se levantam, exceto o bispo, que coloca incenso, sem nada dizer e dá a bênção ao diácono ou, na sua ausência, ao concelebrante que vai proclamar o Evangelho. Contudo, na concelebração presidida por um presbítero, o concelebrante que, na ausência do diácono proclama o Evangelho, não pede nem recebe a bênção do presidente da celebração.⁷⁶
- 64 A preparação dos dons (isto é, do pão e do vinho no altar) é feita pelo presidente da celebração, enquanto os outros concelebrantes permanecem nos respectivos lugares.⁷⁷
- 65 Depois que o presidente da celebração concluiu a oração sobre as oferendas, os concelebrantes aproximam-se do altar e colocam-se em torno dele, mas de tal forma que não dificultem a realização dos ritos e a visão das cerimônias sagradas por parte dos fiéis, nem impeçam o acesso do diácono ao altar ao exercer a sua função. O diácono exerce a sua função junto ao altar, ministrando, quando necessário, o cálice e o Missal. Contudo, quanto possível, permanece de pé, um pouco atrás, após os sacerdotes concelebrantes, colocados em torno do presidente da celebração.⁷⁸
- 66 “O *Prefácio* é cantado ou proclamado somente pelo sacerdote presidente da celebração; mas o *Santo* é cantado ou recitado por todos os concelebrantes junto com o povo e o grupo de cantores”.⁷⁹
- 67 Terminado o Santo, os sacerdotes concelebrantes prosseguem a Oração Eucarística na maneira como determinam as suas rubricas da Oração Eucarística. Só o presidente da celebração fará os gestos indicados, caso não se determine outra coisa.⁸⁰
- 68 Da oração da epíclese (isto é, invocação) sobre as oferendas até a oração da epíclese sobre a assembleia,⁸¹ os concelebrantes rezam todos juntos com o presidente da celebração, realizando os seguintes gestos:

⁷⁵ Cf. IGMR, 211.

⁷⁶ Cf. IGMR, 212.

⁷⁷ Cf. IGMR, 214.

⁷⁸ Cf. IGMR, 215.

⁷⁹ IGMR, 216.

⁸⁰ Cf. IGMR, 217.

⁸¹ Na Oração Eucarística II, inicia-se com as seguintes palavras: “E nós vos suplicamos, que, participando do Corpo e Sangue..”.

- a) estendendo suas mãos em direção às oferendas na oração da epiclese sobre as oferendas: *Dignai-vos, ó Pai, aceitar*;⁸²
- b) unindo as mãos no início do relato da instituição da Eucaristia;⁸³
- c) ao proclamar “as palavras do Senhor, com a mão direita estendida para o pão e o cálice [...]; à apresentação, olham para a hóstia e o cálice e depois se inclinam profundamente”;⁸⁴
- d) estendendo suas mãos na oração da memória do Mistério Pascal⁸⁵ e da epiclese sobre a assembleia.⁸⁶
- 69** “As partes que são proferidas conjuntamente por todos os concelebrantes e, sobretudo as palavras da consagração, que todos devem expressar, quando forem recitadas, sejam ditas em voz tão baixa de tal modo que se ouça claramente a voz do presidente da celebração. Dessa forma as palavras são mais facilmente entendidas pelo povo”.⁸⁷
- 70** Convém que as intercessões da Oração Eucarística sejam confiadas a um ou mais concelebrantes, que as recita sozinho, em voz alta, de mãos estendidas.⁸⁸
- 71** A doxologia final da Oração Eucarística (*Por Cristo, com Cristo, em Cristo...*) é proferida somente pelo presidente da celebração e concelebrantes, não, porém, pelos fiéis.⁸⁹
- 72** A seguir, o presidente da celebração, de mãos unidas, diz a exortação que precede a Oração do Senhor e, com as mãos estendidas, reza a Oração do Senhor com os demais concelebrantes, também de mãos estendidas e com todo o povo.⁹⁰
- 73** “O *Livrai-nos...* é dito apenas pelo presidente da celebração, de mãos estendidas. Todos os concelebrantes dizem com o povo a aclamação final: *Vosso é o reino*”.⁹¹
- 74** Depois do convite do diácono ou, na sua ausência, de um dos concelebrantes: *Meus irmãos e minhas irmãs, saudai-vos em Cristo Jesus*, todos se cumprimentam permanecendo sempre dentro do

⁸² Cf. IGMR, 222a, 227a, 230a, 233a.

⁸³ Cf. IGMR, 222b, 227b, 230b, 233b.

⁸⁴ IGMR, 222c, 227c, 230c, 233c.

⁸⁵ Esta oração inicia-se após a resposta da Assembleia diante do “Eis o Mistério da Fé!”. Na Oração Eucarística II, ela começa com as seguintes palavras: “Celebrando, pois, a memória...”

⁸⁶ Cf. IGMR, 222d, 227d, 230d, 233d.

⁸⁷ IGMR, 218.

⁸⁸ Cf. IGMR, 234.

⁸⁹ Cf. IGMR, 236.

⁹⁰ Cf. IGMR, 237.

⁹¹ IGMR, 238.

presbitério⁹². Os que se encontram mais próximos do presidente da celebração recebem a sua saudação antes do diácono.⁹³

- 75 “Durante o *Cordeiro de Deus*, os diáconos ou alguns dos concelebrantes podem auxiliar o presidente da celebração a partir as hóstias para a comunhão dos concelebrantes e do povo”.⁹⁴
- 76 “Após depositar no cálice a fração da hóstia, só o presidente de celebração, de mãos juntas, diz em silêncio a oração *Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus vivo*, ou *Senhor Jesus Cristo, o vosso Corpo e o vosso Sangue*”.⁹⁵
- 77 Terminada a oração antes da Comunhão, o presidente da celebração faz genuflexão e afasta-se um pouco. Um após os outros, os concelebrantes se aproximam do centro do altar, fazendo genuflexão e tomam do altar, com reverência, o Corpo de Cristo; segurando-o com a mão direita e colocando por baixo a esquerda, retornam a seus lugares. Podem, no entanto, permanecer nos respectivos lugares e tomar o Corpo de Cristo da patena que o presidente da celebração, ou um ou vários dos concelebrantes seguram, passando diante deles; ou então passam a patena de um a outro até o último.⁹⁶
- 78 “A seguir, o presidente da celebração toma a hóstia, consagrada na própria Missa, e, mantendo-a um pouco elevada sobre a patena ou sobre o cálice, voltado para o povo, diz: *Felizes os convidados*, e continua com os concelebrantes e o povo, dizendo: *Senhor, eu não sou digno*”.⁹⁷ Nas Missas concelebradas com maior número de presbíteros, cuide-se para que as hóstias utilizadas pelos concelebrantes também sejam consagradas na mesma Missa.⁹⁸
- 79 Em seguida, o presidente da celebração, voltado para o altar, diz em silêncio: *Que o Corpo de Cristo me guarde para a vida eterna*, e comunga com reverência o Corpo de Cristo. Os concelebrantes fazem o mesmo, tomando a Comunhão. Depois deles, o diácono recebe das mãos do presidente da celebração o Corpo do Senhor.⁹⁹
- 80 O Sangue do Senhor pode ser tomado por intinção ou diretamente do cálice. Quando a Comunhão é feita diretamente do cálice, pode-se usar um dos seguintes modos:

⁹² Cf. Instrução *Redemptionis Sacramentum*, n. 154.

⁹³ Cf. IGMR, 239.

⁹⁴ IGMR, 240.

⁹⁵ IGMR, 241.

⁹⁶ Cf. IGMR, 242.

⁹⁷ IGMR, 243.

⁹⁸ Cf. Instrução *Redemptionis Sacramentum*, n. 98.

⁹⁹ Cf. IGMR, 244.

a) O presidente da celebração, de pé ao meio do altar, toma o cálice e diz em silêncio: *Que o Sangue de Cristo me guarde para a vida eterna*, bebe um pouco do Sangue e entrega o cálice ao diácono ou a um concelebrante. A seguir, distribui a Comunhão aos fiéis. Os concelebrantes aproximam-se do altar, um a um, ou dois a dois quando se usam dois cálices, fazem genuflexão, tomam do Sangue, enxugam a borda do cálice e voltam para a respectiva cadeira.

b) O presidente da celebração, de pé, no centro do altar, toma normalmente o Sangue do Senhor. Os concelebrantes podem tomar o Sangue do Senhor nos seus respectivos lugares, bebendo do cálice que o diácono, ou um dos concelebrantes lhes apresenta; ou também passando sucessivamente o cálice uns aos outros. O cálice é sempre enxugado, seja por aquele que bebe, seja por aquele que apresenta o cálice. Cada um, depois de ter comungado, volta à sua cadeira.¹⁰⁰

- 81 “O diácono, junto ao altar, consome, com reverência, todo o Sangue que restar, ajudado, se for preciso, por alguns dos concelebrantes; leva-o, em seguida, à credência, onde ele mesmo ou um acólito legitimamente instituído, como de costume, o purifica, enxuga e compõe”.¹⁰¹
- 82 O presidente da celebração procede ao mais como de costume até o final da Missa, permanecendo os concelebrantes em suas cadeiras.¹⁰²
- 83 Os concelebrantes, antes de se afastarem do altar, fazem-lhe uma inclinação profunda. O presidente da celebração, com o diácono, porém, como de costume, beija o altar em sinal de veneração.¹⁰³

¹⁰⁰ Cf. IGMR, 246.

¹⁰¹ IGMR, 247.

¹⁰² Cf. IGMR, 250.

¹⁰³ Cf. IGMR, 251.



O ESPAÇO SAGRADO PARA A CELEBRAÇÃO

- 84 “Por sua morte e ressurreição, Cristo tornou-se o verdadeiro e perfeito templo da Nova Aliança e reuniu um povo adquirido. Este povo santo, reunido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, é a Igreja ou templo de Deus, construído de pedras vivas, onde o Pai é adorado em espírito e verdade. Com muita razão, desde a antiguidade deu-se o nome de ‘igreja’ também ao edifício no qual a comunidade cristã se reúne, a fim de ouvir a Palavra de Deus, rezar em comum, frequentar os sacramentos e celebrar a Eucaristia”.¹⁰⁴
- 85 “Por ser um edifício visível, esta casa aparece como sinal peculiar da Igreja peregrina na terra e imagem da Igreja que habita nos céus. Convém, pois, que, ao se erigir um edifício única e estavelmente destinado à reunião do povo de Deus, e à celebração das ações sagradas, seja esta igreja dedicada ao Senhor em rito solene, segundo antiquíssimo costume”.¹⁰⁵ “Todas as igrejas sejam dedicadas ou ao menos abençoadas. Contudo, as igrejas catedrais e paroquiais sejam solenemente dedicadas”¹⁰⁶ pelo bispo diocesano ou alguém por ele delegado, e a cada ano a comunidade celebre solenemente o dia da dedicação de sua igreja.
- 86 “Como pede sua natureza, a Igreja terá de ser adequada às celebrações sacras (...). A disposição geral do edifício deve manifestar de algum modo a imagem do povo reunido e permitir uma ordem inteligente, bem como a possibilidade de se exercerem com decoro os diversos ministérios (...). Cuide-se, igualmente, com zelo de atender ao que se exige, quanto aos lugares, na celebração dos outros sacramentos, sobretudo do Batismo e da Penitência”.¹⁰⁷
- 87 A Constituição *Sacrosanctum Concilium* também apresenta o critério fundamental da construção de uma igreja: “Ao se construírem igrejas, cuidem diligentemente que sejam funcionais, tanto para a celebração das ações litúrgicas, como para obter a participação dos fiéis”.¹⁰⁸ Por isso, o projeto arquitetônico de uma igreja não deve estar à mercê das necessidades logísticas ou pior, basear-se segundo a mentalidade da construção de uma casa de shows com palco e platéia. O projeto

¹⁰⁴ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Pontifical Romano*. Ritual da Dedicação de um altar, Paulus, São Paulo, 2001, n. 1.

¹⁰⁵ *Pontifical Romano*. Ritual da Dedicação de um altar, n. 2.

¹⁰⁶ IGMR, 290.

¹⁰⁷ *Pontifical Romano*. Ritual da Dedicação de uma Igreja, n. 3.

¹⁰⁸ Constituição Conciliar sobre a Liturgia *Sacrosanctum Concilium*, n. 124.

de uma igreja deve considerar em primeiro lugar a funcionalidade dos ritos celebrativos e a manifestação da natureza do Mistério da Igreja na assembleia orante.

88 Para o serviço à fé, a Diocese de Toledo dispõe de uma Comissão Diocesana de Liturgia e Arte Sacra, constituída por pessoas preparadas no conhecimento litúrgico e indicadas pelo bispo diocesano para o acompanhamento nas edificações e reformas dos espaços sagrados.¹⁰⁹

89 Durante a celebração eucarística, a assembleia litúrgica¹¹⁰ se encontra distribuída em dois lugares sagrados que chamamos de:

a) **Presbitério:** onde ficam o presidente da celebração, o diácono, os concelebrantes e demais ministros que auxiliam diretamente o presidente da celebração (Ministros Auxiliares da Comunidade). Se o número dos que auxiliam na celebração é grande, reserve-se um lugar fora do presbitério, mas, ao mesmo tempo, perto dele, para haver harmonia e distinção;

b) **Nave da Igreja:** onde ficam o grupo de cantores, leitores e demais fiéis.

Estes dois lugares devem ser de tal maneira estruturados que possam manifestar não só sinal de comunhão de todo o Povo de Deus, mas também o sinal de diferenciação entre os ministérios ordenados e demais participantes da celebração.¹¹¹

90 Além do presbitério e da nave da igreja, um outro espaço sagrado que não deveria ser ignorado numa igreja é o átrio. É o lugar de encontro e de acolhida dos fiéis que se reúnem para celebrar, localizado na porta principal da igreja. No átrio pode haver uma equipe de acolhida que saúda os que chegam e deseja as boas-vindas aos que vêm pela primeira vez na comunidade. A equipe de acolhida deve favorecer um espírito de família, superando todo tipo de divisão ou frieza nos relacionamentos, e ajudar a encontrar um lugar para aqueles que necessitam de assistência por idade avançada ou impedimento.

¹⁰⁹ Cf. IGMR, 291.

¹¹⁰ "O povo de Deus, que se reúne para a Missa, constitui uma Assembleia orgânica e hierárquica que se exprime pela diversidade de funções e ações, conforme cada parte da celebração. Por isso, convém que a disposição geral do edifício sagrado seja tal que ofereça uma imagem da Assembleia reunida, permita uma conveniente disposição de todas as coisas e favoreça a cada um exercer corretamente a sua função". (IGMR, 294).

¹¹¹ "Convém que - o presbitério - se distinga do todo da igreja por alguma elevação, ou por especial estrutura e ornato. Seja bastante amplo para que a celebração da Eucaristia se desenrole comodamente e possa ser vista por todos" (IGMR, 295).

- 91 O átrio possui um valor simbólico enquanto lembra que aqueles que ainda não passaram pelo “pórtico da vida no Espírito”,¹¹² isto é, o Batismo, estão alheios à participação nos Mistérios de Cristo. Lembremos do Rito do Batismo, em que o candidato para o batizado, inicialmente, é acolhido pelo ministro na comunidade cristã à porta da igreja, isto é, no átrio.¹¹³ Por isso, é que se recomenda que exista no átrio o reservatório de água benta para que os cristãos, ao entrarem ou saírem da igreja, possam assinalar-se com a cruz de Cristo, lembrando a graça batismal.

ELEMENTOS DO ESPAÇO CELEBRATIVO PARA A EUCARISTIA

- 92 Aqui será exposto o ideal na construção de uma igreja. Sabemos muito bem, pelas situações financeiras de muitas comunidades, que o ideal nem sempre é o possível para já e, em alguns casos, é impossível por tratar-se de templos tombados pelo Patrimônio Histórico. Por isso, cada comunidade busque, com o tempo, atingir os parâmetros propostos pela Igreja, sempre considerando os valores e as características do templo, adequando a construção às características culturais da comunidade.

a) O Altar

- 93 A Instrução Geral sobre o Missal Romano diz que “o altar, onde se torna presente o sacrifício da cruz sob os sinais sacramentais, é também a mesa do Senhor na qual o povo de Deus é convidado a participar por meio da Missa; é ainda o centro da ação de graças que se realiza pela Eucaristia”.¹¹⁴
- 94 O altar exprime simultaneamente o valor sacrificial e comensal da Eucaristia. Não pode ser considerada somente como uma mesa qualquer, pois também é a pedra (ara) do sacrifício da Cruz que se perpetua sacramentalmente até que Cristo venha.¹¹⁵ Compreendida esta função, o altar não exige grandes dimensões, mas somente o suficiente para dispor as oferendas sobre sua superfície, bem como os elementos necessários para a realização do rito da consagração.¹¹⁶

¹¹² Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1213.

¹¹³ Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*, Paulus, São Paulo, 2001, n. 73; SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual do Batismo de Crianças*, 4 ed., Paulus, 1999, n. 33 e 297.

¹¹⁴ IGMR, 296.

¹¹⁵ Cf. *Pontifical Romano*. Ritual da Dedicação de um altar, n. 4.

¹¹⁶ Cf. AUGÉ, MATIAS. *Liturgia: História, Celebração, Teologia e Espiritualidade*, Ed. Ave Maria, 1998, p. 89.

- 95 Que em cada igreja exista somente um único altar,¹¹⁷ de tal forma “que signifique a assembleia única dos fiéis, o único altar, o único Salvador nosso, Jesus Cristo, e a única Eucaristia da Igreja”.¹¹⁸ O altar é a presença do Cristo-Cabeça que reúne ao redor seus membros e é em torno dele que de algum modo convergem os outros ritos da Igreja.¹¹⁹ É claro que nas igrejas históricas e que possuem diversos altares, além do altar-mor, é ponderado que não se alterem suas características.
- 96 “Convém que em toda igreja exista um altar fixo, que significa de modo mais claro e permanente Jesus Cristo, pedra viva (Cf. 1Pd 2,4; Ef 2,20); nos demais lugares dedicados às sagradas celebrações, o altar pode ser móvel”.¹²⁰ Por altar fixo entende-se aquele que se prende ao chão do presbitério, não podendo ser removível ou transportado. É significativo que o altar fixo seja de pedra e de uma única pedra natural,¹²¹ sendo consagrado com o óleo do Santo Crisma, segundo o Pontifical Romano. Mas também ele pode ser feito com outros materiais sólidos e dignos,¹²² não utilizando materiais que imitem a pedra ou madeiras sólidas como, por exemplo, fórmicas ou purpurina para imitar o ouro.
- 97 O altar deve ser construído “afastado da parede, a fim de ser facilmente circundado e nele se possa celebrar de frente para o povo (...). O altar ocupe um lugar que seja de fato o centro para onde espontaneamente se volte a atenção de toda a assembleia dos fiéis”.¹²³ Por isso, não se deve colocar a sede presidencial na frente do altar. Tome-se muito cuidado com qualquer tipo de decoração que obstrua, camufle ou esconda a visão do altar. Assim como todos os outros elementos litúrgicos, o altar deve ser construído artisticamente de forma que por si só manifeste o seu simbolismo. Não é adequado que se cubra o altar com enormes toalhas, cheias de bordados e pinturas, ou arranjos artísticos com flores ou com outros simbolismos em frente do altar, fazendo-o desaparecer diante dos olhos da assembleia. A mesa do altar deve estar à vista da assembleia, de tal modo que por si própria manifeste seu valor.
- 98 O altar é saudado com uma inclinação profunda por todos quantos se dirigem ao presbitério, dele se retiram ou passam na sua frente.¹²⁴

¹¹⁷ Cf. Constituição Conciliar sobre a Liturgia *Sacrosanctum Concilium*, n. 41.

¹¹⁸ *Pontifical Romano*. Ritual da Dedicção de um altar, n. 7.

¹¹⁹ *Pontifical Romano*. Ritual da Dedicção de um altar, n. 5.

¹²⁰ IGMR, 298.

¹²¹ Cf. Código de Direito Canônico, cân 1236.

¹²² Cf. IGMR, 301.

¹²³ IGMR, 299.

¹²⁴ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Cerimonial dos Bispos - Cerimonial da Igreja*, 3. ed., Paulus,

Além disso, o presidente da celebração e demais ministros ordenados beijam o altar no início da Missa,¹²⁵ como sinal de veneração. No final da Missa, antes de deixar o presbitério, o presidente da celebração beija o altar e, se forem muitos os ministros ordenados, estes só farão a inclinação profunda.¹²⁶

- 99** Mesmo fora das celebrações, o altar merece veneração e não perde o seu valor simbólico. Por isso, não se permita que se descansem os braços sobre o altar, nem se coloquem papéis, livros que não sejam o Missal, óculos... Durante a limpeza da igreja, não se coloquem materiais de limpeza sobre o altar.
- 100** O altar não deve ser utilizado como uma escrivaninha para se preencher formulários, anotar avisos, intenções de Missa, a não ser quando se trata de documentos canônicos, como a carta de profissão perpétua dos religiosos.¹²⁷ Na celebração do matrimônio, “terminada a Missa, as testemunhas e o sacerdote assinam a ata do casamento, na sacristia ou diante do povo, mas nunca sobre o altar”.¹²⁸
- 101** A toalha deve ser na cor branca e seu tamanho deve combinar com o tamanho e a proporção da superfície do altar.¹²⁹ A toalha pode ser decorada segundo os critérios da sobriedade, simplicidade e nobreza.
- 102** Para realçar nossa fé na força simbólica do altar, cada detalhe é importante. Nota-se que em algumas igrejas colocam-se por sobre a toalha branca do altar um plástico de proteção contra a poeira e demais impurezas. É mais conveniente preservar a limpeza da toalha branca com uma espécie de manto, isto é, uma outra toalha, de tecido mais grosso, que poderia acompanhar a cor do tempo litúrgico da Igreja e que não escondesse a visão do altar. É claro que este manto seria utilizado somente fora das celebrações, pois durante as celebrações pede-se que o altar seja revestido da sua toalha branca. Outro detalhe que prejudica e esvazia o valor do altar é transformá-lo numa espécie de armário, com portas e gavetas, porque ele não é um móvel qualquer, como se fosse uma extensão dos armários da sacristia.

São Paulo, 2004, n. 72.

¹²⁵ Cf. IGMR, 211; cf. Cerimonial dos Bispos - Cerimonial da Igreja, n. 73.

¹²⁶ Cf. IGMR, 169.

¹²⁷ Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Pontifical Romano*, Ritual da Profissão Perpétua dos Religiosos, n. 70.

¹²⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual do Matrimônio*, Paulus, São Paulo, 1993, n. 78, p. 38.

¹²⁹ Cf. IGMR, 304.

- 103** Sempre se tenha junto ao altar uma cruz com a imagem do Cristo crucificado, permanecendo tanto nas celebrações como fora delas, e que seja bem visível para o povo reunido para recordar paixão do Senhor.¹³⁰ Esta cruz pode ser trazida nas celebrações na procissão de entrada.¹³¹ É importante salientar o cuidado para não multiplicar o número de sinais no presbitério. Se no presbitério já existe uma cruz na parede, não se pode colocar mais uma outra cruz.¹³² “É de louvar que cruz processional fique erguida junto do altar, de modo a ser a própria cruz do altar, caso contrário (a cruz processional) será retirada”.¹³³ Isto também vale para as imagens de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Virgem Maria e dos Santos.
- 104** Os castiçais com as velas manifestam a reverência e o caráter festivo da celebração. Que eles “sejam colocados, como parecer melhor, sobre o altar ou junto dele, levando em conta as proporções do altar e do presbitério, de modo a formarem um conjunto harmonioso e que não impeça os fiéis de verem aquilo que se realiza ou se coloca sobre o altar”.¹³⁴ Quanto ao número de castiçais, a Igreja diz que “coloquem-se, em qualquer celebração, ao menos dois castiçais com velas acesas, ou então quatro ou seis, sobretudo quando se trata de Missa dominical ou festiva de preceito, ou quando celebrar o bispo diocesano, colocam-se sete”.¹³⁵ A referência de sete velas acesas para celebrações com o bispo diocesano é para exprimir a plenitude dos dons do Espírito Santo na assembleia orante e a plenitude da manifestação do Mistério da Igreja quando o Pastor de uma diocese se reúne com o povo a ele confiado.
- 105** Quanto às flores, a Igreja ensina: “Na ornamentação do altar observe-se moderação. No Tempo do Advento se ornamente o altar com flores com moderação tal que convenha à índole desse tempo, sem contudo, antecipar aquela plena alegria do Natal do Senhor. No Tempo da Quaresma é proibido ornamentar com flores o altar. Excetuam-se, porém, o domingo “Laetare” (IV na Quaresma), solenidades e festas. A ornamentação com flores seja sempre moderada e, ao invés de se dispor o ornamento sobre o altar, de preferência seja colocado junto a ele”.¹³⁶ Portanto, não se pode colocar vasos ou arranjos de flores em cima do altar. Ainda sobre este assunto, pede-se que não se utilizem flores artificiais, mas naturais.

¹³⁰ Cf. IGMR, 308.

¹³¹ Cf. IGMR, 117.

¹³² Cf. IGMR, 122.

¹³³ Cerimonial dos Bispos – Cerimonial da Igreja, n. 129.

¹³⁴ IGMR, 307; 117.

¹³⁵ IGMR, 117.

¹³⁶ IGMR, 305.

- 106** Para a Celebração Eucarística, colocam-se sobre o altar somente os objetos requeridos pelo rito e no momento oportuno, a saber:
- a) “O Evangelário, do início da celebração até a proclamação do Evangelho”,¹³⁷
 - b) Desde a apresentação das oferendas até a purificação dos vasos sagrados, o cálice com a patena, o cibório, se necessário, e, finalmente, o corporal, o purificador (sanguíneo), a pala e o Missal;
 - c) Além disso, se disponham de modo discreto os aparelhos que possam ajudar a amplificar a voz do sacerdote”.¹³⁸
 - d) Os castiçais, que podem ser colocados sobre o altar ou junto dele.¹³⁹ Se o altar for de proporções pequenas, que os castiçais sejam colocados junto dele.
- 107** Somente o pão e o vinho para consagração, depois de apresentados pela assembleia, podem ser colocados sobre o altar. Outros símbolos sejam colocados em lugares previamente preparados fora do altar.

b) O Ambão

- 108** O ambão é o lugar do qual se proclama a Palavra de Deus. O termo *ambão* indica *lugar alto, elevação, subir*. No livro de Neemias¹⁴⁰ lemos que Esdras estava sobre um suporte de madeira, feito para a ocasião, onde ele abriu o Livro da Lei à vista de todo o povo e o proclamou.
- 109** Na Liturgia da Palavra se proclamam do ambão as leituras bíblicas, o salmo responsorial, o precônio pascal (Exultet), as seqüências e pode também ser utilizado para a homilia e para a oração universal ou dos fiéis.¹⁴¹ Não se devem fazer do ambão os comentários, orações meditativas, homenagens e nem dar avisos comunitários.¹⁴²
- 110** A Introdução Geral ao Lecionário nos ensina as características de um ambão: “...deve existir um lugar elevado, fixo, adequadamente disposto e com a devida nobreza, que ao mesmo tempo corresponda à dignidade da Palavra de Deus e lembre aos fiéis que na Missa se prepara a mesa da Palavra de Deus e do Corpo de Cristo e

¹³⁷ Quando se utiliza o Evangelário, ele é trazido na procissão de entrada e depositado sobre o altar.

¹³⁸ IGMR, 306.

¹³⁹ Cf. IGMR, 307.

¹⁴⁰ Cf. Ne 8,4-5: “Esdras, doutor da Lei, estava sobre um palanque de madeira, feito para a ocasião[...]. Esdras abriu o livro à vista do povo todo, pois estava em lugar mais alto. Quando ele abriu o livro, o povo ficou de pé”.

¹⁴¹ Cf. IGMR, 309.

¹⁴² Cf. IGMR, 105.

que ajude da melhor maneira possível a que os fiéis ouçam bem e estejam atentos durante a Liturgia da Palavra. Por isso se deve procurar, segundo a estrutura de cada igreja, que haja uma íntima proporção e harmonia entre o ambão e o altar¹⁴³. Para demonstrar aos fiéis esta harmonia celebrativa, o ambão seja construído com o mesmo material do altar. Assim como o altar deve estar à vista da assembleia, o mesmo vale para o ambão. Logo, evite-se colocar toalhas, enfeites ou cartazes à frente do ambão.

- 111 O ambão deve ser uma estrutura estável e não uma simples estante móvel, porque é um sinal de que a Palavra de Deus é firme, é a rocha na qual os cristãos alicerçam as suas vidas. O ambão deve ocupar um lugar de destaque no presbitério para onde se volte espontaneamente a atenção dos fiéis e os leitores possam ser vistos e ouvidos com facilidade.¹⁴⁴
- 112 Geralmente o ambão é situado no lado direito do altar, isto é, para o lado esquerdo de quem olha da assembleia para o presbitério, contudo não na mesma linha, mas mais à frente que o altar. Não é conveniente colocar o ambão nem muito próximo do altar e nem muito distante:
- a) não muito próximo para que haja uma pequena procissão com o Evangelário (do altar ao ambão) feita pelo diácono ou pelo sacerdote durante a *Aclamação ao Evangelho*;
 - b) não muito distante para que se mantenha a harmonia e a unidade destas duas mesas celebrativas no presbitério.
- 113 Para evitar a duplicidade de sinais, cuide-se para que nas celebrações em que se destaca a Palavra de Deus, não haja outras estantes ou nichos para o Livro da Sagrada Escritura dentro do presbitério. O lugar em que se entroniza a Palavra de Deus é o ambão ou, caso se utilize o Evangelário, ela é entronizada sobre o altar até a proclamação do Evangelho.
- 114 Segundo o Rito Romano, o Círio Pascal permanece durante o tempo pascal junto ao ambão, sendo aceso nas suas celebrações diárias. Depois do dia de Pentecostes, o Círio Pascal é levado a um lugar de honra no batistério ou junto à pia batismal, e será utilizado nas celebrações do Batismo, de onde se acendem as velas dos batizados.¹⁴⁵

¹⁴³ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS SACRAMENTOS E O CULTO DIVINO. *Introdução Geral ao Lecionário - Lecionário Semanal Vol. II*, 3 ed. Paulus, São Paulo, 1997, n. 32.

¹⁴⁴ Cf. IGMR, 309.

¹⁴⁵ Cerimonial dos Bispos - Cerimonial da Igreja, n. 372.

c) A Sede Presidencial

- 115** No presbitério deve existir uma sede reservada para o sacerdote que presidirá a assembleia e dirigirá as orações. A sede presidencial deve ser distinta das outras cadeiras,¹⁴⁶ de modo que o sacerdote presidente possa ser bem visualizado pelos fiéis.
- 116** O lugar mais apropriado da sede “é de frente para o povo no fundo do presbitério, a não ser que a estrutura do edifício sagrado ou outras circunstâncias o impeçam, por exemplo, se a demasiada distância torna difícil a comunicação entre o sacerdote e a assembleia, ou se o tabernáculo ocupar o centro do presbitério atrás do altar”.¹⁴⁷ Caso não seja possível colocar a sede no fundo do presbitério, então se coloque, numa distância adequada, ao lado do altar, no sentido inverso ao lado do ambão. Jamais se coloque a sede presidencial ou outras cadeiras em frente do altar, porque haveria uma sobreposição simbólica em detrimento do altar. Portanto, evite-se toda espécie de trono.
- 117** “Antes de ser destinada ao uso litúrgico, convém que se faça a bênção da cadeira da presidência segundo o rito descrito no Ritual Romano”.¹⁴⁸
- 118** O sacerdote que preside a celebração o faz da sede nos seguintes momentos ao:¹⁴⁹
- a) saudar a assembleia e introduzi-la na celebração do dia;
 - b) realizar o ato penitencial;
 - c) cantar ou recitar o hino de louvor (Glória a Deus nas alturas...);
 - d) proferir a oração do dia e a oração depois da comunhão;
 - e) ouvir as leituras bíblicas e pode, se preferir, realizar a homilia;
 - f) professar o símbolo da fé;
 - g) introduzir e concluir a oração universal (Oração da Comunidade);
 - h) comunicar os avisos para a comunidade;
 - i) enviar em missão a assembleia com a bênção.
- 119** Quando o sacerdote utilizar o Missal na sede, ele é auxiliado por um librifero. Não convém deixar o Missal sobre o altar após a comunhão, pois a oração depois da comunhão é proferida na sede.

¹⁴⁶ Cf. IGMR, 49.

¹⁴⁷ IGMR, 310.

¹⁴⁸ IGMR, 310.

¹⁴⁹ Cf IGMR, 50, 71, 136, 138, 164 e 165.

d) A Credência

- 120** Chama-se credência (*de credere*: confiar), a mesa lateral ou uma prateleira na parede, situada ao lado do presbitério onde se colocam: cálice, corporal, purificador e, se for oportuno, pala; patena e, se necessário, cibórios; pão para a Comunhão do sacerdote que preside, do diácono, dos ministros e do povo; galhetas com vinho e água, a não ser que todas essas coisas sejam apresentadas pelos fiéis na procissão das oferendas; recipiente com água a ser abençoada se houver aspersão; patena para a Comunhão dos fiéis; e o que for necessário para lavar as mãos.¹⁵⁰
- 121** O altar é a mesa da ceia sacrificial da Eucaristia. Somente no momento do ofertório as oferendas deverão ser colocadas sobre o altar, daí surge a necessidade de uma mesa menor que pode estar localizada no fundo ou no lado do presbitério, ou também no fundo da nave central. Não é adequado colocar a credência unida ao altar, pois neste caso não haveria uma verdadeira procissão de dons para o altar.
- 122** Na apresentação das oferendas, o sacerdote presidente se dirige ao altar que pode ser preparado por ele mesmo, pelo diácono, pelo acólito ou por outro ministro leigo¹⁵¹ (por exemplo: o Ministro Auxiliar da Comunidade). O sacerdote presidente recebe o pão nas suas mãos, pronuncia a bênção e coloca a patena sobre o corporal. Em seguida, faz o mesmo com o vinho.
- 123** No lavabo, o jarro e a bacia vêm da credência e voltam imediatamente para ela. É conveniente que não se utilize um pequeno recipiente de água no qual o sacerdote apenas molhe seus dedos. Para valorizar este sinal, utilize-se jarro e bacia no qual o sacerdote realmente lava as suas mãos, auxiliado pelos coroinhas ou acólitos.
- 124** A purificação do cálice e cibórios é feita preferencialmente na credência, embora possa ser realizada no altar, pelo sacerdote, pelo diácono ou pelo acólito (legitimamente instituído) logo após a comunhão ou imediatamente depois da Missa, após a despedida do povo.¹⁵² Não cabe ao Ministro Auxiliar da Comunidade realizar a purificação dos vasos sagrados.¹⁵³

¹⁵⁰ Cf. IGMR, 118.

¹⁵¹ Cf. IGMR, 139.

¹⁵² Cf. IGMR, 163 e 279; cf. Instrução *Redemptionis Sacramentum*, n. 119.

¹⁵³ Cf. IGMR, 279.

e) Tabernáculo Eucarístico ou Sacrário do Santíssimo

- 125** O tabernáculo eucarístico e sua correta localização no espaço sagrado ajuda reconhecer a presença real de Cristo no Santíssimo Sacramento.¹⁵⁴ Originalmente a Igreja conservou a Eucaristia para atender aos enfermos e agonizantes. Com o passar do tempo, a reserva eucarística passou a ser distribuída aos fiéis que celebram a Palavra de Deus na ausência do sacerdote e para os momentos de adoração.¹⁵⁵
- 126** O tabernáculo seja colocado em lugar de honra na igreja, suficientemente amplo, visível, devidamente decorado e que favoreça a oração.¹⁵⁶ “Normalmente o tabernáculo seja único na igreja, inamovível, feito de material sólido e inviolável não transparente, e fechado de tal modo que se evite ao máximo o perigo de profanação. Convém, além disso, que seja abençoado antes de ser destinado ao uso litúrgico, segundo o rito descrito no Ritual Romano”.¹⁵⁷
- 127** Em razão do sinal é mais conveniente que no altar em que se celebra a Missa não haja tabernáculo onde se conserva a Santíssima Eucaristia. É preferível, pois, a juízo do Bispo diocesano, colocar o tabernáculo:
- a) no presbitério, fora do altar da celebração, na forma e no lugar mais convenientes, não estando excluído o altar antigo que não mais é usado para a celebração;
 - b) “nas igrejas onde não existe a capela do Santíssimo Sacramento mas perdura o altar-mor com o sacrário, convém continuar a valer-se de tal estrutura para a conservação e adoração da Eucaristia, evitando porém colocar a cadeira do celebrante na sua frente;”¹⁵⁸
 - c) ou também numa capela apropriada para a adoração e oração privada dos fiéis, que esteja organicamente ligada com a igreja e visível aos fiéis.¹⁵⁹ Cuide-se para que esta orientação seja aplicada nas construções de novas igrejas. Caso não haja capela do Santíssimo “é preferível colocar o Sacrário no presbitério, em lugar suficientemente elevado, no centro do fecho absidal ou então noutro ponto onde fique de igual modo bem visível”.¹⁶⁰

¹⁵⁴ Cf. Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*, n. 69.

¹⁵⁵ Cf. Ritual Romano. *Ritual de Bênçãos*, 4 ed., Paulus, São Paulo, 1990 - Bênção do Novo tabernáculo Eucarístico, n. 919.

¹⁵⁶ Cf. Instrução *Eucharisticum Mysterium*, n. 52, e cf. IGMR, 314.

¹⁵⁷ IGMR, 314; cf. Instrução *Eucharisticum Mysterium*, n. 52; e cf. Ritual Romano, Ritual de Bênçãos, Bênção do Novo Tabernáculo Eucarístico, n. 919-929.

¹⁵⁸ Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*, n. 69.

¹⁵⁹ Cf. IGMR, 315.

¹⁶⁰ Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*, n. 69.

- 128 “Diante do tabernáculo [...] brilhe constantemente uma lâmpada especial, com a qual se indique e se reverencie a presença de Cristo”.¹⁶¹
- 129 Fora das celebrações, a chave do tabernáculo não deve ficar exposta ou colocada na sua porta.

f) Capela do Santíssimo Sacramento

- 130 A capela do Santíssimo Sacramento “convém que seja apta para a oração privada (...) e por isso se recomenda que o Sacrário, enquanto possível, se coloque em uma capela que esteja separada da nave central do templo, sobretudo nas igrejas em se celebram mais frequentemente matrimônios, funerais e nos lugares mais visitados”.¹⁶²
- 131 Qualquer outro elemento que possa encontrar-se na capela do Santíssimo deve ser secundário, pois o foco de atenção deve ser o tabernáculo eucarístico. Portanto, muita atenção para que a decoração e principalmente as imagens não distraiam os fiéis. Tudo deve convergir para a presença de Cristo na Eucaristia.

g) Os materiais sagrados para a celebração eucarística

- 132 É direito da comunidade dos fiéis que as vestes, toalhas e alfaia sagradas, bem como todos os objetos sagrados, resplandeçam pela dignidade, decoro e limpeza.¹⁶³ É interessante, em acordo com o pároco, designar pessoas que cuidem, organizem e limpem estes materiais. Este zelo expressa o fervor da fé de uma comunidade.
- 133 É recomendável que as alfaia destinada à acolher as sagradas espécies (corporal e sanguíneo), sejam lavadas manualmente e sua água derramada na terra ou em um outro lugar apropriado.¹⁶⁴
- 134 Este diretório, no capítulo X, aborda os principais objetos usados na celebração eucarística. Para aprofundar melhor este assunto, leia-se o capítulo V da Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* do Papa João Paulo II.

¹⁶¹ *Código de Direito Canônico*, cân. 940.

¹⁶² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Eucharisticum Mysterium*, 25.05.1967; cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Sagrada Comunhão e o culto à Eucaristia fora da Missa*, 21.06.1973, n. 9.

¹⁶³ Cf. *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 57.

¹⁶⁴ Cf. *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 120.

h) As imagens dos Santos no presbitério

- 135** Permaneça o costume de propor nas igrejas as sagradas imagens à veneração dos fiéis; contudo, sejam expostas com moderação quanto ao número, com conveniência quanto à ordem, para que não causem admiração ao povo cristão nem favoreçam devoções menos corretas.¹⁶⁵ Não se multiplique o número das imagens do mesmo santo ou santa. Que seja somente uma imagem de cada, mesmo que este santo ou santa possua vários títulos. Por exemplo: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Graças, Mãe da Divina Graça,... já que todos estes títulos correspondem a uma única pessoa: Maria, Mãe de Jesus!
- 136** Nas novenas e celebrações festivas, a imagem do santo, levada na procissão de entrada, pode ser melhor destacada com a utilização de andores, adornos ou flores. Porém não se coloque em cima ou em frente do altar, pois isto prejudicaria outros símbolos importantes do presbitério.¹⁶⁶
- 137** Nas celebrações em louvor a um santo jamais se perca a perspectiva e o foco central do culto da Igreja, que é Cristo no seu Mistério Pascal. Que toda celebração aos santos seja cristocêntrica, ou seja, que o culto aos santos não supere o culto a Deus, na pessoa do Cristo, pois n'Ele encontramos a fonte e a causa de toda santificação.

i) Os lugares das pessoas que exercem funções litúrgicas

- 138** Os lugares das pessoas que exercem funções litúrgicas devem levar em consideração o espaço disponível na igreja. O que não pode acontecer é um congestionamento de pessoas no presbitério, dificultando a funcionalidade do desenvolvimento dos ritos. O ideal é que ocupem as cadeiras no presbitério os ministros ordenados – bispo, presbítero e diácono – bem como os acólitos e MACs que possuem a função de acompanhar o sacerdote no altar.
- 139** Convém que os coroinhas permaneçam junto ao sacerdote no presbitério, pois além de ser um ministério ligado ao serviço do altar, pode despertar nos meninos o discernimento vocacional ao sacerdócio. Além de meninos, também podem existir meninas coroinhas no serviço litúrgico.¹⁶⁷
- 140** Os leitores ocupem as primeiras fileiras de banco da nave central para expressar a dimensão vocacional da Igreja. É Deus que chama do meio do povo pessoas para servirem a comunidade através dos ministérios.

¹⁶⁵ Cf. *Constituição Conciliar sobre a Liturgia Sacrosanctum Concilium*, n. 125.

¹⁶⁶ Cf. *Ritual Romano - Ritual de Bênçãos*, Ritual de Dedicção de um altar, n. 10.

¹⁶⁷ Cf. *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 47.

- 141** Quando os diáconos, acólitos e Ministros Auxiliares da Comunidade se encontram no presbitério durante a Oração Eucarística e o rito de comunhão, eles devem permanecer afastados do altar, um pouco atrás do sacerdote que preside e dos concelebrantes.¹⁶⁸
- 142** O comentarista exerce sua função num lugar adequado, em pé e voltado para a assembleia. Ao desempenhar sua função, o comentarista não utilize o ambão, mas uma estante simples.¹⁶⁹
- 143** “O grupo dos cantores, segundo a disposição de cada igreja, deve ser colocado de tal forma que se manifeste claramente sua natureza, isto é, que faz parte da assembleia dos fiéis, onde desempenha um papel particular; que a execução de sua função se torne mais fácil; e possa cada um de seus membros facilmente obter uma participação plena na Missa, ou seja, participação sacramental”.¹⁷⁰ Portanto, o lugar dos animadores de canto não é no presbitério, mas num lugar que possam exercer com facilidade a sua função de fazer a assembleia cantar. Não convém que o grupo de cantores permaneça atrás da assembleia, no coro, como ocorria em tempos passados.

¹⁶⁸ Cf. IGMR, 215.

¹⁶⁹ Cf. IGMR, 105b.

¹⁷⁰ Cf. IGMR, 312.



A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

- 144** Com o objetivo de fomentar a participação desejada pela reforma litúrgica e ajudar as equipes litúrgicas de nossas comunidades no desempenho de suas funções, neste capítulo abordaremos os ritos da celebração eucarística. Quanto aos cantos da Missa, serão analisados mais detalhadamente no capítulo VI deste Diretório.
- 145** Celebrar é sinônimo de comemorar, tornar célebre e solene, lembrar com especial atenção pessoas, fatos e realidades importantes da vida. Celebrar é uma exigência da vida, que se desenvolve no equilíbrio entre o trabalhar e o celebrar. Teologicamente, a celebração é uma atualização da História da Salvação. A vida divina não é só recordada; ela se faz presente, comunica-se e é eficaz. O conjunto de ritos não é mera repetição, mas verdadeira Palavra divina que se torna atual e se faz sacramento. Antecipamos no rito a plena posse do Reino de Deus e expressamos o mistério da Igreja.
- 146** Por mais que se encontre em alguns documentos a palavra *celebrante* em referência ao sacerdote que dirige a celebração da Missa, tal termo não é o mais adequado, pois transmite uma idéia que somente ele celebra enquanto os outros fiéis cumprem o papel de meros espectadores. Na verdade toda a assembleia celebra, pois participa da ação litúrgica por força do sacerdócio recebido no sacramento do Batismo. Por isso, o modo mais conveniente de chamar o sacerdote que dirige a celebração é *presidente da celebração*.
- 147** Outra questão de suma importância é a função desempenhada pelo presidente da celebração. É ele quem dirige e decide a forma do rito. Daí a necessidade de uma comunicação clara e antecipada entre o sacerdote que preside e as equipes que servem. O ideal é que o sacerdote possa preparar a Celebração Eucarística juntamente com as equipes responsáveis. Mas quando isto não for possível, a Celebração Eucarística pode ser preparada pela Equipe de Liturgia, porém, quem aprova a sua realização é o presidente da celebração. Evite-se toda improvisação ou atitudes que prejudiquem a harmonia entre o presidente da celebração e a equipe de celebração para que a Liturgia expresse o Mistério da unidade e da comunhão entre os fiéis em Cristo.

148 Além disso, cabe ao presidente da celebração:

a) proferir as chamadas orações presidenciais;¹⁷¹

b) proferir em poucas palavras, breves motivações e admoestações para introduzir os fiéis à celebração do dia e para a compreensão dos ritos, mantendo sempre o sentido proposto pelo Missal.¹⁷²

149 Deus nos interpela continuamente mediante a proclamação da Palavra e a ação de sua presença na comunidade reunida. A celebração pressupõe uma atividade programada para formar comunidade e para evangelizar. Essas dimensões estão presentes na própria estrutura da celebração.

1. PROCISSÃO DE ENTRADA

150 Este rito deve ser valorizado em nossas celebrações, principalmente aos domingos, solenidades e dias festivos da comunidade,¹⁷³ pois manifesta a Igreja, povo de Deus, a caminho da Terra Prometida preparada pelo Pai.¹⁷⁴ É sinal da caminhada do povo de Israel durante quarenta anos no deserto.¹⁷⁵ Hoje, é a Igreja que caminha pelas estradas do mundo, seguindo na presença do Senhor.

151 Para melhor expressarmos a dimensão peregrina da Igreja, são usados alguns elementos:

a) turíbulo e o incenso: a incensação na procissão de entrada ressalta a festividade do dia e exprime a reverência com que o povo de Deus se reúne para a celebração;

b) cruz processional: faz-nos recordar que a pessoa só pode ser discípula de Jesus se tomar a sua cruz e trilhar os passos do Mestre. Deve ser um crucifixo com a imagem do Crucificado e não apenas uma simples cruz.¹⁷⁶ Chegando ao presbitério, “pode ser colocada junto ao altar, de modo que se torna a cruz do altar, que deve ser uma só; caso contrário, ela será guardada em lugar adequado”.¹⁷⁷ O cruciferário a deposita imediatamente no seu devido lugar, pois os demais ministros que compõem a procissão de entrada devem saudar o altar e não a cruz processional;

¹⁷¹ Cf. IGMR, 30.

¹⁷² Cf. IGMR, 31.

¹⁷³ Cf. IGMR, 119.

¹⁷⁴ Cf. Hb 13,14.

¹⁷⁵ Cf. Ex 13,21-22.

¹⁷⁶ Cf. IGMR, 117.

¹⁷⁷ IGMR, 122.

c) evangeliário: a Palavra de Deus é essencial para quem se põe a caminho. Sem ela nos perderíamos nas encruzilhadas de nossas decisões e escolhas para Deus. A última edição da Instrução Geral sobre o Missal Romano valoriza o Livro do Evangeliário¹⁷⁸ (Livro que contém somente o texto dos Evangelhos). O diácono ou o leitor que leva o Evangeliário, ao chegar no presbitério, deposita-o no centro do altar, sem apresentá-lo à assembleia;

d) Dependendo do cunho da celebração, pode-se trazer outros símbolos que ajudem a assembleia celebrar melhor o Mistério da fé, como por exemplo, a imagem do Santo Padroeiro ou sinais que expressem o momento da vida e as intenções daquela comunidade. Neste caso, a imagem do santo ou outros símbolos seguem logo após a cruz processional.

152 A formação da procissão de entrada, nas celebrações solenes, segue esta ordem:¹⁷⁹

a) o turiferário e o naveteiro;

b) um Ministro Auxiliar da Comunidade ou coroinha leva a cruz processional, ladeada de castiçais;

c) em seguida vêm os leitores, os Ministros Auxiliares da Comunidade e os coroinhas;

d) o diácono, ou na falta deste o leitor, conduz um pouco elevado o Evangeliário;

e) à frente do sacerdote presidente caminham os sacerdotes concelebrantes;¹⁸⁰

f) por fim, o sacerdote presidente acompanhado com um ou dois diáconos.¹⁸¹ Se houver mais diáconos na celebração, estes precederão os sacerdotes concelebrantes.

153 A formação da procissão de entrada em outras celebrações, segue esta ordem:¹⁸²

a) os Ministros Auxiliares da Comunidade ou coroinhas levam a cruz processional, ladeada de castiçais, se houver;

b) em seguida vêm os leitores, os Ministros Auxiliares da Comunidade e os coroinhas;

¹⁷⁸ Cf. IGMR, 117.

¹⁷⁹ Cf. IGMR, 120.

¹⁸⁰ Cf. IGMR, 210.

¹⁸¹ Cf. IGMR, 172.

¹⁸² Cf. IGMR, 120.

c) à frente do sacerdote presidente caminham os sacerdotes concelebrantes;¹⁸³

d) por fim, o sacerdote presidente.

- 154** Chegando diante do presbitério, todos fazem uma inclinação profunda em reverência ao altar.¹⁸⁴ “Se, porém, houver no presbitério tabernáculo com o Santíssimo Sacramento, o sacerdote, o diácono e os outros ministros fazem genuflexão quando chegam ao altar, e quando dele se retiram, não, porém, durante a própria celebração da Missa”.¹⁸⁵ Os “que levam a cruz processional e as velas, em vez de genuflexão, fazem a inclinação de cabeça” ao altar e o que conduz o evangeliário omite tanto a genuflexão como a inclinação.¹⁸⁶

2. ATO PENITENCIAL

- 155** Há vários modos de realizar este rito que se encontra descrito no Missal Romano. Há ainda, a possibilidade de realizar o rito da bênção e aspersão da água, que substitui o ato penitencial no início da Missa. Este rito pode ser realizado nas Missas dominicais e solenidades, pois, assim recorda-se o batismo. A aspersão da água no Ato Penitencial faz referência à solenidade da Vigília Pascal. Quanto aos cantos do Ato Penitencial, serão abordados mais adiante.
- 156** Este momento é “concluído com a absolvição do sacerdote, absolvição que, contudo, não possui a eficácia do sacramento da penitência”,¹⁸⁷ visto que o Ato Penitencial da Missa não absolve os pecados graves e mortais. Estes devem ser acusados na confissão sacramental individual.

3. HINO DE LOUVOR

- 157** O *Glória a Deus nas alturas* é um hino antiquíssimo e venerável da Igreja, que remonta às primeiras gerações de cristãos. Na verdade é um canto completo: de louvor, entusiasmo, doxologia e súplica. Um canto transbordante de alegria, confiança, humildade, e que dá à Eucaristia um tom de festividade.¹⁸⁸

¹⁸³ Cf. IGMR, 210.

¹⁸⁴ Cf. IGMR, 195.

¹⁸⁵ Cf. IGMR, 274.

¹⁸⁶ Cf. IGMR, 274; 173.

¹⁸⁷ IGMR, 51.

¹⁸⁸ Cf. BOROBIO, DIONÍSIO (ORG). *A Celebração da Igreja II - Sacramentos*, Loyola, São Paulo, 1982, p. 321.

- 158** Sempre é cantado nas solenidades, nas festas e nos domingos, exceto nos domingos do Advento e da Quaresma. Não constitui uma aclamação trinitária,¹⁸⁹ por isso devem ser evitados hinos do Glória abreviados e nem serem substituídos por outro. É cantado por toda a assembleia. Se não for cantado, deve ser recitado por todos juntos ou por dois coros, dialogando entre si.¹⁹⁰

4. ORAÇÃO DO DIA

- 159** Após o hino de louvor “o sacerdote convida o povo a rezar; todos se conservam em silêncio com o sacerdote por alguns instantes, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando interiormente os seus pedidos. Depois o sacerdote diz a oração que se costuma chamar ‘coleta’, pela qual se exprime a índole da celebração. Conforme antiga tradição da Igreja, a oração costuma ser dirigida a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo e por uma conclusão trinitária (...). O povo, unindo-se à súplica, faz sua oração pela aclamação Amém”.¹⁹¹

- 160** É importante salientar duas atitudes básicas para:

a) após o convite do sacerdote (Oremos), faz-se um momento de silêncio para oração pessoal. Logo, este não é o momento de se ler as intenções para Missa ou motivações celebrativas. As intenções de Missa podem ser lidas no comentário inicial, após a saudação do sacerdote, logo após o hino de louvor ou, se for por aqueles que já morreram, os seus nomes podem ser lidos durante a Oração Eucarística, no momento de lembrar os fiéis falecidos;

b) a oração do dia é uma chave de compreensão sobre a celebração daquele dia. Isto se manifesta claramente nas orações da Quaresma, Páscoa, Advento, Natal e nos dias solenes, festivos e memórias.

5. PROCLAMAÇÃO DAS LEITURAS

- 161** Com a renovação do Concílio Vaticano II, foram confeccionados Lecionários que abrem largamente aos fiéis os tesouros das Sagradas Escrituras. Mesmo os textos do Antigo Testamento são proclamados nas assembleias cristãs à luz do Mistério de Cristo, revelando o projeto de Salvação de Deus. Por isso, as leituras das Sagradas

¹⁸⁹ Cf. CNBB. *Animação da Vida Litúrgica no Brasil*, 43.

¹⁹⁰ IGMR, 53.

¹⁹¹ IGMR, 54.

Escrituras constituem parte importante da celebração eucarística, pois nelas Deus continua falando e conduzindo o seu povo.¹⁹²

- 162** As leituras bíblicas não sejam suprimidas ou substituídas por outras leituras não bíblicas,¹⁹³ pois a escuta da Palavra de Deus é necessária para a própria celebração dos sacramentos, que nascem e se alimentam da Palavra.¹⁹⁴

6. ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

- 163** Este é um rito que aclama a presença de Cristo no Livro dos Evangelhos. Por isso, todos louvam ao Senhor com cantos apropriados que serão estudados mais adiante.
- 164** Nas celebrações solenes, o rito da Aclamação ao Evangelho consiste na condução do Evangeliário do altar para o ambão, feita pelo diácono ou pelo sacerdote, precedido dos Ministros Auxiliares da Comunidade ou coroinhas que podem levar o turíbulo com incenso e os castiçais com velas.¹⁹⁵

7. HOMILIA

- 165** Na celebração da Missa, a homilia é função exclusiva do ministro ordenado, de preferência do presidente.¹⁹⁶ Feita pelo ministro ordenado é também Palavra de Deus. É uma conversa familiar que interpreta as leituras bíblicas dentro da realidade atual, tem o mistério de Cristo como centro do anúncio e faz ligação com a liturgia eucarística e com a vida.
- 166** Informações e testemunhos de vida cristã feitos por leigos não podem ser considerados como homilia. Caso seja necessária a exposição de um testemunho de vida cristã, que se faça após a oração depois da comunhão, mas jamais se pode suprimir a homilia realizada pelo ministro ordenado.¹⁹⁷

¹⁹² Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINADOS SACRAMENTOS. *Ordo Lectionum Missae*, n. 58-63.

¹⁹³ Cf. *Idem*, n. 12.

¹⁹⁴ Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto sobre o Ministério e a vida dos Presbíteros – Presbyterorum Ordinis*, Paulus, São Paulo, 2001, n. 4; Introdução Geral ao Lecionário, n. 10. Cf. também o número 33 deste Diretório Litúrgico Diocesano.

¹⁹⁵ Cf. IGMR, 133; 175.

¹⁹⁶ Cf. *Introdução Geral ao Lecionário*, n. 41.

¹⁹⁷ Cf. *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 74.

8. PROFISSÃO DE FÉ (CREDO)

- 167** A Profissão de Fé é a resposta da assembleia aceitando o Plano de Salvação exposto pelas leituras bíblicas e pela homilia. Na celebração eucarística pode-se rezar o Símbolo Apostólico ou o Símbolo Niceno-constantinopolitano. Em certas ocasiões a Profissão de Fé pode ser realizada por meio de perguntas e respostas: *Renuncio* e *Creio*. Não se admitem outras Profissões de Fé que não estejam devidamente aprovadas pela Igreja. Por isso, haja cuidado com a escolha de certos cantos de Profissão de Fé que mutilam ou parafraseiam a fé da Igreja.
- 168** As rubricas do Missal Romano orientam a assembleia para realizar uma reverência durante a Profissão da Fé. No caso do Símbolo Apostólico (conhecido como o credo mais curto), pede-se que a assembleia faça uma inclinação durante a recitação das palavras: *que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria*. No Símbolo Niceno-constantinopolitano também se pede a inclinação no mesmo artigo de fé correspondente ao Mistério da Encarnação: “e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria e se fez homem”.¹⁹⁸ Esta reverência é um gesto de gratidão e louvor a Deus pela Encarnação de Cristo.

9. ORAÇÃO DA COMUNIDADE

- 169** A oração da comunidade ou dos fiéis encerra a Liturgia da Palavra. Como ela faz parte da Palavra celebrada, as preces devem expressar aquilo que ouvimos da Palavra de Deus, considerando as circunstâncias em que a Igreja vive. A Equipe de Liturgia acrescenta outras preces ou modifica as que estão no folheto, de modo que correspondam melhor às necessidades da sua comunidade.
- 170** Além disso, é sempre bom lembrar alguns critérios na elaboração de preces:
- a) quanto mais curtas as preces, melhores serão;
 - b) a oração da comunidade é a conclusão da Liturgia da Palavra. Quando as preces forem elaboradas, a equipe de liturgia deve se inspirar naquilo que Deus disse por meio das leituras proclamadas;
 - c) não se reza por idéias, mas por pessoas. Jamais se reza pela liberdade, mas por aqueles que a vivem ou dela estão privados;

¹⁹⁸ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Missal Romano*, 10 ed., Paulus, São Paulo, 1997, rubrica n. 15, pág. 400-402.

d) as preces devem ser de interesse para toda a comunidade. Os pedidos que não expressam os interesses e necessidades de toda uma comunidade, não devem ser apresentados neste momento. Tais pedidos sejam apresentados como intenções de Missa e não como preces na oração da comunidade;

e) a oração conclusiva deve ser feita pelo sacerdote presidente, com as mãos estendidas, e não pelo diácono.¹⁹⁹

- 171** Para a melhor participação, é sugestivo que se cante junto com a assembleia o refrão após a apresentação de cada prece.
- 172** Nas celebrações mais solenes em que se recita a Ladainha de todos os Santos, não se realiza a oração da comunidade, porque uma substitui a outra. A Ladainha é recitada por todos em pé no Tempo Pascal, nos domingos e nas solenidades.²⁰⁰ Nos demais dias do ano, reza-se de joelhos.

10. PROCISSÃO E PREPARAÇÃO DOS DONS

- 173** As oferendas do pão e do vinho trazidas em procissão pelos fiéis são recebidas pelo sacerdote ou pelo diácono, ajudado pelo acólito ou outro ministro, que as depõe sobre o altar.²⁰¹ Não é correto mostrar as oferendas para a assembleia porque é ela própria que as apresenta a Deus por meio do sacerdote.
- 174** Esta apresentação pode ocorrer de forma solene nos domingos e dias festivos com a procissão vinda da entrada da igreja para o altar. A apresentação e preparação das oferendas não é um simples gesto estético para a celebração, mas parte integrante do sacrifício de Cristo e da Igreja.
- 175** Além da apresentação das oferendas, também ocorre a partilha dos bens para os pobres e para a Igreja. As ofertas como dinheiro ou outros donativos oferecidos pelos fiéis serão colocados em lugar conveniente, fora da mesa eucarística.²⁰²

¹⁹⁹ Cf. IGMR, 138.

²⁰⁰ Cerimonial dos Bispos – Cerimonial da Igreja, n. 529.

²⁰¹ Cf. IGMR, 140.

²⁰² Cf. IGMR, 73.

11. ORAÇÃO SOBRE AS OFERENDAS

- 176 “Depositadas as oferendas sobre o altar e terminados os ritos que as acompanham, conclui-se a preparação dos dons e prepara-se a Oração Eucarística com o convite aos fiéis a rezarem com o sacerdote e com a oração sobre as oferendas.
- 177 Na Missa se diz uma só oração sobre as oferendas, que termina com a conclusão mais breve, isto é: *Por Cristo, nosso Senhor*; se, no final, se fizer menção do Filho, a conclusão será: *Que vive e reina pelos séculos dos séculos*. O povo, unindo-se à oração, a faz sua pela aclamação *Amém*”.²⁰³

12. ORAÇÃO EUCARÍSTICA

- 178 A proclamação da Oração Eucarística, por sua natureza, o ponto culminante de toda a celebração, é reservada ao sacerdote, em virtude da sua ordenação. É um abuso, portanto, deixar que algumas partes da Oração Eucarística sejam ditas pelo diácono, ou por um fiel leigo.²⁰⁴
- 179 “Quando celebra a Eucaristia, o sacerdote deve servir a Deus e ao povo com dignidade e humildade, e, pelo seu modo de agir e proferir as palavras divinas, sugerir aos fiéis uma presença viva de Cristo”.²⁰⁵
- 180 “Modificar as Orações Eucarísticas aprovadas pela Igreja ou adotar outras compostas privadamente é mais um sério abuso”.²⁰⁶ Por isso, é expressamente proibido alterar ou subtrair o texto da Oração Eucarística aprovada pela Igreja.
- 181 A Oração Eucarística nas várias famílias litúrgicas segue uma estrutura imutável que parte do ensinamento de Jesus Cristo dado aos apóstolos. Esta estrutura é elaborada a partir da Última Ceia com os discípulos e de diversos textos eucarísticos encontrados no Evangelho.²⁰⁷
- 182 A Oração Eucarística é formada por quatro ações de Cristo:
- a) Tomar o pão em suas mãos:** esta ação corresponde à procissão e apresentação das oferendas do pão e vinho, onde o Cristo, pelas

²⁰³ IGMR, 77.

²⁰⁴ Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS SACRAMENTOS E O CULTO DIVINO. *Instrução Inaestimabile Donum*, 17.04.1980, n. 4.

²⁰⁵ IGMR, 93.

²⁰⁶ *Instrução Inaestimabile Donum*, n. 5.

²⁰⁷ Cf. Mt 26,26; Mc 14,22; Lc 22,19. Textos eucarísticos: Jo 6,11; Mt 14,19; Lc 24,30.

mãos do sacerdote, toma as oferendas dos fiéis e as apresenta ao Pai sobre o altar;

b) *Render Graças*: esta ação corresponde à oração do Prefácio, Santo, invocação ao Espírito Santo, narração da instituição, as intercessões à Igreja Peregrina, Padecente e Gloriosa, e à Doxologia;

c) *Partir o pão*: corresponde ao Pai-nosso, embolismo (Livrai-nos...), oração e abraço da paz²⁰⁸ e culmina no rito do Cordeiro de Deus em que o sacerdote, auxiliado pelo diácono, parte o pão eucarístico para a distribuição. Este gesto nos faz recordar como os discípulos de Emaús reconheceram o Senhor. Em alguns lugares, tem-se o costume de partir o pão eucarístico durante a consagração como se fosse um ato teatral da última ceia de Cristo. Tal prática é errônea,²⁰⁹ pois então, por coerência, a comunhão deveria ser distribuída antes das palavras da consagração (...e deu aos seus discípulos), o que deformaria a estrutura litúrgica da celebração eucarística;

d) *Distribuir*: corresponde ao rito da comunhão aos fiéis.

13. DOXOLOGIA DA ORAÇÃO EUCARÍSTICA (*POR CRISTO, COM CRISTO...*)

183 O gesto de elevar o pão e o vinho transformados no sacramento do Corpo e Sangue do Senhor é o ponto máximo do louvor e de ação de graças pela criação transfigurada que se eleva até ao Pai. É o momento em que o sacerdote exprime a glorificação de Deus, e é confirmada e concluída pela aclamação triunfal da assembleia por meio do Amém.

184 A elevação da patena com o Corpo do Senhor é feita pelo presidente da celebração. A elevação do cálice deve ser feita pelo diácono, ou na sua ausência por um sacerdote concelebrante. Caso não haja nem diácono ou sacerdote concelebrante, o cálice é elevado pelo próprio presidente da celebração. Este gesto não deve ser realizado por um ministro extraordinário da sagrada comunhão ou por outro leigo.

185 A proclamação da doxologia é exclusiva do ministério sacerdotal, não cabendo ao diácono ou aos fiéis leigos, a não ser o Amém conclusivo.

²⁰⁸ CAMARGO, PE. GILSON CEZAR DE. *Liturgia da Missa Explicada, Cadernos Temáticos para Evangelização*, n. 13, Vozes, Petrópolis, RJ, 2004, pág. 59-65.

²⁰⁹ Cf. *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 55.

14. A ORAÇÃO DO SENHOR

- 186** É uma oração que introduz nossa preparação imediata para a participação no banquete pascal e estimula o sentimento de fraterna solidariedade cristã.²¹⁰
- 187** O sacerdote profere o convite, todos os fiéis recitam a oração com o sacerdote, e o sacerdote acrescenta sozinho a oração chamada embolismo (Livrai-nos de todos os males...), que o povo encerra com a seguinte doxologia: “Vosso é o reino, o poder e a glória para sempre”. Desenvolvendo o último pedido do Pai-nosso, o embolismo suplica que toda a comunidade dos fiéis seja libertada do poder do mal.²¹¹ O Pai-nosso rezado durante a Missa não será concluído com o Amém, diferente de quando o rezamos em outras ocasiões. A conclusão do Pai-nosso, que corresponde ao amém, é a resposta dada na doxologia (“Vosso é o reino, o poder e a glória para sempre”).

15. RITO DA PAZ

- 188** “Segue-se o rito da paz no qual a Igreja implora a paz e a unidade para si mesma e para toda a família humana e os fiéis exprimem entre si a comunhão eclesial e a mútua caridade, antes de comungar do Sacramento”.²¹²
- 189** “Convém que cada um dê a paz, sobriamente, só aos mais próximos a si”.²¹³ O sacerdote e os demais ministros podem se dar a paz permanecendo sempre dentro do presbitério para não ocorrer uma desarmonia na celebração.²¹⁴ A razão desta norma é que quando se deseja a paz ao que está mais próximo, não se está desejando somente para uma pessoa em particular, mas para toda Igreja simbolizada naquele irmão. Logo, não é preciso cumprimentar toda a assembleia para expressar tal desejo.

16. A FRAÇÃO DO PÃO

- 190** “Eles o reconheceram na fração do pão” (Lc 24,31). O gesto da fração realizado por Cristo na última Ceia, que no tempo apostólico deu o nome a toda a ação eucarística, significa que muitos fiéis pela Comunhão no único pão da vida, que é o Cristo, morto e ressuscitado

²¹⁰ Cf. *Animação da vida litúrgica no Brasil*, Documentos da CNBB 43, n. 310.

²¹¹ Cf. IGMR, 81.

²¹² IGMR, 82.

²¹³ *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 72.

²¹⁴ Cf. *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 72.

pela salvação do mundo, formam um só corpo (ICor 10,17).²¹⁵ É também um gesto profético de compromisso eclesial e social: quem come do pão que o Senhor reparte compromete-se a repartir seu pão com os irmãos, sobretudo com os mais necessitados, e a se preocupar com estruturas sociais mais igualitárias.

- 191** O Sacerdote faz a fração do pão e coloca uma parte da hóstia no cálice, para significar a unidade do Corpo e do Sangue do Senhor na obra da salvação, ou seja, do Corpo vivo e glorioso de Cristo Jesus.²¹⁶
- 192** O Guia litúrgico-pastoral da CNBB recomenda que a fração do pão seja uma ação visível. Infelizmente, este é um dos gestos simbólicos que passa mais despercebido na nossa celebração. O costume das “formas” pequenas, tão pouco expressivas e, sobretudo, a sensibilidade individualista e não comunitária em torno da comunhão, fazem com que muitos presidentes não deem nenhum relevo ao gesto, apesar das recomendações do Missal.²¹⁷
- 193** Para realçar o gesto de partir o pão e o seu significado é conveniente que a “matéria da Celebração eucarística pareça realmente um alimento (...) e que o sacerdote possa, de fato, partir a hóstia em diversas partes e distribuí-la ao menos a alguns fiéis”.²¹⁸ Na estrutura da Ceia, é aqui o lugar próprio da fração como gesto ritual de fazer o que Cristo fez e não durante a narrativa da Instituição (Consagração).
- 194** Durante a fração, o povo canta ou diz o “Cordeiro de Deus”, entoado pela assembleia. A saudação da paz não deve ofuscar a importância deste momento do rito.

17. COMUNHÃO

- 195** A Igreja valoriza a distribuição da comunhão sob as duas espécies - pão e vinho - de modo que o fiel possa comer e beber este Sagrado Alimento, manifestando assim com maior clareza a plenitude do sinal do banquete eucarístico. Entretanto, o grande número de comungantes pode tornar inviável tal distribuição eucarística. Diante da consulta e do parecer do presidente da celebração, pode-se oferecer a comunhão nas duas espécies, diretamente do cálice ou por intinção,²¹⁹ levando em consideração as seguintes disposições:

²¹⁵ IGMR, 83.

²¹⁶ IGMR, 83.

²¹⁷ Cf. IGMR, n. 83.

²¹⁸ IGMR, n. 283.

²¹⁹ Cf. IGMR, 245. Por intinção entende-se o ato de molhar a hóstia no vinho.

a) Não se administre aos fiéis leigos a comunhão do Sangue do Senhor diretamente do cálice quando há um número de comungantes tão grande que se torne difícil avaliar a quantidade de vinho necessário para a celebração. O vinho consagrado durante a celebração deve ser todo consumido durante a mesma;²²⁰

b) Quando for usada a modalidade da intinção, recorra-se a hóstias que não sejam muito finas nem demasiadamente pequenas, e o comungante receba a Eucaristia do sacerdote somente na boca.²²¹ “Não seja permitido que o fiel comungante molhe por si mesmo a hóstia no cálice, nem que receba na mão a hóstia molhada”;²²²

c) Se um cálice não for suficiente para a comunhão, pode-se dispor de outros cálices menores.²²³ Entretanto, “abstenha-se de passar o Sangue de Cristo de um cálice para outro após a consagração, para evitar qualquer coisa desrespeitosa a tão grande Mistério”.²²⁴

196 Insista-se no ‘Amém’ que o comungante pronuncia em resposta à fórmula do ministro: *O corpo (e o sangue) de Cristo!* Este Amém deve ser pronunciado como uma profissão de fé acerca deste Mistério.²²⁵

197 Não é permitido aos fiéis pegarem por si e muito menos passarem entre eles de mão em mão a sagrada hóstia ou sagrado cálice.²²⁶ Os ministros leigos que irão auxiliar na distribuição da comunhão “não se aproximem do altar antes que o sacerdote tenha tomado a Comunhão, recebendo sempre o vaso (cibório) que contém as espécies da Santíssima Eucaristia a serem distribuídas aos fiéis, da mão do sacerdote presidente”.²²⁷

198 “É da Igreja que o fiel recebe a Eucaristia, que é a Comunhão com o Corpo de Cristo e com a Igreja. Eis porque o leigo comungante não deve ele mesmo retirar a partícula consagrada do cibório, de uma bandeja ou de uma cesta, como o faria se se tratasse de pão comum ou mesmo de pão bento, mas ele recebe a partícula, seja na mão ou na boca, do ministro da Comunhão”.²²⁸

199 Quando a comunhão é dada na espécie do pão, deve-se orientar previamente os fiéis para escolherem a maneira que comungarão:

²²⁰ *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 102.

²²¹ Cf. IGMR, 285b e 287.

²²² *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 104.

²²³ IGMR, 207 e 285a.

²²⁴ *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 106.

²²⁵ Cf. IGMR, 161, 287.

²²⁶ Cf. *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 94; cf. IGMR, 160.

²²⁷ IGMR, 162.

²²⁸ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS SACRAMENTOS E O CULTO DIVINO. *Notificação de protocolo n. 720/85*, de 03 de abril de 1985, n. 4.

ou pode ser dada diretamente na boca, sobre sua língua, ou na mão segundo o costume tradicional da Igreja,²²⁹ onde o comungante recebe a Eucaristia sobre suas mãos abertas sobrepostas em forma de cruz, e comunga com toda piedade diante do ministro. “Cuide-se com especial atenção para que o comungante tome a hóstia logo, diante do ministro, de tal modo que ninguém se afaste levando na mão as espécies eucarísticas”.²³⁰

- 200** Para que por meio de sinais, a comunhão se apresente melhor como participação no sacrifício que se celebra, é preferível que os fiéis possam recebê-la com hóstias consagradas na mesma Missa.²³¹ Assim, nas comunidades que se celebra quase que diariamente a Eucaristia não é conveniente acumular no Sacrário hóstias consagradas além do necessário. Este procedimento justifica-se nas comunidades que realizam constantemente a Celebração da Palavra (cultos). Os ministros leigos preparem um número suficiente de hóstias para a consagração de modo que não falte para a celebração, mas que também não sobre em demasia. Além disso, pede-se que se renove constantemente as hóstias consagradas que permanecem no Sacrário, para que não ocorra o perigo de estragar a matéria do sacramento (o pão).
- 201** Mesmo que o sacerdote, o diácono ou os Ministros Auxiliares da Comunidade ainda não estejam no local para a distribuição da Eucaristia, as Equipes de Celebração orientem os comungantes a iniciar a procissão para a comunhão, logo após a oração: *Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada...* Isto é uma maneira da assembleia expressar o desejo de buscar o encontro com o Cristo Eucarístico, evitando, assim, certa apatia e indiferença dos comungantes.
- 202** É de responsabilidade do presidente da celebração distribuir a comunhão, se é o caso, ajudado pelos outros sacerdotes e diáconos; e este não deve prosseguir a Missa até que haja terminado a comunhão dos fiéis. Só onde a necessidade o requeira, os Ministros Auxiliares da Comunidade podem ajudar na distribuição, de acordo com as normas do direito.²³²
- 203** “Em razão do sinal que se expressa, convém que alguma parte do pão eucarístico obtido pela fração seja distribuído ao menos a algum fiel

²²⁹ Cf. 5ª Catequese Mistagógica de São Cirilo de Jerusalém, n.21; PG 33, Col. 1125; e São João Crisóstomo, homília 47, PG 63, Col. 898.

²³⁰ *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 92.

²³¹ Cf. *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 89.

²³² Cf. *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 88.

no momento da comunhão”.²³³ Também existe uma recomendação “de usar uma patena de maior dimensão, onde se coloca tanto o pão para o sacerdote e o diácono, bem como para os demais ministros e fiéis”,²³⁴ evitando assim a conotação de que o sacerdote comunga a Eucaristia numa patena exclusiva, desvinculada da comunhão dos demais.

204 “Não é lícito, nem mesmo urgindo extrema necessidade, (o sacerdote) consagrar uma matéria (o pão ou o vinho) sem a outra, ou mesmo consagrá-las ambas fora da celebração eucarística”.²³⁵

205 Quando por descuido uma partícula consagrada cai no chão, esta deve ser recolhida com toda reverência, diluída em água e depositada em vasos de plantas para que não seja profanado o Santíssimo Sacramento.²³⁶ Quem joga fora as espécies consagradas ou as conserva para fins de sacrilégio incorre em excomunhão automática, cujo perdão desta pena é reservada somente à Santa Sé.²³⁷

206 Apresentamos também algumas disposições para receber a Comunhão:

a) sua união com Cristo Eucarístico deverá se estender a toda a vida cristã, transformando a vida cotidiana em ação de graças e produzir frutos mais abundantes de caridade;²³⁸

b) ninguém se aproxime da Eucaristia, tendo consciência de estar em pecado mortal,²³⁹ sem prévia confissão sacramental, por mais que se julgue contrito.²⁴⁰ Também não se podem aproximar da comunhão eucarística os que se encontram em situação matrimonial irregular, recasados ou amasiados, ou sofrem alguma pena canônica;

c) “quem vai receber a Santíssima Eucaristia abstenha-se de ingerir qualquer comida ou bebida, excetuando-se somente água e remédio, no espaço de ao menos uma hora antes da sagrada comunhão (...) Pessoas idosas e doentes, bem como as que cuidam delas, podem receber a Santíssima Eucaristia, mesmo que tenham tomado alguma coisa na hora que a antecede”.²⁴¹

²³³ *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 49.

²³⁴ IGMR, 331.

²³⁵ *Código de Direito Canônico*, cân. 927.

²³⁶ IGMR, 280.

²³⁷ Cf. *Código de Direito Canônico*, cân. 1367.

²³⁸ Cf. *A Sagrada Comunhão e culto à Eucaristia fora da Missa*, n. 25.

²³⁹ Para ser pecado mortal é necessário a existência simultânea das três seguintes condições: matéria grave, plena consciência e plena vontade.

²⁴⁰ Cf. *A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da Missa*, n. 23.

²⁴¹ *Código de Direito Canônico*, cân. 919.

18. RITOS DE ENCERRAMENTO

207 Aos ritos de encerramento pertencem:

- a) breves comunicações, se forem necessárias;
- b) saudação e bênção do sacerdote que, em certos dias e ocasiões, é enriquecida e expressa pela oração sobre o povo ou por outra fórmula mais solene;
- c) despedida do povo pelo diácono ou pelo sacerdote, para que cada qual retorne às suas boas obras, louvando e bendizendo a Deus;
- d) o beijo ao altar pelo sacerdote e o diácono e, em seguida, a inclinação profunda ao altar pelo sacerdote, o diácono e outros ministros".²⁴²

208 É justo e apropriado, em certos dias ou comemorações especiais da comunidade, preparar uma homenagem, um agradecimento ou algo semelhante na celebração eucarística. Porém, é necessário o discernimento da equipe de celebração sobre o momento de realizá-los. Pela dinâmica da celebração, tais atos mencionados, bem como os avisos da comunidade, sejam realizados após a Oração depois da Comunhão e não antes, quando se faz o silêncio sagrado da comunhão. Avisos que não sejam de interesse eclesial sejam dados após a bênção final.

209 Depois da bênção, o diácono ou o sacerdote despede o povo com as palavras: *Ide em paz e o Senhor vos acompanhe*. Nesta saudação identifica-se a relação entre a Missa celebrada e a missão que o cristão tem no mundo. Desta forma a Igreja expressa sua natureza missionária. O final da celebração eucarística é muito mais que uma despedida, mas um envio à missão que continua no testemunho de cada cristão no mundo.²⁴³

²⁴² IGMR, 90.

²⁴³ *Exortação Apostólica Sacramentum Caritatis*, n. 51.



PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

- 210** “A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, como sempre venerou ao próprio Corpo do Senhor, já que sem cessar toma da mesa da palavra de Deus e do Corpo de Cristo o pão da vida e o serve aos filhos. Sempre as teve e tem, juntamente com a Tradição, como suprema regra de sua fé, porque, inspiradas por Deus e consignadas por escrito uma vez para sempre, comunicam imutavelmente a Palavra do próprio Deus e fazem ressoar através das palavras dos Profetas e Apóstolos a voz do Espírito Santo. É necessário, portanto, que toda pregação eclesial, como a própria religião cristã, seja alimentada e orientada pela Sagrada Escritura.
- 211** Nos Livros Santos, com efeito, o Pai que está nos céus vem carinhosamente ao encontro de seus filhos e com eles fala. E é tão grande a força poderosa que se encerra na Palavra de Deus, que ela constitui sustentáculo vigoroso para a Igreja, firmeza na fé para seus filhos, alimento da alma, perene e pura fonte da vida espiritual. Por tudo isto, aplicam-se perfeitamente à Sagrada Escritura estas palavras: A Palavra de Deus é viva e eficaz (Hb 4,12), poderosa para edificar e repartir a herança entre os santificados (At 20,32; cf. 1Ts 2,13).²⁴⁴
- 212** Para que os fiéis cheguem a adquirir uma estima viva da Sagrada Escritura, é necessário que os leitores que desempenham esse ministério, embora não tenham sido oficialmente instituídos nele, sejam aptos e estejam cuidadosamente preparados.²⁴⁵ A preparação de um leitor deve ser em primeiro lugar espiritual, compreendendo a instrução bíblica, litúrgica e técnica.²⁴⁶

1. ORIENTAÇÕES PARA OS LEITORES

- 213** Mediante as leituras é preparada para os fiéis a mesa da Palavra de Deus e abrem-se para eles os tesouros da Bíblia. “Por tradição, o ofício de proferir as leituras não é função presidencial, mas ministerial. As leituras sejam, pois, proclamadas pelo leitor, o Evangelho seja anunciado pelo diácono ou, na sua ausência, por outro sacerdote. Na falta, porém, do diácono ou de outro sacerdote, o próprio presidente

²⁴⁴ *Constituição Conciliar sobre a Liturgia Sacrosanctum Concilium*, n. 21.

²⁴⁵ *Instrução Inaestimabile Donum*, n. 2.

²⁴⁶ Cf. *Introdução Geral ao Lecionário*, n. 55.

leia o Evangelho”.²⁴⁷ A não ser em casos de extrema necessidade, não é recomendável que um leitor proclame várias leituras na mesma Missa, pois as ações litúrgicas devem ser partilhadas com as demais pessoas presentes na celebração, de tal forma que cada leitor se responsabilize pela proclamação de uma só leitura.

- 214** “Para que os fiéis cheguem a adquirir uma estima viva da Sagrada Escritura pela audição das leituras divinas, é necessário que os leitores que desempenham este ministério, embora não tenham sido oficialmente instituídos nele, sejam realmente aptos e estejam cuidadosamente preparados. Essa preparação deve ser em primeiro lugar espiritual, mas é necessária também uma preparação técnica. A preparação espiritual supõe pelo menos dupla instrução: bíblica e litúrgica. A instrução bíblica deve encaminhar-se no sentido de que os leitores possam compreender as leituras em seu contexto próprio e entender à luz da fé o núcleo central da mensagem revelada. A instrução litúrgica deve facilitar aos leitores certa percepção do sentido e da estrutura da liturgia da palavra e a relação com a liturgia eucarística. A preparação técnica deve capacitar os leitores para que se tornem sempre mais aptos na arte de ler diante do povo, seja de viva voz, seja com a ajuda de instrumentos modernos para a ampliação da voz”.²⁴⁸
- 215** “Na procissão ao altar, faltando o diácono, o leitor, revestido de vestes aprovadas, pode levar o livro dos Evangelhos - Evangeliário - um pouco elevado; neste caso caminha à frente do sacerdote, do contrário (estando presente o diácono), com os demais ministros”.²⁴⁹
- 216** Quando se leva o Evangeliário na Procissão de Entrada, se deve mantê-lo fechado, e não aberto²⁵⁰. Quem transporta o Evangeliário na Procissão de Entrada, o coloca no centro do altar, sem realizar a inclinação profunda e nem a genuflexão.²⁵¹
- 217** Quando o leitor se dirigir ao ambão, passando em frente do presbitério, ele deve realizar a inclinação profunda ao altar, mesmo se no presbitério houver o Sacrário do Santíssimo.²⁵²
- 218** Os leitores proferem, do ambão, as leituras que precedem o Evangelho. Se o salmo não for cantado, o leitor profere o salmo responsorial depois da primeira leitura.²⁵³

²⁴⁷ IGMR, 59.

²⁴⁸ OLM, 55.

²⁴⁹ IGMR, 194.

²⁵⁰ Cf. *Cerimonial dos Bispos - Cerimonial da Igreja*, n. 127.

²⁵¹ Cf. *Cerimonial dos Bispos - Cerimonial da Igreja*, n. 70.

²⁵² Cf. IGMR, 274.

²⁵³ Cf. IGMR, 196.

- 219 “O Aleluia ou o versículo antes do Evangelho podem ser omitidos quando não são cantados”.²⁵⁴
- 220 “Na falta de diácono, depois que o sacerdote fez a introdução, o leitor pode proferir do ambão, as intenções da oração universal (preces)”.²⁵⁵
- 221 “Nos textos que devam ser proferidos em voz alta e clara, [...] a voz há de corresponder ao gênero de cada texto, conforme se trata de leitura, de oração, de aclamação, de canto, tendo ainda em conta a forma de celebração e a solenidade da assembleia”.²⁵⁶
- 222 “Não convém de modo algum que várias pessoas dividam entre si um único elemento da celebração, por exemplo, a mesma leitura feita por dois, um após o outro, a não ser que se trate da Paixão do Senhor”.²⁵⁷ Por esta orientação, conclui-se que não podem ser substituídas a proclamação das leituras e do Evangelho por encenações teatrais ou jograis, seja nas celebrações da Missa como nas celebrações da Palavra na ausência do presbítero.²⁵⁸
- 223 Assim como ocorre com os coroinhas e os Ministros Auxiliares da Comunidade, convém que os leitores também estejam trajados com uma veste apropriada.²⁵⁹

2. O COMENTARISTA

- 224 O comentarista oportunamente dirige aos fiéis breves explicações e exortações, visando a introduzir os participantes na celebração e dispô-los para entendê-la melhor. Convém que as exortações do comentarista sejam cuidadosamente preparadas, sóbrias e claras. Ao desempenhar sua função, o comentarista fica em pé em lugar adequado voltado para os fiéis, não no ambão,²⁶⁰ mas numa estante simples e discreta.
- 225 O comentarista deve estar atento em preparar suas intervenções unindo a Liturgia com a vida da comunidade. Se possível, não se limite numa leitura mecânica do folheto, restringindo-se somente às suas explicações já prontas.

²⁵⁴ IGMR, 63c.

²⁵⁵ IGMR, 197.

²⁵⁶ *Cerimonial dos Bispos - Cerimonial da Igreja*, n. 116.

²⁵⁷ IGMR, 109.

²⁵⁸ Cf. BECKHÄUSER, Frei Alberto. *Novas mudanças na Missa*, Petrópolis, RJ, Editora Vozes, p. 68-69.

²⁵⁹ Cf. IGMR, 194.

²⁶⁰ Cf. IGMR, 105.

- 226** Muitas vezes, as introduções às leituras são comentários que antecipam aquilo que a leitura vai dizer. As orientações dadas na *Introdução Geral ao Lecionário* indicam que o comentarista deve fazer uma admoestação à liturgia da Palavra, antes da proclamação das leituras. Estas admoestações poderão ser de grande ajuda para que a assembleia escute melhor a Palavra de Deus, já que promovem a fé.²⁶¹ Se já diz de antemão no comentário o que Deus vai falar e como devemos entender, logo nem precisamos mais proclamar a Palavra de Deus. Por isso, os comentários não têm a missão de explicar as leituras antes da assembleia ouvi-la.
- 227** O comentarista poderá anunciar os avisos e conduzir homenagens, caso haja necessidade. Ao fazê-los sejam realizados depois da Oração após Comunhão, de modo breve e claro ao povo.²⁶²

3. O MANUSEIO DO LECTIONÁRIO

- 228** O Lecionário é o instrumento litúrgico fundamental dos leitores. Sua função é de nos inserir na celebração do Mistério de Cristo, revelando a vontade do Pai na história da Salvação.
- 229** Os livros litúrgicos devem ser tratados com cuidado e respeito, pois é deles que se proclama a Palavra de Deus e se profere a oração da Igreja. Por isso, principalmente quando se trata de celebrações litúrgicas, tenham-se à mão os livros litúrgicos oficiais das edições mais recentes, de boa apresentação e bem conservados, quer na apresentação gráfica quer na encadernação.²⁶³
- 230** Insista-se que as leituras da Palavra de Deus sejam proclamadas sempre do Lecionário e não de folhetos ou livretos. Pede-se que as comunidades adquiram, pelo menos, o Lecionário Dominical para celebrar a Palavra de Deus.
- 231** O Lecionário para a celebração eucarística, além do Evangeliário, é formado por três livros: Lecionário Dominical, Semanal (Ferial) e Santoral.

a) Lecionário Dominical

- 232** É utilizado nas celebrações de todos os domingos do ano (bem como suas vésperas, no sábado), dias festivos e de solenidades. Apresenta

²⁶¹ Cf. *Introdução Geral ao Lecionário*, n. 42.

²⁶² *Cerimonial dos Bispos - Cerimonial da Igreja*, n. 168.

²⁶³ Cf. *Cerimonial dos Bispos - Cerimonial da Igreja*, n. 115.

três leituras e o salmo responsorial, exceto em grandes celebrações onde há mais leituras: vigília pascal ou vigília de pentecostes.

- 233** Para maior variedade e abundância de textos bíblicos, estas leituras são distribuídas em três anos. Cada ano corresponde a um ciclo. Os ciclos são designados pelas letras A, B e C. Cada ciclo acompanha o desenvolvimento do ano litúrgico, que se inicia no 1º Domingo do Advento. Por exemplo:

Ciclo C - Lucas	Ciclo A - Mateus	Ciclo B - Marcos
2010	2011	2012
2013	2014	2015
2016	2017	2018

- 234** No final do Lecionário Dominical há um capítulo reservado às solenidades e às festas: Imaculada Conceição, Apresentação do Senhor, Natividade de São João Batista, São Pedro e São Paulo, Transfiguração do Senhor, Assunção de Nossa Senhora, Exaltação da Santa Cruz, Nossa Senhora Aparecida, Todos os Santos, Finados, Dedicção da Basílica de Latrão.

b) Lecionário Semanal (ou Ferial)

- 235** Este Lecionário é utilizado de segunda-feira a sábado. Apresenta duas leituras e o salmo responsorial.
- 236** Com o mesmo objetivo do anterior, ele proporciona um contato mais abundante dos fiéis com a Sagrada Escritura. Este Lecionário segue como referência o ano litúrgico com seus respectivos tempos e domingos, porém, ele possui uma dinâmica um pouco diferente quando se refere ao Tempo Comum: a Primeira Leitura, com o seu salmo responsorial, é distribuída em dois ciclos - Ano ímpar e Ano par. Por exemplo:

Tempo Comum	Ano par	Ano ímpar
	2010	2011
	2012	2013
	2014	2015

c) Lecionário Santoral

- 237** A intenção deste Lecionário é ajudar as comunidades a redescobrir que a nossa união com os santos realiza-se de modo admirável, sobretudo

na Liturgia. As celebrações dos santos proclamam as maravilhas do Cristo nos seus servos e oferecem aos fiéis oportunos exemplos a serem imitados.²⁶⁴ “A Igreja sempre afirmou que nas festas dos santos se anuncia e se renova o Mistério Pascal de Cristo”.²⁶⁵

238 O Lecionário Santoral é estruturado da seguinte maneira:

1ª parte	Memória dos santos segundo o seu dia entre os meses de janeiro a dezembro
2ª parte	Comuns dos santos: Nossa Senhora, mártires, pastores, doutores da Igreja...
3ª parte	Para diversas necessidades: pela Igreja, bem público...
4ª parte	Missas votivas: Sagrado Coração de Jesus, Santíssima Trindade ¹

4. A ESCOLHA DAS LEITURAS SEGUNDO OS GRAUS DE CELEBRAÇÃO

239 As celebrações litúrgicas se distinguem em graus e são denominadas: solenidades, festas e memórias.²⁶⁶

a) Solenidades

240 As solenidades são os dias mais importantes no calendário cristão, cuja celebração começa no dia precedente, nas vésperas.²⁶⁷ Se o dia da solenidade coincidir com o domingo, a solenidade substituirá o domingo, exceto quando forem os domingos do Advento, da Quaresma e da Páscoa, sendo neste caso antecipada para o sábado.²⁶⁸ As conferências episcopais podem alterar os dias de algumas solenidades para o domingo com o objetivo de uma maior participação do povo. No Brasil, são transferidas para o domingo posterior as seguintes solenidades: Ascensão do Senhor, São Pedro e São Paulo, Assunção de Nossa Senhora, Todos os Santos.

241 Assim como ocorre nos domingos, nas solenidades sempre se proclamam três leituras, que são próprias da celebração. Tais leituras não podem ser omitidas ainda que a solenidade seja num dia de semana. No Tempo Pascal, em lugar do Antigo Testamento, a leitura será dos Atos dos Apóstolos.²⁶⁹

²⁶⁴ Cf. Constituição Conciliar sobre a Liturgia *Sacrosanctum Concilium*, n. 111.

²⁶⁵ *Introdução das Normas Universais do Ano Litúrgico e o novo Calendário Romano Geral*, II.

²⁶⁶ Cf. *Normas Universais do Ano Litúrgico e o novo Calendário Romano Geral*, n. 10.

²⁶⁷ Cf. *Normas Universais do Ano Litúrgico e o novo Calendário Romano Geral*, n. 11.

²⁶⁸ Cf. *Normas Universais do Ano Litúrgico e o novo Calendário Romano Geral*, n. 5.

²⁶⁹ Cf. IGMR, 357.

242 Algumas solenidades são enriquecidas com uma Missa de vigília, nas vésperas.²⁷⁰

b) Festas

243 As festas são celebradas num dia litúrgico normal (de meia-noite a meia-noite), exceto aquelas que ocorrem nos domingos do Tempo Comum e do Tempo do Natal.²⁷¹ Nos domingos do Advento, da Quaresma e da Páscoa não se celebram as festas.²⁷²

244 “Para as festas são previstas duas leituras. Mas, se a festa, segundo as normas, for elevada ao grau de solenidade, acrescenta-se uma terceira leitura, tirada do Comum”.²⁷³ Estas normas vigoram quando a festa coincidir com o domingo ou quando houver uma razão pastoral que aconselhe esta elevação. Por exemplo: quando uma comunidade tem por padroeiro o apóstolo São Judas Tadeu. No calendário geral da Igreja é uma festa, mas para determinadas comunidades tal celebração eleva-se para o grau de solenidade. O mesmo vale para as memórias de santos, quando estes são padroeiros.

c) Memórias

245 A memória é uma recordação de um ou vários santos ou santas em dia de semana. Há duas classes de memórias: as obrigatórias e as facultativas. A única diferença entre os dois tipos de memória é que as memórias obrigatórias (como o próprio nome sugere) devem necessariamente ser celebradas e as memórias facultativas podem ser celebradas ou omitidas, segundo se considere oportuno.²⁷⁴ São obrigatórias as memórias dos santos que manifestam uma importância especial para a Igreja de todo o mundo.²⁷⁵

246 Nas memórias dos santos, deve-se dar preferência às leituras dos dias de semana, a não ser que no Lecionário Santoral se apresente uma *Leitura Própria* do santo. Por *Leitura Própria* entende-se aquele texto bíblico que trata do Mistério que a Missa celebra ou quando trata da mesma pessoa do santo,²⁷⁶ mencionando-o nos textos do Novo Testamento, como São Timóteo e São Tito, São Barnabé, Santa Maria Madalena, Santa Marta.²⁷⁷ Para as memórias dos

²⁷⁰ Cf. *Normas Universais do Ano Litúrgico e o novo Calendário Romano Geral*, n. 11.

²⁷¹ Cf. *Normas Universais do Ano Litúrgico e o novo Calendário Romano Geral*, n. 13.

²⁷² Cf. *Normas Universais do Ano Litúrgico e o novo Calendário Romano Geral*, n. 5.

²⁷³ IGMR, 357.

²⁷⁴ Cf. CNBB. *Guia litúrgico-pastoral*, p. 14.

²⁷⁵ Cf. *Normas Universais do Ano Litúrgico e o novo Calendário Romano Geral*, n. 9.

²⁷⁶ Cf. *Introdução Geral ao Lecionário*, n. 83.

²⁷⁷ IGMR, 358a.

outros santos, encontramos as *Leituras do Comum* que sublinham algum aspecto da vida espiritual ou da atividade do santo. O uso destas leituras não é obrigatório, a não ser que uma razão pastoral o aconselhe.²⁷⁸

5. A PREPARAÇÃO ESPIRITUAL DO MINISTRO DA PALAVRA

- 247** Na Liturgia, o leitor não fala em seu próprio nome. O leitor é um verdadeiro ministro da Palavra de Deus, é um porta-voz de Deus, um servidor de sua Palavra, que *empresta* a sua voz para que Deus fale com o seu povo.
- 248** A Palavra de Deus gera algo novo e diferente no mundo (cf. Gn 1; Is 55,11), pois não apenas consiste em tornar conhecida uma idéia, um pensamento ou uma impressão. É pela palavra que Deus divide a humanidade entre aqueles que o acolhem e aqueles que não (cf. Rm 10,17; espada de dois gumes: Hb 4,12), traz a vida, a conversão e a salvação ou a ruína, a morte e a perdição (cf. Sl 119/118,105; Mc 8,38).
- 249** Assim, ser um ministro da Palavra é uma grande responsabilidade porque ele é muito mais do que um mero leitor ou comunicador profissional. O ministro da Palavra é alguém comprometido com Deus para ser instrumento de conversão e fé da assembleia ouvinte. Uma proclamação sem a devida preparação espiritual pode até ser uma leitura esplêndida, com voz e dicção perfeita, porém certamente delimita a eficácia da graça do Senhor. Por isso, ele deve cultivar uma vida de oração fundamentada na leitura orante da Bíblia. Uma das maneiras eficazes de rezar com a Bíblia é um método milenarmente conhecido na Igreja chamado *Lectio Divina*.

²⁷⁸ Cf. *Introdução Geral ao Lecionário*, n. 83; cf. IGMR, 357c.



O CANTO E A MÚSICA LITÚRGICA NA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

- 250** O canto e a música litúrgica são partes necessárias e integrantes da Liturgia; por exigência de autenticidade, deve ser a expressão da fé e da vida cristã de cada assembleia.²⁷⁹ Não é apenas para embelezar ou para quebrar a monotonia das orações. Dê-se grande valor ao uso do canto nas celebrações.²⁸⁰
- 251** Os atos litúrgicos revestem-se de forma mais nobre quando são solenemente celebrados com o canto, com a participação ativa dos fiéis e dos ministros ordenados.²⁸¹
- 252** O canto é importante na liturgia, pois ajuda tanto a expressar os sentimentos humanos a Deus, como a descrever e vivenciar melhor o mistério celebrado.

1. O CANTO LITÚRGICO A SERVIÇO DA PALAVRA DE DEUS E DOS GESTOS SAGRADOS DA CELEBRAÇÃO

- 253** Na celebração, Deus se revela para a assembleia litúrgica numa “passagem” (páscoa) libertadora em nossas vidas. Os discípulos de hoje recobram e reavivam a chama da fé, da esperança e do amor na medida em que percebem a ação do Espírito do Ressuscitado e descobrem o sentido dos acontecimentos.
- 254** Os corações dos fiéis ardem à medida que a mente se ilumina com a proclamação da Palavra Divina (cf. Lc 24,13-35).²⁸²
- 255** “O canto, por natureza, está intimamente vinculado à Palavra de Deus. O canto é Palavra que desabrocha em sonoridade, melodia e ritmo”.²⁸³ “O canto será, assim, a expressão mais suave ou mais forte da Palavra. Por essa vinculação de raiz da Palavra, no culto cristão, o canto é a expressão musical mais importante”.²⁸⁴

²⁷⁹ Cf. *Constituição Conciliar sobre a Liturgia Sacrosanctum Concilium*, n. 112.

²⁸⁰ IGMR, 40.

²⁸¹ Cf. *Constituição Conciliar sobre a Liturgia Sacrosanctum Concilium*, n. 113; cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. *Instrução sobre a música na sagrada liturgia*, in *Musica Sacram*, 1967, n. 27.

²⁸² Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. *A música litúrgica no Brasil*, Estudos da CNBB 79, 6 ed., Paulus, São Paulo, 2004, n. 274.

²⁸³ A música litúrgica no Brasil, n. 203. (Estudos da CNBB 79)

²⁸⁴ A música litúrgica no Brasil, n. 204. (Estudos da CNBB 79)

- 256** Por isso, a música na Liturgia necessita essencialmente estar a serviço da Palavra de Deus:
- a) proclama e interioriza a Palavra de Deus;²⁸⁵
 - b) responde, com o Salmo Responsorial, a Palavra proclamada;
 - c) aclama o Evangelho antes ou depois de sua Proclamação;
 - d) aclama, com respostas apropriadas, durante a Oração Eucarística.
- 257** A Liturgia é um memorial, no qual Deus se faz presente na comunidade e age nos ritos sagrados por meio de Cristo. Sendo assim, o canto litúrgico alcança seu sentido quando é sintonizado e acompanha harmoniosamente os ritos da celebração, sem se desviar do verdadeiro sentido de cada momento da celebração. O importante é cantar a Liturgia, e não simplesmente cantar na Liturgia, como tantas vezes acontece quando o gosto pessoal dos cantores prevalece.
- 258** A função ministerial do Canto Litúrgico:
- a) estar intimamente ligado à ação litúrgica que está sendo realizada, quer exprimindo suavemente a oração, quer favorecendo a unidade e a comunhão dos fiéis, quer dando maior solenidade aos ritos sagrados;²⁸⁶
 - b) levar em conta o tempo litúrgico, as solenidades e as festas de preceito;²⁸⁷
 - c) estar em sintonia com os textos bíblicos de cada celebração, especialmente com o Evangelho, no que diz respeito ao canto de comunhão;²⁸⁸
 - d) não usar melodias que já foram usadas em outros textos não litúrgicos;²⁸⁹ isto é, não fazer adaptações de músicas populares;
 - e) respeitar a sensibilidade religiosa do nosso povo;²⁹⁰
 - f) escolher músicas com letras e ritmos adequados ao tipo de celebração.²⁹¹

²⁸⁵ Cf. Ez 3,1-3; Ap 10,8-10.

²⁸⁶ Cf. *Constituição Conciliar sobre a Liturgia Sacrosanctum Concilium*, n. 112.

²⁸⁷ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 201. (Estudos da CNBB 79)

²⁸⁸ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 201. (Estudos da CNBB 79)

²⁸⁹ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 201. (Estudos da CNBB 79)

²⁹⁰ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 201. (Estudos da CNBB 79)

²⁹¹ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 201. (Estudos da CNBB 79)

2. O ANIMADOR DE CANTOS OU EQUIPE DE CANTOS

- 259** “Com a compreensão que temos hoje de que a celebração dos Mistérios da Fé é função de todo o povo de Deus e se processa num rico diálogo entre os ministros e a assembleia, diálogo que tem no canto o seu momento mais expressivo, podemos imaginar a importância desse ministério”.²⁹² Daí a importância do ministério da música. Sua função é de apoiar e dirigir o canto dos fiéis.²⁹³
- 260** Ninguém participa de uma celebração para ser admirado pela comunidade. Animar os cantos para uma assembleia litúrgica é um serviço e uma oração. Cabe ao animador as seguintes funções:²⁹⁴
- a) orientar a escolha dos cantos na celebração, de forma criteriosa e em unidade com o pároco. Elabore-se um programa conjunto com as demais Equipes de cantos da sua comunidade;
 - b) dosar o repertório, promovendo o equilíbrio entre a tradição e a novidade, repetição e variedade, de modo que mantenha a assembleia segura nos seus cantos tradicionais e, ao mesmo tempo, contente em poder renovar o seu repertório;
 - c) animar o canto da assembleia, de modo que faça vibrar numa só voz o canto dos refrões, o santo e as respostas ou aclamações da Oração Eucarística;
 - d) para que a assembleia possa cantar nas celebrações, o animador jamais pode esquecer de providenciar o acesso de todos à letra do canto.

3. O BOM USO DO MICROFONE E A PARTICIPAÇÃO DA ASSEMBLEIA

- 261** A voz da assembleia é a base de todo edifício musical de uma celebração, pois o canto da assembleia é a voz do corpo místico do Cristo que é a Igreja (Cl 1,18). E nós sabemos que a palavra originária de Igreja é *ekklésia*, que significa “assembleia”, isto é, um povo escolhido e chamado por Deus.
- 262** É recomendável que o animador dos cantos ou a Equipe de animação utilize moderadamente o microfone.
- 263** Quando não há equilíbrio e discernimento no volume do microfone e dos instrumentos, comete-se um grave ato contra a Comunidade

²⁹² Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 247. (Estudos da CNBB 79)

²⁹³ Cf. *Instrução Musicam Sacram*, n. 21.

²⁹⁴ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 247. (Estudos da CNBB 79)

Orante, pois esta atitude encobre e cala a voz da assembleia litúrgica, que é a própria voz da Igreja reunida no amor de Cristo.

- 264** A Liturgia é um diálogo entre o Deus-Trindade e o homem-Comunidade. Este diálogo é composto de vários momentos. Cada momento tem sua característica própria e, portanto uma expressão diferenciada. Ninguém cantaria um salmo penitencial (salmo 50 - Miserere) de forma triunfal ou o hino de Glória ou o Santo timidamente.
- 265** Cada momento da Liturgia exige um tipo de expressão musical. Sem conhecer o espírito de cada momento do diálogo litúrgico, corremos o risco de dar um 'Viva' tão tímido que ninguém se sentirá estimulado a responder.

4. O CANTO LITÚRGICO NA EUCARISTIA SEGUNDO OS SEUS GRAUS

- 266** Os cantos nas celebrações são divididos em: Ordinários ou Próprios.

a) Ordinários: Estes cantos possuem um texto fixo e invariável, pois constituem partes fixas da Missa. O texto não varia, o que pode e deve variar é a melodia, isto é, a música. Isto ajuda muito o povo, pois não precisa do folheto para acompanhar e pode cantar com toda espontaneidade. Os cantos Ordinários da Missa são: Kyrie, Glória, Creio, Santo, Pai-nosso e o Cordeiro de Deus.

b) Próprios: São cantos que variam em cada Missa, ou seja, possuem o texto próprio do domingo, do tempo litúrgico ou da festa que se celebra. Estes cantos são: Procissão de Entrada, Salmo Responsorial, Aclamação ao Evangelho, Apresentação das Oferendas e a Procissão da Comunhão.

- 267** Uma autêntica celebração exige também que se observe exatamente o sentido e a natureza próprios de cada parte e de cada canto.²⁹⁵

5. CANTO DE ENTRADA

- 268** O objetivo deste canto é convocar a assembleia, criando um clima que promova a união orante da comunidade no encontro com o Ressuscitado. Esta canção deve deixar claro para toda a assembleia qual a festa ou o Mistério do Tempo Litúrgico que se celebra.²⁹⁶

²⁹⁵ Cf. *Instrução Musicam Sacram*, n. 6b

²⁹⁶ Cf. IGMR, 47.

- 269** Este canto não deve ser demasiado longo, pois pertence à categoria dos cantos que acompanham um rito, que no caso, inicia-se com a procissão de entrada e encerra-se quando o sacerdote estiver na sede presidencial.²⁹⁷
- 270** Todo o povo deve cantar com a Equipe de animação. Os instrumentos têm a função de incentivar e apoiar o canto. Não devem encobrir as vozes dificultando a compreensão do texto.

6. SENHOR, TENDE PIEDADE

- 271** É um canto de louvor e exultação a Cristo Ressuscitado onde os fiéis aclamam o Senhor e imploram a sua misericórdia (Kyrie Eleison). É cantado normalmente por todos, tomando parte nele o povo e o grupo de cantores ou o cantor.²⁹⁸
- 272** Não podemos confundir simplesmente o canto do “Senhor, tende piedade” com o rito do Ato Penitencial, pois este canto é um dos elementos que constitui o rito. O Ato Penitencial possui três momentos:²⁹⁹
- a) O presidente da celebração motiva a assembleia para que proclame a misericórdia de Deus manifestada em Jesus, através de um instante de silêncio;
 - b) A assembleia invoca a misericórdia do Senhor através do “Senhor, tende piedade” ou por alguma das formas indicadas pelo Missal.
 - c) O rito termina com a absolvição do sacerdote: “Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós..”. Esta absolvição, contudo, não possui a eficácia do sacramento da Penitência, ou seja, o fiel não fica isento da confissão sacramental.
- 273** Este rito é a forma mais utilizada pelas nossas comunidades, mas não é a única. Outras formas de Ato Penitencial podem ser encontradas no Missal Romano, entre as quais citamos, por exemplo, “Confesso a Deus..”. no qual o “Senhor, tende piedade” (Kyrie) é cantado ou rezado depois da oração de perdão pronunciada pelo presidente da celebração.

²⁹⁷ Cf. IGMR, 47.

²⁹⁸ Cf. IGMR, 52.

²⁹⁹ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB. *Animação da vida litúrgica no Brasil*, Documentos da CNBB 43, Paulinas, 2 ed., Paulinas, São Paulo, 1989, n. 250.

7. GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS

- 274** “É um hino antiquíssimo e venerável pelo qual a Igreja, reunida no Espírito Santo, glorifica e suplica a Deus Pai e ao Cordeiro. Não constitui uma aclamação trinitária”,³⁰⁰ mas é um hino em homenagem a Jesus Cristo.³⁰¹ Deve ser um hino cantado por toda a assembleia e não por um grupo de cantores. Se não for cantado, deve ser recitado por todos juntos ou alternado em dois coros.
- 275** Este hino “é cantado ou recitado aos domingos, exceto no tempo do Advento e da Quaresma, e nos dias de solenidades, festas ou em celebrações especiais mais solenes”.³⁰²
- 276** Por ser um hino antiquíssimo, conservado pela Tradição da Igreja na Liturgia, o seu texto não pode ser substituído por qualquer outro hino de louvor ou por paráfrases que se distanciam do seu sentido original.³⁰³ Somente é possível alterações no texto original do hino do Glória, se houver a aprovação da CNBB através do Hinário Litúrgico.

8. SALMO RESPONSORIAL

- 277** É parte integrante da Liturgia da Palavra e seu texto acha-se diretamente ligado à primeira leitura, não podendo ser substituído por outro salmo que não corresponda à celebração do dia, ou pior, por algum outro canto de meditação.³⁰⁴ É um canto que interioriza a Voz de Deus. Execute-se sem pressa, com voz suave e ritmo tranquilo.
- 278** De preferência, o salmo responsorial deve ser cantado e o salmista proferirá os versículos do salmo do Lecionário e no ambão, enquanto toda a assembleia escuta sentada, cantando o refrão.³⁰⁵
- 279** O bom salmista é um leitor-cantor que cultiva seus talentos musicais e sua afinação, preparando-se como um verdadeiro ministro da Palavra.
- 280** Cabe ao salmista comunicar, de forma discreta e orante, os sentimentos do salmo não só pela voz, mas ainda através da postura do corpo e da expressão do rosto, para elevar os corações e as mentes dos fiéis a Deus, aumentando o fervor e a vivacidade das orações da comunidade.

³⁰⁰ *Animação da vida litúrgica no Brasil*, Documentos da CNBB 43, n. 257.

³⁰¹ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, Estudos da CNBB 79, n. 308.

³⁰² IGMR, 53.

³⁰³ Cf. IGMR, 53.

³⁰⁴ Cf. IGMR, 61.

³⁰⁵ Cf. IGMR, 61.

- 281 Por causa de seu caráter de leitura cantada, a melodia deverá ser de preferência bastante simples para que a assembleia tenha condições de cantar. Nos solos, o que deve ser ouvida é a voz do salmista, por isso os instrumentos deverão apenas apoiar e acompanhar discretamente, sem se sobrepor ao canto.

9. ACLAMAÇÃO ANTES DA PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO

- 282 É uma aclamação de louvor alegre e vibrante “Hallelu-Jah” (Louvai ao Senhor!) que constitui um rito ou ação por si mesma através do qual a assembleia dos fiéis, em pé, acolhe e saúda o Senhor que vai falar no Evangelho e professa a sua fé pelo canto.³⁰⁶ Embora o Aleluia ou o versículo antes do Evangelho possam ser rezados, preferencialmente sejam cantados, pois “podem ser omitidos quando não são cantados”.³⁰⁷
- 283 Este canto deve ter uma intensa participação da assembleia, ao menos no refrão. O Aleluia é cantado em todo o tempo, exceto na Quaresma. O versículo deveria ser tomado de preferência do Lecionário, podendo ser entoado pelo animador ou pela Equipe de canto.³⁰⁸ No tempo em que o Aleluia é omitido, cante-se um verso aclamativo da Sagrada Escritura, por exemplo: Não só de pão vive o homem, mas de toda Palavra que sai da boca de Deus (Mt 4,4); ou uma doxologia do Novo Testamento, por exemplo:
- A Ele, honra e poder eterno (1Tm 6,16)
 - A Ele pertence a glória e o poder para sempre (1Pd 4,11)
 - A Jesus a glória e o poder para sempre (Ap 1,6).³⁰⁹
- 284 Esta aclamação pode ser repetida quantas vezes for necessário, iniciando-se com a procissão do Evangeliário ao Ambão e encerrando-se no momento em que o sacerdote ou o diácono estiver no ambão. “É de bom costume repetir o Aleluia após o Evangelho”.³¹⁰

10. PREPARAÇÃO DOS DONS

- 285 É o início da Liturgia Eucarística e corresponde ao momento em que as oferendas – isto é, o pão e o vinho – que se converterão no Corpo

³⁰⁶ Cf. IGMR, 62; *A música litúrgica no Brasil*, n. Estudos da CNBB 79, n. 302.

³⁰⁷ IGMR, 63c.

³⁰⁸ Cf. IGMR, 62.

³⁰⁹ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. Estudos da CNBB 79, n. 302.

³¹⁰ Idem, n. 302.

e Sangue de Cristo são levados para o altar.³¹¹ É louvável que os fiéis conduzam em procissão o pão e o vinho.³¹² Além de levar o pão e o vinho ao altar, realiza-se o gesto de apresentar dinheiro e outros donativos, expressando a comunhão das pessoas de colocar em comum o que são e o que possuem, para atender as necessidades dos irmãos e da própria comunidade.³¹³

286 O canto do ofertório não precisa necessariamente falar das ofertas, mas recordar a vida do povo, de modo que se una com o ato litúrgico de oferecer-se ao Pai em Cristo.³¹⁴

287 Este canto é facultativo e acompanha a procissão das oferendas, prolongando-se até que os dons tenham sido colocados sobre o altar e o sacerdote tenha feito o lavabo,³¹⁵ por isso cuide-se para não alongar o canto além da conclusão do rito.

288 Geralmente canta-se durante todo o rito da apresentação das oferendas. Tal prática pode prosseguir em nossas comunidades normalmente. Entretanto, há uma sugestão da CNBB para que este rito seja realizado de modo mais completo e adequado, com três momentos distintos:

a) Procissão das oferendas: um grupo de pessoas em nome da assembleia leva ao sacerdote ou diácono o pão e o vinho;

b) Procissão dos dons (dinheiro, alimentos, roupas, etc);

c) Oração sobre o pão e o vinho realizada pelo presidente da celebração: “Bendito sejas, Senhor Deus do Universo,..”. seguida da aclamação rezada ou cantada pela assembleia (“Bendito seja Deus para sempre!”).³¹⁶

N.B.: Os dois primeiros momentos acima citados são acompanhados pelo canto, que pode continuar após a oração sobre o vinho.

11. SANTO

289 É uma aclamação triunfal de grande importância que faz parte da Oração Eucarística, que toda a assembleia deve cantar,³¹⁷ unindo-se aos espíritos celestes.³¹⁸

³¹¹ Cf. IGMR, 73.

³¹² Cf. IGMR, 73; *Animação da vida litúrgica no Brasil*, Documentos da CNBB 43, n. 291.

³¹³ Cf. IGMR, 73.

³¹⁴ Cf. *Animação da vida litúrgica no Brasil*, n. 296. (Documentos da CNBB 43)

³¹⁵ Cf. IGMR, 74.

³¹⁶ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 319. (Estudos da CNBB 79)

³¹⁷ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 303. (Estudos da CNBB 79)

³¹⁸ Cf. IGMR, 79b.

- 290** O texto deste canto é inspirado na visão do profeta Isaías quando ouviu os Serafins cantarem no Templo (Is 6,3), na visão de João (Ap 4,8) e na entrada de Jesus em Jerusalém (Mt 21,9). Por ser um dos cantos do Ordinário da Missa, não se pode admitir acréscimos, alterações ou paráfrases.³¹⁹

12. ACLAMAÇÃO MEMORIAL

- 291** É o momento do anúncio do Mistério Pascal. O presidente da celebração proclama “Eis o Mistério da Fé!” e toda assembleia, em pé, responde expressando sua fé na presença do Mistério Pascal de Jesus na Eucaristia. Quando cantado, é importante que toda a assembleia participe e não seja executado somente por um grupo de cantores.³²⁰ Neste caso, é conveniente combinar a melodia com o presidente da celebração (“Eis o Mistério da Fé!”) para que haja uma harmonia musical entre o canto do presidente e a resposta da assembleia.
- 292** Há três aclamações propostas pelo Missal que a equipe de cantos deve ensaiar com a assembleia:
- a) “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição, vinde, Senhor Jesus!”
 - b) “Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos, Senhor, a vossa morte, enquanto esperamos a vossa vinda!”
 - c) “Salvador do mundo, salvai-nos, vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição!”
- 293** Textos alternativos que exprimem a fé na presença real devem ser excluídos, pois alteram o sentido litúrgico do Mistério que se celebra. Portanto não se deve substituir uma das três aclamações acima citadas por um canto eucarístico ou de louvor.³²¹
- 294** Durante a narrativa da Instituição ou a Consagração, não se admite nenhum outro som, além das palavras do presidente da celebração. Toda inserção instrumental neste momento pode distrair e desvirtuar a celebração do Mistério Eucarístico. Este é um momento forte e alto da presença e ação de Deus, e convém que a assembleia, inclusive o grupo de cantores, escutem em silêncio, atenção e respeito as palavras do Cristo que se oferece a nós por amor.³²²

³¹⁹ Cf. IGMR, 366; *A música litúrgica no Brasil*, n. 303. (Estudos da CNBB 79)

³²⁰ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 304. (Estudos da CNBB 79)

³²¹ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 304. (Estudos da CNBB 79)

³²² Cf. IGMR, 32; *Instrução Musicam Sacram*, n. 16 a.

13. ACLAMAÇÕES DA ORAÇÃO EUCARÍSTICA

- 295** Durante a Oração Eucarística estão previstas várias e curtas aclamações da assembleia. É o jeito mais significativo do povo participar do grande louvor e solene ação de graças que é a Eucaristia.³²³

14. O GRANDE AMÉM (*DOXOLOGIA*)

- 296** Convém que se valorize da melhor maneira possível o *Amém* conclusivo da Oração Eucarística através do canto, com intensa participação da assembleia.³²⁴
- 297** A proclamação da doxologia (Por Cristo, com Cristo e em Cristo) é exclusiva do presidente e concelebrantes, não cabendo ao diácono ou aos fiéis leigos, a não ser o *Amém* conclusivo.

15. A ORAÇÃO DO SENHOR

- 298** “O convite, a própria oração, o embolismo e a doxologia com que o povo encerra o rito são cantados ou proferidos em voz alta”.³²⁵ Quando forem cantados, deve haver uma plena participação da assembleia. A oração do Pai-nosso nunca pode ser substituída por outros cantos.³²⁶

16. O CANTO DA PAZ

- 299** A saudação da paz deve ser dada àqueles que estão mais próximos.³²⁷ Pode-se executar um canto durante o gesto da saudação da paz, no entanto é facultativo. O canto da paz não pode diminuir o canto do “Cordeiro de Deus”, que tem a preferência, e é cantado durante a fração do pão.³²⁸

17. O CORDEIRO DE DEUS

- 300** Este canto constitui um rito próprio e acompanha a Fração do Pão, antes de se proceder à sua distribuição. Não deve ser usado como

³²³ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 323. (Estudos da CNBB 79)

³²⁴ Cf. *Animação da vida litúrgica no Brasil*, n. 306. (Documentos da CNBB 43)

³²⁵ IGMR, 81.

³²⁶ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 309. (Estudos da CNBB 79)

³²⁷ Cf. Instrução *Redemptionis Sacramentum*, n. 72.

³²⁸ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 322. (Estudos da CNBB 79)

uma forma de encerrar o movimento criado na assembleia durante o abraço da paz.³²⁹ A saudação da paz não deve ofuscar a importância desse momento do rito.³³⁰

- 301** Diferentemente do *Santo* e do *Pai-nosso*, este canto não é necessariamente um canto do povo e pode ser cantado apenas pela Equipe de animação. Quem inicia esse canto ou a recitação não é quem preside, mas a assembleia por meio do cantor ou comentarista.³³¹
- 302** O canto do “Cordeiro de Deus” possui a forma de uma ladainha e pode ser executado de modo dialogal por um solista e a assembleia, prolongando-se enquanto o sacerdote parte o pão eucarístico, podendo ser repetido tantas vezes quanto o exigir a ação que acompanha (partir o pão), terminando sempre com a resposta: “Dai-nos a paz!”³³²
- 303** Existe uma proibição explícita de se substituir o texto do hino do Cordeiro por um outro texto qualquer.³³³

18. CANTO DE COMUNHÃO

- 304** É um canto processional para acompanhar o rito da distribuição da comunhão com o qual a assembleia expressa a alegria pela unidade do Corpo de Cristo e pela realização do Mistério que está sendo celebrado. O canto de comunhão pode retomar o evangelho do dia e garantir a unidade das duas mesas (palavra e eucaristia).³³⁴ O canto da comunhão se prolonga até o término da procissão da comunhão ou no máximo até a purificação dos objetos sagrados.³³⁵
- 305** Muitos hinos eucarísticos utilizados tradicionalmente na adoração ao Santíssimo Sacramento não são adequados para este momento, pois ressaltam apenas a fé na presença real, carecendo das demais dimensões essenciais do Mistério da Fé.³³⁶
- 306** O canto de comunhão deve expressar a alegria pela unidade ao Corpo de Cristo e pela realização do mistério que está sendo celebrado. Por isso, o canto de comunhão não pode ser de caráter subjetivo, individualista, intimista ou sentimentalista, mas de contexto

³²⁹ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 310. (Estudos da CNBB 79)

³³⁰ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 322. (Estudos da CNBB 79)

³³¹ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 310. (Estudos da CNBB 79)

³³² Cf. IGMR, 83.

³³³ Cf. IGMR, 366.

³³⁴ CNBB, *Guia Litúrgico-pastoral*, p. 29.

³³⁵ Cf. IGMR, 86.

³³⁶ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 314. (Estudos da CNBB 79)

comunitário. Em certas ocasiões promovam-se cantos que levem ao recolhimento, e em festas maiores expressem grande alegria.³³⁷

- 307** Os cantores procurem comungar antes da assembleia, pois se recomenda que os que irão exercer algum ministério têm precedência à comunhão.
- 308** É importante valorizar o silêncio após a procissão da comunhão, para proporcionar um momento de intimidade pessoal e comunitária dos comungantes com o grandioso Mistério que receberam.³³⁸

19. CANTO DE LOUVOR APÓS A COMUNHÃO

- 309** “Este canto não é necessário e, às vezes nem desejável, quando já houve um canto de comunhão, com a participação do povo. Recomenda-se então o silêncio sagrado, isto é, um momento de interiorização após a movimentação ou exultação pela procissão da comunhão”.³³⁹ É bom que fique bem esclarecido que com ou sem canto de ação de graças sempre deve haver o silêncio sagrado.

20. CANTO FINAL

- 310** É um canto com a finalidade de dispersar a assembleia reunida para a celebração. Não é justo obrigar o povo a permanecer na igreja para cantá-lo, já que o sacerdote ou o diácono envia a assembleia com as palavras: “Ide em paz..”.³⁴⁰

Observações

- 311** Itens que ajudam as Equipes de cantos a exercer bem este ministério:
- a) o Canto e o ritmo não estão ligados ao gosto pessoal do animador dos cantos, mas à ação litúrgica. O que deve orientar sua atividade é o Mistério celebrado e a assembleia litúrgica;
 - b) o canto deve estar a serviço da Liturgia e não o contrário, ou seja, a letra tem a primazia e a música está a seu serviço. Neste sentido, é inadmissível quando certos cantos (procissão de entrada, da apresentação das oferendas ou da comunhão) continuem se seus ritos já foram concluídos;

³³⁷ Cf. Animação da vida litúrgica no Brasil, n. 314.

³³⁸ Cf. IGMR, 88.

³³⁹ *A música litúrgica no Brasil*, n. 320. (Estudos da CNBB 79)

³⁴⁰ Cf. *A música litúrgica no Brasil*, n. 324. (Estudos da CNBB 79)

- c) a finalidade do canto é fazer com que a assembleia litúrgica participe ativa, consciente e frutuosamente no Mistério celebrado. Nem sempre agitação indica participação no Mistério celebrado;
- d) haja o maior cuidado para que as regras que funcionam para uma *banda de música* não venham a ser transformadas em critério litúrgico;
- e) os instrumentos musicais têm valor na medida em que ajudam a assembleia a cantar. O excessivo volume dos instrumentos, como também a grande quantidade de microfones para os cantores, às vezes, não contribuem para a celebração do mistério, antes, provocam agitação e dispersão, além de inibir a participação da assembleia no canto. Pede-se cuidado com o volume do som, a fim de que as celebrações sejam mais orantes;
- f) evite-se ao máximo a afinação de instrumentos musicais imediatamente antes das cerimônias litúrgicas, pois estas prejudicam a concentração e o ambiente de oração dos fiéis.



CELEBRAÇÕES RELACIONADAS AO SACRAMENTO DA EUCARISTIA

312 A celebração da Eucaristia no sacrifício da Missa é a origem e o fim de todo o culto cristão.³⁴¹ Por isso, todas as celebrações relacionadas ao Sacramento da Eucaristia fazem parte da vida da Igreja e estão intimamente relacionadas com o sacrifício eucarístico e com a comunhão sacramental. Não existe um pleno culto a Deus ou uma autêntica ação da Igreja sem referir-se à celebração da Eucaristia.³⁴² Aprofundemos algumas celebrações relacionadas ao Sacramento da Eucaristia:

1. CELEBRAÇÃO DOMINICAL COM A DISTRIBUIÇÃO DA COMUNHÃO

313 A realidade atual revela que nem sempre se pode ter uma celebração plena³⁴³ no domingo em muitas comunidades cristãs devido à falta de sacerdotes. Por isso, a Igreja julgou necessária uma celebração dominical de caráter supletivo que garanta a vida da graça e o fortalecimento da fé nas comunidades.

314 Para maior aprofundamento consulte-se o texto litúrgico da parte do Ritual Romano intitulado “A Sagrada Comunhão e o Culto do Mistério Eucarístico fora da Missa” e o “Diretório para Celebrações Dominicais na ausência do presbítero”.

315 Algumas orientações para estas celebrações:

a) não há razão de celebrar esta forma de culto eucarístico quando for celebrado o sacrifício da Missa num lugar próximo, onde os fiéis possam se deslocar para lá.³⁴⁴ O mesmo vale quando a Missa será celebrada naquele mesmo lugar e dia (ou na tarde anterior), mesmo que seja noutra língua.³⁴⁵ Com isso, a Igreja quer indicar a primazia da celebração da Missa para que os fiéis não venham considerar

³⁴¹ Instrução *Eucharisticum Mysterium*, n. 3.

³⁴² Cf. Constituição Conciliar sobre a *Liturgia Sacrosanctum Concilium*, n. 10.

³⁴³ Por “Celebração Plena” entende-se a presença de três elementos: a) a reunião dos fiéis presidida pelo seu pastor (sacerdote), b) a Palavra de Deus; c) o Sacrifício Eucarístico. (cf. Diretório para as Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 12).

³⁴⁴ Cf. Congregação para o Culto Divino. *Celebrações Dominicais na ausência do presbítero*, Vozes, Petrópolis, 1989 n. 18.

³⁴⁵ Cf. Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 21.

estas formas de culto eucarístico “como a melhor solução das novas dificuldades ou concessão feita à comodidade”,³⁴⁶

b) que a celebração dominical da Palavra siga o curso do Ano Litúrgico da Igreja, de modo que os fiéis não fiquem privados nem das leituras e nem das orações dos tempos litúrgicos;

c) no Brasil, a falta de padres, a dispersão populacional e a situação geográfica do país impedem que inúmeras comunidades tenham a celebração eucarística aos domingos. Que não se esqueça de rezar “para que se multipliquem os dispensadores dos Mistérios de Deus (sacerdotes), e sejam perseverantes no seu amor”,³⁴⁷

d) estas celebrações dominicais estejam sob o cuidado pastoral do pároco.³⁴⁸ Cabe ao pároco preparar os fiéis para dirigirem estas celebrações, oferecendo-lhe subsídios para as reflexões da Liturgia da Palavra;

e) se possível os diáconos sejam chamados para dirigir estas celebrações dominicais. Eles têm a primazia, pois são os primeiros colaboradores junto aos sacerdotes.³⁴⁹ Na ausência de diáconos, o pároco deve designar leigos;³⁵⁰

f) tal serviço não deve ser considerado como uma honra, mas um encargo e um serviço em favor dos irmãos, sob a autoridade do pároco.³⁵¹ Estes leigos devem ser instituídos com a autorização do Ordinário do Lugar (bispo diocesano ou vigário geral) para atuar no território da paróquia por um mandato de dois anos que pode ser renovável segundo o parecer do pároco;³⁵²

g) evite-se com cuidado qualquer confusão aos fiéis entre as celebrações para a distribuição da Eucaristia e celebração da Missa.³⁵³ Por isso, não deve ser inserido nestas celebrações o que é próprio da Missa, sobretudo a apresentação das oferendas (pão e vinho sobre o altar), a Oração Eucarística, o rito da fração do pão com a súplica “Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo..”.³⁵⁴

³⁴⁶ Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 21.

³⁴⁷ A Sagrada Comunhão e o Culto Eucarístico fora da Missa, n. 26.

³⁴⁸ Cf. Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 24.

³⁴⁹ Cf. Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 29.

³⁵⁰ Cf. Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 30.

³⁵¹ Cf. Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, 31.

³⁵² Cf. Manual para os Ministros Auxiliares da Comunidade da Diocese de Toledo, n. 7, item h, edição 2006.

³⁵³ Cf. Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 22.

³⁵⁴ Cf. IGMR, 83.

316 Existem muitos roteiros para a Celebração da Palavra de Deus com a distribuição da Comunhão. Estes se encontram no anexo do documento da CNBB n. 52 chamado “Orientações para a celebração da Palavra de Deus”. Apresentamos aqui uma das formas de celebrar a Palavra com a distribuição da comunhão:³⁵⁵

a) os ritos iniciais;

b) a Liturgia da Palavra de Deus (da 1ª leitura até a oração dos fiéis);

c) ação de graças: os fiéis, em pé e voltados para o altar, exaltam a glória de Deus e a sua misericórdia com um salmo (Sl 99, 112, 117, 147, 150), um hino, um canto (Glória a Deus nas alturas..., Magnificat) ou uma ladainha;

d) rito da comunhão: antes do Pai-nosso, o Ministro Auxiliar da Comunidade traz a Eucaristia para o altar, ajoelha-se junto com os fiéis e canta um hino eucarístico. Depois reza-se o Pai-nosso, convida os fiéis para o abraço da paz, apresenta a Eucaristia dizendo: *“Felizes os convidados..”*, distribui a comunhão, faz-se um silêncio e encerra com a oração depois da comunhão;³⁵⁶

e) rito de conclusão: avisos, canto, bênção e despedida.

317 Quando o diácono preside esta celebração, comporte-se de modo coerente ao seu ministério nas saudações, nas orações, na leitura do Evangelho e na homilia, na distribuição da comunhão e na despedida dos participantes com a bênção. Paramente-se com as vestes que lhe são próprias e utilize a cadeira presidencial, isto é, a sede.³⁵⁷

318 Quando o leigo dirige esta celebração, comporte-se um entre iguais nas saudações e intervenções da celebração, evitando palavras que pertencem ao ministério ordenado.³⁵⁸ Se o ministro leigo deve se comportar como ‘um entre iguais’, logo não ocorre o Diálogo Esposal entre o Cristo e a Igreja. Por isso, ele dirige suas intervenções sempre na 1ª pessoa do plural, e não como o ministro ordenado que se dirige na 2ª pessoa do plural. Por exemplo, na proclamação do Evangelho, o ministro leigo diz: “O Senhor esteja **conosco!**” e não “O Senhor esteja **convosco!**”. Ele não dá bênção sobre o povo, mas diz: “O Senhor **nos** abençoe..”. Além disso, o ministro leigo não deve utilizar a sede, mas uma outra cadeira, de preferência fora do presbitério. O

³⁵⁵ Cf. Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 41 e 45; Cf. Manual para os Ministros Auxiliares da Comunidade da Diocese de Toledo, n. 41-60, edição 2006.

³⁵⁶ Cf. A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da Missa, n. 30-38.

³⁵⁷ Cf. Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 38.

³⁵⁸ Cf. Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 39.

altar deve servir apenas para, sobre ele, colocar o pão consagrado antes da distribuição da Eucaristia.³⁵⁹

- 319** Para maiores aprofundamentos sobre a distribuição da Eucaristia, leia-se o capítulo IV deste Diretório no item sobre a comunhão.

2. DISTRIBUIÇÃO DA COMUNHÃO AOS DOENTES E IDOSOS

- 320** O Santíssimo seja transportado à casa do doente numa teca ou em outro recipiente digno. Ao distribuir a comunhão ao doente ou idoso, o ministro esteja trajado de suas vestes litúrgicas.³⁶⁰
- 321** O Santíssimo Sacramento seja transportado diretamente à casa do doente ou idoso.³⁶¹ Não é permitido guardar o Santíssimo em casa para levá-lo num outro momento ao doente.³⁶² Caso ele não possa receber a comunhão, o próprio ministro comungue a partícula que está levando.
- 322** Instrua-se a família do doente ou idoso para que prepare uma mesa com toalha branca, se possível com uma vela acesa, para o ministro depositar a teca com o Santíssimo.³⁶³
- 323** As pessoas que cuidam do doente também podem receber a Comunhão, se tal serviço as impossibilita de participar da celebração com a comunidade.
- 324** Segundo o Ritual Romano, ao chegar, o ministro saúda os presentes e realiza a Liturgia da Palavra, mesmo que seja breve. Não se distribua a Sagrada Comunhão aos fiéis sem partilhar o pão da Palavra de Deus. Depois reza-se o Pai-nosso e apresenta a Eucaristia para o doente comungar. Após a comunhão, conduza o doente para que reze por algum tempo em silêncio, em ação de graças pelo Mistério recebido. Encerra a celebração com uma oração e invoca a bênção de Deus sobre o doente.³⁶⁴
- 325** Os fragmentos da partícula que restarem na teca sejam recolhidos e purificados com água.³⁶⁵

³⁵⁹ Cf. Celebrações Dominicais na ausência do presbítero, n. 40.

³⁶⁰ Cf. A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da Missa, n. 20.

³⁶¹ Instrução *Redemptionis Sacramentum*, n. 133.

³⁶² Cf. Código de Direito Canônico, cân. 935.

³⁶³ Cf. A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da Missa, n. 19.

³⁶⁴ Cf. A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da Missa, n. 25; 56-63.

³⁶⁵ Cf. A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da Missa, n. 22.

3. ADORAÇÃO AO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

- 326** A adoração ao Santíssimo Sacramento leva os cristãos a reconhecerem a admirável presença de Cristo que nos convida à união cordial com Ele e favorece de modo excelente o culto em espírito e verdade, o que lhe é devido. O relacionamento que se cria entre o fiel e a Eucaristia deve conduzi-lo sempre ao conjunto da comunhão eclesial e alimentar nele a consciência de pertença ao Corpo Místico de Cristo.³⁶⁶ Todas as exposições do Santíssimo Sacramento devem se relacionar com o sacrifício da Missa.³⁶⁷ É conveniente que as paróquias promovam momentos de adoração comunitária e outros momentos de devoção eucarística: procissões, congressos e vigílias.³⁶⁸
- 327** Há uma intrínseca relação entre a celebração eucarística e a adoração. Na celebração eucarística o Filho de Deus vem ao nosso encontro e deseja unir-se conosco; na adoração eucarística realiza-se o prolongamento visível da celebração eucarística. Na adoração amadurece o acolhimento profundo e verdadeiro com Cristo, projeta o fiel para a missão de cristão na sociedade, rompendo as barreiras que nos separam um dos outros.³⁶⁹
- 328** Durante a exposição do Santíssimo, dedique-se um tempo conveniente à leitura da Palavra de Deus, aos cantos eucarísticos que afirmam a presença real do Senhor, às preces e à oração silenciosa. Não é permitido expor o Santíssimo Sacramento apenas para proceder a bênção, sem o devido tempo de adoração e oração.³⁷⁰
- 329** Os ministros da exposição do Santíssimo Sacramento são:
- a) em primeiro lugar, o sacerdote e o diácono que podem abençoar o povo, revestidos de túnica ou sobrepeliz sobre a veste talar com estola branca ou dourada. Para a bênção no fim da adoração, quando a exposição for com ostensório, o sacerdote ou diácono acrescenta a capa pluvial e o véu umeral de cor branca ou dourada; se a exposição for com cibório, só o véu umeral;
 - b) os acólitos e os ministros leigos instituídos podem expor o Santíssimo trajados com sua veste litúrgica adequada, mas não podem dar a bênção sobre o povo.³⁷¹

³⁶⁶ Cf. *Exortação Sacramentum Caritatis*, n. 68.

³⁶⁷ Cf. *Instrução Eucharisticum Mysterium*, n. 60.

³⁶⁸ Cf. *Instrução Eucharisticum Mysterium*, n. 68.

³⁶⁹ Cf. *Exortação Sacramentum Caritatis*, n. 66.

³⁷⁰ Cf. *A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da Missa*, n. 89.

³⁷¹ Cf. *A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da Missa*, n. 92.

- 330** “Diante do Santíssimo Sacramento, faz-se genuflexão simples (isto é, dobrar um joelho), quer esteja no tabernáculo quer exposto..”³⁷²
- 331** Nas igrejas que possuem autorização para conservar a Eucaristia, cuide-se para que “estejam abertas diariamente, ao menos por algumas horas, nos horários mais apropriados para que os fiéis possam facilmente rezar diante do Santíssimo Sacramento”.³⁷³
- 332** Proíbe-se a exposição do Santíssimo Sacramento na mesma igreja ou lugar em que se está sendo celebrada a Missa. Também não se pode realizar procissões com o Santíssimo Sacramento dentro da Missa (Passeio do Santíssimo), pois se exalta de tal maneira a presença real de Jesus, esvaziando-se outras dimensões da celebração eucarística.³⁷⁴
- 333** Quando a exposição se prolongar alguns dias, sempre que ocorrer a celebração da Missa naquela igreja, suspende-se a exposição e repõe-se o Santíssimo no tabernáculo.³⁷⁵
- 334** Se a exposição for mais solene e prolongada, o pão seja consagrado na Missa que precede imediatamente a exposição e colocada no ostensório sobre o altar depois da oração pós-comunhão. A Missa termina omitindo-se os ritos finais e o sacerdote coloca o ostensório sobre o altar ou no trono preparado, incensando-o, se for o caso.³⁷⁶
- 335** Se o rito da exposição do Santíssimo for breve, coloque-se o cibório ou ostensório sobre o corporal no altar. Se for uma exposição mais longa, pode-se usar um trono, em lugar bem destacado, porém cuide-se que não fique demasiadamente alto e distante dos fiéis.³⁷⁷
- 336** Também é proibido deixar o Santíssimo exposto sem a presença de pessoas para a adoração. Quando se fizer uma exposição longa e não tiver um número suficiente de pessoas, pode-se repor o Santíssimo ao tabernáculo até duas vezes no dia.³⁷⁸
- 337** É proibido expor o Santíssimo com a única finalidade de dar a bênção, como também expor o Santíssimo depois da Missa simplesmente para a bênção.³⁷⁹

³⁷² *A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da Missa*, n. 84.

³⁷³ *A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da Missa*, n. 8; Cf. *Instrução Eucharisticum Mysterium*, n. 55.

³⁷⁴ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*, Documentos da CNBB 53, Paulinas, São Paulo, 1994, n. 41.

³⁷⁵ Cf. *A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da Missa*, n. 83.

³⁷⁶ Cf. *A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da Missa*, n. 94.

³⁷⁷ Cf. *Instrução Eucharisticum Mysterium*, n. 62.

³⁷⁸ Cf. *A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da Missa*, n. 88.

³⁷⁹ Cf. *Instrução Eucharisticum Mysterium*, n. 66.

338 A bênção com o Santíssimo segue o seguinte roteiro:³⁸⁰

- a) o sacerdote ou diácono aproxima-se diante do Santíssimo e ajoelha-se, entoando com os fiéis um hino eucarístico (“Tão sublime..”). Enquanto isso, ainda de joelhos, incensa o Santíssimo Sacramento;
- b) em pé, reza a oração prevista no Ritual;
- c) terminada a oração, ele veste o véu umeral, faz a genuflexão e toma o ostensório ou cibório e com ele traça, em silêncio, o sinal da cruz sobre o povo;
- d) terminada a bênção, o sacerdote ou diácono repõe o Santíssimo no tabernáculo e faz a genuflexão. Enquanto isso, o povo pode proferir alguma aclamação ou canto.

³⁸⁰ Cf. *A Sagrada Comunhão e o culto Eucarístico fora da Missa*, n. 97-100.



ORIENTAÇÕES PARA MISSA COM CRIANÇAS

1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

- 339** É missão da Igreja completar, pelos sacramentos da Eucaristia e da Confirmação, a iniciação dada às crianças batizadas,³⁸¹ ciente de que o ambiente familiar hoje nem sempre propicia uma boa iniciação na fé.³⁸²
- 340** A boa iniciação na fé não acontece sem um particular cuidado para que as crianças, aos poucos, sejam iniciadas na participação das celebrações com a compreensão própria da idade, na comunhão com Cristo e os irmãos. Esta experiência comunitária deve promover valores como: compreensão da liturgia como ação comunitária, acolhimento, capacidade de ouvir, pedir e dar o perdão, ação de graça, percepção das ações simbólicas, da convivência fraterna e da celebração festiva.³⁸³
- 341** Considere-se duas situações particulares: a) Celebrações eucarísticas com adultos, contando com participação de crianças; b) Celebrações eucarísticas com crianças, em que adultos participam.
- 342** Nas celebrações com adultos é de suma importância que se incentive a participação das crianças, principalmente se acompanhadas de seus pais. Cuide-se para que neste caso as crianças não sejam ignoradas, mas que, em algum momento da celebração, seja por parte do presidente ou da equipe de celebração sejam valorizadas.³⁸⁴ Para as crianças menores, que têm dificuldades de participação, pode-se dispor de uma equipe de apoio que ocupe as crianças durante a Missa com atividades pedagógico-catequéticas, apresentando-as no final para a bênção.
- 343** Nas Missas com crianças em que alguns adultos participam, como é o caso das Missas com catequizandos, é oportuno considerar algumas adaptações próprias para aqueles que ainda não atingiram a pré-adolescência.
- 344** As crianças que já atingiram a pré-adolescência deverão ser conscientizadas da necessidade de se integrar nas celebrações em que os adultos participam, para que atinjam maturidade na

³⁸¹ Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Diretório para Missas com Crianças*, 1º de novembro de 1973, n. 8.

³⁸² Cf. *Diretório para Missas com Crianças*, n. 12.

³⁸³ Cf. *Diretório para Missas com Crianças*, n. 9.

³⁸⁴ Cf. *Diretório para Missas com Crianças*, n. 16.

compreensão.³⁸⁵

- 345** A participação das crianças nas ações litúrgicas é ação complementar à iniciação dada pelos pais, quando as iniciam na oração pessoal e em família. Deste modo, a comunidade se torna a escola de formação cristã e litúrgica.
- 346** Os adultos tenham ciência que a Missa com crianças é uma situação pedagógica transitória. Ao participar da Missa preparada para esta faixa etária, serão, aos poucos, conscientizadas da necessária participação nas celebrações com adultos, principalmente a Missa dominical. Por isso, a Missa com crianças pode ser realizada em outro dia da semana e os ritos não devem se diferenciar demasiadamente do ordinário da celebração Eucarística.
- 347** Atente-se para o envolvimento e participação das crianças nos diversos momentos da celebração: cantos e instrumentos, preparação do altar, proclamação das leituras, preces dos fiéis, levar as oferendas ao altar, e outras ações oportunas.³⁸⁶
- 348** É de fundamental importância a disposição do presidente da celebração nas Missas com crianças: linguagem fácil e adequada, explicações breves e catequéticas de alguns ritos. No caso da Missa com crianças, outra pessoa adulta poderá dirigir a reflexão após as leituras, ou então, utilize-se mecanismos de comunicação que auxiliem a compreensão da Palavra proclamada (audiovisuais, multimídia, vídeos, fantoches, teatros, jograis).
- 349** A Missa com crianças deve ser cuidadosamente preparada, de forma que haja integração e participação das mesmas, com envolvimento nos diversos ritos.

2. CANTO

- 350** Para facilitar a participação das crianças, pode-se utilizar composições musicais apropriadas com versões populares, principalmente no Glória, Creio, Santo e Cordeiro de Deus.
- 351** Utilizem-se instrumentos musicais, de preferência tocados por crianças. Não havendo pessoas preparadas para o uso de instrumentos é permitido utilizar músicas reproduzidas por meios técnicos, com a devida seriedade e prudência.³⁸⁷

³⁸⁵ Cf. *Diretório para Missas com Crianças*, n. 21.

³⁸⁶ Cf. *Diretório para Missas com Crianças*, n. 22.

³⁸⁷ Cf. *Diretório para Missas com Crianças*, n. 32.

3. GESTOS

352 A psicologia infantil e a natureza da celebração eucarística prescrevem o uso de gestos que facilitem sua integração. Entre eles podem-se destacar: gestos corporais em algum canto, a procissão de entrada, a procissão da Palavra, na apresentação dos dons, e outros gestos oportunos que ajudem na celebração.

4. ELEMENTOS VISUAIS

353 Para as crianças os elementos visuais são de fundamental importância. Por isso, valorizem-se, de acordo com o tempo, alguns elementos: a cruz, o círio pascal, as velas, as cores litúrgicas e outros elementos que ajudem as crianças a contemplar as maravilhas de Deus. Também na homilia é oportuno o emprego de imagens, inclusive preparadas pelas crianças.

5. O SILÊNCIO

354 A celebração eucarística é momento propício para a educação, para a meditação e o silêncio. As crianças não conseguem silenciar por tempo prolongado, por isso, alguns breves momentos de silêncio na celebração são educativos: antes da oração da coleta, depois da homilia, depois da comunhão ou outros momentos oportunos.

6. OS RITOS DA MISSA

355 Ritos iniciais: é permitido omitir um ou outro elemento do rito inicial, com a possibilidade de desenvolver melhor um deles. Contudo, sempre haja um elemento do rito inicial que seja concluído com a oração da coleta.³⁸⁸

356 Proclamação e explicação da Palavra de Deus:

- a) a leitura bíblica nunca deve faltar na Missa com crianças;
- b) quando se utilizar a liturgia do fim de semana, é permitido escolher duas ou uma leitura, principalmente se as leituras são de difícil compreensão, contudo, o Evangelho nunca poderá faltar;³⁸⁹
- c) se todas as leituras não forem adequadas à compreensão das

³⁸⁸ Cf. *Diretório para Missas com Crianças*, n. 40.

³⁸⁹ Cf. *Diretório para Missas com Crianças*, n. 42.

crianças, é permitido escolher as leituras ou a leitura que seja do Lecionário do Missal Romano, ou da Bíblia, levando-se em conta o tempo litúrgico;

d) se for escolhida somente uma única leitura, o canto do salmo poderá ser executado depois da homilia;³⁹⁰

e) as motivações que precedem as leituras e os ritos são de grande importância para as crianças, desde que ajudem, sejam curtas e objetivas. Se houver a comemoração de algum santo, pode-se utilizar dados da vida do santo tanto na motivação das leituras como também na homilia;

f) quando o texto da leitura o permitir, pode-se proceder a leitura em forma de diálogo, como se faz na semana santa;

g) a homilia destinada a crianças tem melhor resultado quando realizada em diálogo com elas. Caso o presidente da celebração prefira, um leigo pode dirigir a reflexão.

357 Orações presidenciais: a postura e entonação dadas pelo presidente da celebração nas orações são determinantes na participação das crianças. Para a oração eucarística, utilizem-se as fórmulas apropriadas para crianças contidas no Missal Romano.

358 Comunhão: Nem todas as crianças estão aptas à comunhão, pois muitas delas não terão feito a primeira Eucaristia. É educativo que o presidente da celebração explique o fato de algumas terem acesso e outras não, principalmente às crianças menores. Evite-se distribuir partículas não consagradas durante ou mesmo depois da Missa.

359 “Deve ser desaprovado o uso de distribuir, contrariamente às prescrições dos livros litúrgicos, à maneira de comunhão, durante a celebração da santa Missa ou antes dela, hóstias não consagradas ou qualquer outro material comestível ou não. De fato, tal uso não se concilia com a tradição do rito romano e traz consigo o risco de gerar confusão entre os fiéis quanto à doutrina eucarística da Igreja. Se em alguns lugares vigora, por concessão, o costume particular de benzer o pão e distribuí-lo após a Missa, seja feita com grande cuidado uma correta catequese sobre esse gesto. Por outro lado, não se introduzam costumes semelhantes, nem jamais se utilizem para tal escopo hóstias não consagradas”.³⁹¹

³⁹⁰ Cf. *Directorio para Missas com Crianças*, n. 46.

³⁹¹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E OS SACRAMENTOS. *Redemptoris Sacramentum*, n. 96.



MISSAS TRANSMITIDAS PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

- 360** Na Diocese de Toledo, a maioria das paróquias têm a seu dispor espaços cedidos pelas emissoras para radiodifusão de Celebrações Eucarísticas, assim como, presença de canais de emissoras católicas de televisão que chegam aos lares da maioria das famílias.
- 361** Sobre as Missas transmitidas pela televisão, cuide-se para não inserir nas celebrações litúrgicas da comunidade os modismos existentes em algumas emissoras, distorcendo o real sentido da Missa e o papel que os Meios de Comunicação ocupam na Evangelização. Tenha-se como critérios válidos para a Diocese as normas litúrgicas aprovadas pela Igreja, que estas não sejam ditadas por algum meio de comunicação particular.
- 362** Assim como esses meios prestam valioso serviço no campo do conhecimento, da cultura, da música e da arte, da mesma forma a Igreja deve valer-se dos mesmos para a evangelização. Além dos muitos programas de cunho religioso veiculados diariamente, a Missa precede a todos.
- 363** As Missas transmitidas devem receber atenção especial, seja na preparação litúrgica, como também nos aspectos técnicos. Por isso: “As transmissões por rádio e televisão das funções sagradas, particularmente em se tratando da Santa Missa, façam-se com discrição e dignidade, sob a direção de pessoa competente...”³⁹² É da competência do pároco acompanhar a preparação bem como delegar pessoas competentes que se preocupem com a melhor qualidade³⁹³ possível das transmissões.
- 364** A Missa transmitida pela rádio deve ajudar o ouvinte a se associar à Páscoa de Cristo. Por isso, é de fundamental importância evitar exageros e desvios, para que se mantenha a máxima fidelidade ao que pede o Magistério da Igreja sobre a Liturgia.
- 365** “A assistência à Missa pela rádio e pela televisão não justifica a ausência na celebração para quem tem condições de participar

³⁹² *Constituição Conciliar sobre a Liturgia Sacrosanctum Concilium*, n. 20.

³⁹³ Por qualidade entenda-se: Equipe de cantores bem preparada; leitores com boa postura de voz; comentários escritos e não tão espontâneos, para que exageros sejam evitados, bem como erros graves de português.

dela fisicamente”.³⁹⁴ “Quanto ao valor desta participação na Santa Missa pelos meios de comunicação, quem assiste a tais transmissões deve saber que, em condições normais, não cumpre o preceito dominical; de fato, a linguagem da imagem representa a realidade, mas não a reproduz em si mesma. Se é muito louvável que idosos e doentes participem na Santa Missa festiva através das transmissões radiotelevisivas, o mesmo não se pode dizer de quem quisesse, por meio de tais transmissões, dispensar-se de ir à igreja tomar parte na celebração eucarística na assembleia da Igreja viva”.³⁹⁵ Assim, doentes e pessoas idosas, ou impossibilitadas de participação presencial às Celebrações Eucarísticas, encontrarão nas Missas transmitidas uma possibilidade de entrar em comunhão com o Senhor.

- 366** As Missas transmitidas também podem ser espaços de iniciação na fé, por isso, o cuidado para que haja muita prudência na preparação, evitando-se exageros, invenção de coisas que nela não cabem, ou então tornando a Missa um palco de projeções pessoais.
- 367** As Missas transmitidas devem ocupar espaço de exemplaridade, seja para os que normalmente acompanham as celebrações nas comunidades, como também aos que esporadicamente têm acesso pelos meios de comunicação.
- 368** Os espaços de silêncio nas Missas transmitidas pelas emissoras de rádio são inconvenientes, pois são entendidos como problema técnico. Cuide-se de cobrir o silêncio nas Missas transmitidas com instrumentos, de preferência órgão, com o sonoplasta da Igreja ou da emissora de rádio.

³⁹⁴ CNBB - CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Guia Litúrgico-pastoral*, Edições CNBB, 2 ed., Brasília, p. 56.

³⁹⁵ *Sacramentum Caritatis*, n. 57; Cf. **JOÃO PAULO II**, *Carta Apostólica Dies Domini*, de 31.05.1998.



MATERIAIS, OBJETOS E PARAMENTOS PARA A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

1. MATERIAIS E OBJETOS

369 ÁGUA: Tem um grande significado na vida e na Liturgia. É símbolo de vida nova, purificação, renascimento. É usada na celebração eucarística para:

- a) aspergir o povo no Ato Penitencial, recordando aos presentes os compromissos batismais;
- b) simbolizar a união da natureza humana com a natureza divina em que se colocam algumas gotas no cálice com vinho, durante a apresentação das oferendas;
- c) purificar as mãos do presidente da celebração;
- d) purificar os vasos sagrados, após a comunhão.

370 ASPERSÓRIO: É um instrumento longo que conserva água benta para a aspersão sobre os fiéis ou objetos.

371 CALDEIRA E HISSOPE: É usado para a aspersão de água benta durante as bênçãos.

372 CÁLICE: Recipiente digno e decoroso em que se deposita o vinho que vai ser consagrado. O cálice é uma espécie de taça, em geral feito de metal e artisticamente trabalhado. Segundo as recentes orientações litúrgicas, o material do cálice e dos outros vasos sagrados não só deve ser impermeável como determina o Código de Direito Canônico, mas também inquebrável.³⁹⁶ Os cálices e outros vasos sejam abençoados segundo o Ritual Romano das Bênçãos. “Não se usem em nenhum caso canecas, (...) ou outras vasilhas não integralmente correspondentes às normas estabelecidas”.³⁹⁷

373 CIBÓRIO ou ÂMBULA: É o recipiente onde se guarda o pão eucarístico. É semelhante à forma de um cálice, mas fechado com uma tampa. Em geral, as âmbulas são de metal como o cálice. O importante é que o material seja nobre e inquebrável. Após a comunhão, a âmbula com as partículas consagradas é guardada no tabernáculo (sacrário).

³⁹⁶ Cf. *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 117.

³⁹⁷ *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 106.

- 374 CÍRIO PASCAL:** É uma vela grande com várias inscrições, abençoada na noite da Vigília Pascal, e simboliza a presença do Ressuscitado, Luz do mundo, no meio da comunidade. O Círio permanece durante todo o tempo pascal ao lado do ambão. Nos outros dias do ano, ele é colocado num lugar de honra no batistério ou junto à pia batismal. O Círio Pascal é usado no rito do Batismo, nos rituais de exéquias (quando for na igreja), na Comemoração dos Fiéis defuntos e na Profissão de Fé dos que recebem a Primeira Comunhão e a Confirmação. Cada Páscoa exige um novo Círio, por isso proíbe-se expressamente a reutilização dos círios pela coerência litúrgica.³⁹⁸ Não é permitido fabricar Círios Pascais com elementos que não são de parafina ou de cera, por exemplo: tubos plásticos (PVC), tubos de madeira, ou qualquer outro material do gênero.
- 375 CORPORAL:** Chama-se “corporal” porque sobre ele coloca-se o Corpo e Sangue do Senhor. É uma espécie de toalha quadrada (mais ou menos 50cm x 50cm) que se desdobra em três partes e nos dois sentidos, no centro do altar. É confeccionado de linho branco, normalmente com uma cruz bordada ou pintada no centro. O corporal recorda o Santo Sudário, o lençol branco no qual, José de Arimatéia, segundo a tradição, envolveu o corpo de Cristo após a descida da cruz para o sepultamento.³⁹⁹ Sua função é de recolher os fragmentos do pão ou gotas de vinho consagrados, caso estes venham a cair dos vasos sagrados. Não é permitido estender o corporal sobre o altar lançando-o para o ar como uma toalha de mesa, pois pode conter fragmentos da Eucaristia.
- 376 GALHETAS:** São duas jarrinhas, em geral de vidro, nas quais se colocam o vinho e a água, e são apresentadas pelos fiéis ao sacerdote nas oferendas da Missa.
- 377 INCENSO:** É uma resina aromática extraída de várias espécies de árvores. O uso do incenso é muito comum no culto judaico e foi herdado pela Liturgia Cristã. “A turificação ou incensação exprime a reverência e a oração, como é significada na Sagrada Escritura (cf. Sl 140, 2; Ap 8,3). O incenso pode ser usado facultativamente em qualquer forma de Missa:
- a) durante a procissão de entrada;
 - b) no início da Missa, para incensar a cruz e o altar;
 - c) à procissão e à proclamação do Evangelho;

³⁹⁸ “Cera virgem de abelha generosa..”. (do texto da proclamação da Páscoa).

³⁹⁹ Cf. Jo 19,40.

d) depostos o pão e o cálice sobre o altar, para incensar as oferendas, a cruz e o altar, bem como o sacerdote e o povo;

e) à apresentação da hóstia e do cálice, após a consagração”.⁴⁰⁰

“Ao colocar o incenso no turíbulo, o sacerdote o abençoa com o sinal da cruz, sem nada dizer. Antes e depois da turificação faz-se inclinação profunda à pessoa⁴⁰¹ ou à coisa que é incensada, com exceção do altar e das oferendas para o sacrifício da Missa.

São incensados com três ductos do turíbulo: o Santíssimo Sacramento, as relíquias da santa Cruz e as imagens do Senhor expostas para veneração pública, as oferendas para o sacrifício da Missa, a cruz do altar, o Evangeliário, o círio pascal, o presbítero e o povo.

Com dois ductos são incensadas as relíquias e as imagens dos Santos expostas à veneração pública, mas somente uma vez no início da celebração, após a incensação do altar.

O altar é incensado, cada vez com um só icto, da seguinte maneira:

a) se o altar estiver separado da parede, o sacerdote o incensa, andando ao seu redor;

b) se, contudo, o altar não estiver separado da parede, o sacerdote, caminhando, incensa primeiro a parte direita do altar, depois a parte esquerda.

Se a cruz estiver sobre o altar ou junto dele, é incensada antes do altar, caso contrário, o presidente da celebração incensa-a ao passar diante dela.⁴⁰²

As oferendas são incensadas pelo sacerdote com três ductos do turíbulo, antes da incensação da cruz e do altar, ou traçando com o turíbulo o sinal da cruz sobre as oferendas”.⁴⁰³

378 JARRO COM ÁGUA E BACIA PARA O LAVABO: O presidente da celebração, após apresentar as oferendas, lava as suas mãos como sinal de purificação e de humildade diante do grande Mistério que irá ocorrer com a consagração, sem mérito de sua parte. Seria mais conveniente utilizar um jarro com água e uma bacia para realizar o

⁴⁰⁰ IGMR, 276.

⁴⁰¹ Quando são incensadas pessoas, como o sacerdote e a assembleia após a Apresentação das Oferendas, quem é incensado não realiza a inclinação de reverência, mas somente aquele que incensa reverenciando-o. A inclinação não é um cumprimento a realizar, mas uma manifestação de fé sobre o Mistério presente naquela pessoa.

⁴⁰² Cf. *Cerimonial dos Bispos*, n. 93.

⁴⁰³ IGMR, 277.

gesto de lavar as mãos, e não somente molhar os dedos. O gesto de lavar as mãos na celebração eucarística é exclusivo do presidente da celebração, de modo que os diáconos, concelebrantes, ministros extraordinários da sagrada comunhão devem lavar as suas mãos na sacristia antes de iniciar a celebração.

- 379 LEGIO:** É o suporte para o Missal. Hoje se usa mais uma pequena almofada confeccionada para esta finalidade. O *legio* contribui para a visibilidade dos textos e, conseqüentemente, para uma melhor proclamação das orações realizadas pelo sacerdote. O *legio* deve ser utilizado quando houver necessidade.
- 380 MANUSTÉRGIO:** Do latim “manus”, que quer dizer mãos. É uma toalha branca com a qual o presbítero enxuga as mãos após o lavabo.
- 381 NAVETA:** Pequeno vaso de metal, geralmente em forma de navio, que contém grãos de incenso para serem depositados sobre as brasas incandescentes do turíbulo para as incensações.
- 382 OSTENSÓRIO ou CUSTÓDIA:** É o objeto para a exposição solene e procissão do Santíssimo Sacramento. É formado por uma haste de suporte e um recipiente transparente, de forma circular, que expõe a Eucaristia para a adoração. Em geral, o ostensório é moldado segundo a imagem do sol fulgurante.
- 383 PALA:** É uma palavra que vem do latim “palliare” (cobrir, esconder). É uma peça quadrada e dura, revestida de linho branco e normalmente bem ornamentada com desenhos bordados ou pintados. Serve para cobrir o cálice com o vinho durante a apresentação das oferendas até a comunhão.
- 384 PÃO:** É o pão utilizado para a consagração que nós comumente chamamos de hóstia ou partícula. Ultimamente, a Igreja incentiva que se utilize o termo ‘pão’ para expressar que a Eucaristia é um alimento. Cuide-se com a consistência de certas ‘hóstias’ que são muito pequenas e finas, não demonstrando o que são sacramentalmente. Este pão é feito de farinha de trigo puro e água, sem fermento e sem sal. Recomenda-se que a hóstia usada pelo presidente da celebração, seja grande o suficiente por duas razões:

a) para uma melhor visualização do povo durante a sua apresentação após a consagração, na doxologia do “Por Cristo, com Cristo,..”. e antes da comunhão quando diz: “Eis o Cordeiro de Deus..”;

b) para que seja fracionado e distribuído pelo menos a alguns dos fiéis, e sugerir que aquele pão não é exclusivo do presbítero. Lembre-

se que no início da Igreja, se partia um único pão do qual todos comungavam, e deste gesto derivou um dos nomes da Eucaristia: ‘a fração do pão’.⁴⁰⁴

- 385 PATENA:** É uma espécie de “pratinho” em que se coloca a hóstia maior usada pelo presidente da celebração. Recomenda-se que a patena seja grande o suficiente para conter mais partículas, para significar que a patena não é exclusiva do padre. Também os coroinhas, de acordo com as últimas instruções litúrgicas,⁴⁰⁵ usam patenas no momento da distribuição da comunhão.
- 386 SANGUÍNEO ou PURIFICATÓRIO:** As duas primeiras palavras provêm do termo “de sangue” porque toca no sangue de Cristo. Tem a forma de uma toalhinha comprida de cor branca, semelhante a um lenço dobrado duas vezes ao longo. Coloca-se sobre o cálice, ficando as pontas caídas para os dois lados. Serve para purificar o cálice, a patena e os cibórios após a comunhão ou no final da celebração. Por isso, pede-se que o tecido da confecção do sanguíneo tenha a propriedade de enxugar verdadeiramente os vasos sagrados (evitar os tecidos sintéticos). O sanguíneo é também utilizado para enxugar a borda do cálice,⁴⁰⁶ quando se comunga bebendo o Sangue do Senhor. Por questão de higiene, o sanguíneo não deve ser usado para enxugar os lábios dos comungantes já que o seu uso é comunitário.
- 387 TECA ou PÍXIDE:** É uma âmbula de menor tamanho, parecido como um invólucro ou estojo, utilizado no transporte da Eucaristia aos doentes e idosos. Normalmente, a teca é inserida numa pequena bolsa com um laço que se coloca por sobre a cabeça, de forma que a Eucaristia fique na altura do coração do ministro, lembrando o testemunho do mártir São Tarcísio (+ 25/agosto/257). Esta bolsa também deve conter um sanguíneo para a purificação da teca.
- 388 TURÍBULO:** É um recipiente de metal, preso a correntes, para as incensações.
- 389 VINHO:** Deve ser vinho puro, de uva,⁴⁰⁷ sem adição de qualquer mistura ou conservantes. Deve ser bem armazenado para não azedar. Não se trata da bebida ‘do padre’, como muitos dizem. A Igreja diz que a comunhão realiza mais plenamente o seu aspecto de sinal quando distribuída sob duas espécies.⁴⁰⁸ Quando por motivos de saúde, o presbítero não pode ingerir bebidas alcoólicas, observe-

⁴⁰⁴ Cf. At 2,42.

⁴⁰⁵ Cf. *Instrução Redemptionis Sacramentum*, n. 93; Cf. IGMR, 118.

⁴⁰⁶ Cf. IGMR, 246a.

⁴⁰⁷ Cf. Lc 22,18.

⁴⁰⁸ Cf. IGMR, 281.

se a seguinte recomendação canônica: “A Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé concede, em caso de necessidade, indulto para poder celebrar a Missa com mosto, quer dizer, com suco de uvas sem fermentar”.⁴⁰⁹

2. AS VESTES LITÚRGICAS

- 390** É necessário promover e incentivar a arte verdadeiramente sacra, visando antes a nobre beleza que a mera suntuosidade.⁴¹⁰ As vestes litúrgicas são sinais da graça santificante proveniente do Batismo e destacam a presença misteriosa de Cristo na pessoa dos ministros. Além disso, diferenciam os ministérios ordenados e instituídos, e as funções de cada um na celebração.
- 391** **AMITO:** do latim “amictus” (manto). É uma peça de linho branco com duas tiras e uma cruz bordada no centro, com o qual o presbítero envolve os ombros, antes de colocar a alva. Hoje é bem pouco usado.
- 392** **ALVA:** veste talar de pano branco que é colocada sobre o amito e é presa à altura da cintura pelo cingulo. No Brasil, geralmente é substituída pela túnica.
- 393** **BÁCULO:** do latim “baculum” (bastão). Bastão com a extremidade superior arqueada, usado pelos bispos e abades, e simboliza o poder pastoral. O Papa usa a Férula, um báculo encimado por uma cruz de braços iguais.
- 394** **BALDAQUINO:** é uma espécie de tenda, levada por acólitos, que cobre e acompanha o Santíssimo Sacramento durante a procissão.
- 395** **CAPA PLUVIAL, CAPA MAGNA ou CAPA DE ASPERGES:** do latim: “pluvius”, quer dizer “de chuva”. É uma capa comprida, sem pregas, acolchetada e aberta na frente, caindo pelos ombros quase até o chão. É usada em procissões e bênçãos solenes do Santíssimo e em outras celebrações solenes que não sejam a Missa.
- 396** **CASULA:** é uma veste sacerdotal solene usada nas Missas dominicais e dias festivos. Alegoricamente significa o suave jugo do Senhor e simboliza a cruz que Cristo levou ao Calvário. A casula é colocada sobre a túnica e a estola, cobrindo quase todo o corpo, e acompanha as cores do tempo litúrgico.

⁴⁰⁹ *Código de Direito Canônico*, Loyola, São Paulo, 2003, nota de rodapé referente ao cân. 924.

⁴¹⁰ Cf. *Constituição Conciliar sobre a Liturgia Sacrosanctum Concilium*, n. 123.

- 397 CÍNGULO:** cordão com que o presbítero sustenta e prende a alva ou túnica à altura da cintura. O cingulo é símbolo da vigilância, prescrita por Javé, durante a celebração da ceia pascal dos judeus.⁴¹¹
- 398 DALMÁTICA:** é uma veste diaconal solene equivalente à casula do presbítero. É vestida sobre a estola e a túnica, acompanhando as cores do tempo litúrgico.
- 399 ESTOLA:** é uma faixa, separada da túnica, a qual desce dos ombros do ordenado, com duas pontas. Para os presbíteros, a estola desce dos ombros verticalmente, simbolizando o ministério de mediação entre o Céu e a Terra. Para os diáconos, a estola desce do ombro esquerdo, presa no lado direito à altura da cintura, simbolizando aquele que está a serviço, a exemplo de Jesus que lavou os pés dos discípulos na última ceia. A estola traz cores diferentes que variam de acordo com o tempo litúrgico que se celebra.
- 400 JALECO:** casaco curto semelhante a uma jaqueta usado pelos Ministros Auxiliares da Comunidade, normalmente com um símbolo eucarístico no bolso.
- 401 MITRA:** barrete alto e cônico, fendido lateralmente na parte superior e com duas faixas que caem sobre as costas. O papa, os cardeais, os arcebispos, os bispos e os abades de mosteiros usam-na na cabeça em solenidades pontificais. Demonstra o poder espiritual ou dignidade pontifícia ou episcopal.
- 402 PÁLIO:** é uma insígnia usada pelos arcebispos, pelos cardeais e pelo papa. É uma espécie de estola estreita, confeccionada de pura lã branca, formando um círculo folgado em torno do pescoço. Possui dois prolongamentos em ponta que descem pelo peito e pelas costas. O pálio tem seis cruces pretas bordadas. É tecido pelas monjas do Mosteiro de Santa Cecília, em Roma, com a lã da primeira tosquia de um cordeiro jovem, à semelhança do cordeiro da Páscoa, “macho, sem defeito, de um ano” (cf. Ex 12,5). Jesus, o Cordeiro de Deus entregue pelo povo, é modelo para a oferta que o arcebispo há de fazer de sua vida ao povo, em primeiro lugar, do mundo todo e depois, da sua arquidiocese. Os pálios são abençoados pelo papa no dia 29 de junho e, enquanto não entregues, permanecem guardados junto ao túmulo do apóstolo Pedro.

⁴¹¹ Cf. Ex 12,11.

403 SOBREPÉLIZ: do latim, “superpelis”, isto é, “sobre a pele”. É uma veste litúrgica de algodão ou de linho, branca e curta para ser usada sobre a batina ou hábito religioso, substituindo a alva na administração dos sacramentos, procissões e outras funções religiosas.

404 SOLIDÉU: do latim, “soli” + “Deo” (somente a Deus). Pequeno barrete, em forma de calota, ou espécie de pequenina touca que cobre o alto da cabeça. Usam-no: o Papa (solidéu branco); os cardeais (solidéu vermelho); os bispos (solidéu lilás ou roxo); alguns padres e religiosos os usam na cor preta ou marrom, dependendo da cor do hábito e considerando como parte integrante do mesmo.

405 TÚNICA: manto branco longo que cobre todo o corpo, lembrando a túnica de Jesus “sem costura de alto a baixo”, sobre a qual os soldados tiraram sorte para ver a quem caberia⁴¹².

406 VÉU UMERAL: do latim “umerus”, quer dizer “ombro”. Há os seguintes véus umerais:

a) Véu para as procissões e bênçãos do Santíssimo: utilizado pelo presbítero ou diácono no transporte do Ostensório com o Santíssimo;

a) Véu de acólito: que é usado para segurar o báculo e a mitra nas funções litúrgicas pontificais.

407 OUTROS VÉUS:

a) Véu do sacrário: tecido geralmente de seda, delicado e artístico, que se assemelha a uma cortina colocada na frente da porta do tabernáculo, caso este o requeira. Deve ser branco ou dourado, cores que simbolizam a realeza e a divindade de Cristo;

b) Véu da âmbula: espécie de capinha branca que envolve a âmbula ou cibório que contém hóstias consagradas. Sua cor é branca ou dourada como expressão do respeito a Jesus Eucarístico;

⁴¹² Cf. Jo 19,23-24.

3. LIVROS LITÚRGICOS

- 408 **EVANGELIÁRIO:**⁴¹³ livro que contém os textos dos Evangelhos para a Missa. Tradicionalmente possui dimensões maiores que um Lecionário e é um livro que merece reverência.
- 409 **LECIONÁRIO:** do latim “lectio”, que quer dizer “lição” ou “leitura”. É o livro que contém todas as leituras bíblicas para uma celebração eucarística. Para o manuseio e as estruturas do Lecionário, ver o V Capítulo deste diretório que trata sobre os leitores.
- 410 **Missal ROMANO:** é o livro utilizado pelo presbítero que contém todas as partes fixas da Missa, como: ritual da Missa, orações, prefácios,... exceto as leituras bíblicas. É sempre preferível usar o Missal, no lugar de folheto. O Missal é confeccionado e editado de tal modo que as orações sejam nítidas e proclamadas fluentemente.

4. MINISTROS AUXILIARES PARA UMA CELEBRAÇÃO SOLENE

- 411 **CERIMONIÁRIO:** prepara e orienta as cerimônias para que a Liturgia seja devidamente organizada e realizada com decoro, ordem e piedade.
- 412 **LIBRÍFERO:** sustenta o Missal Romano para o presidente da celebração.
- 413 **CRUCIFERÁRIO:** conduz a cruz processional nas procissões.
- 414 **CERIFERÁRIO:** leva os castiçais com as velas nas procissões.
- 415 **BACULÍFERO:** encarrega-se do báculo do bispo.
- 416 **MITRÍFERO:** encarrega-se da mitra do bispo.
- 417 **TURIFERÁRIO:** leva o turíbulo e o apresenta ao ministro ordenado para a incensação.
- 418 **NAVETEIRO:** leva a naveta contendo o incenso, e sempre acompanha o turiferário

⁴¹³ O Papa João Paulo II havia pedido a publicação do Livro dos Evangelhos para o Grande Jubileu do ano 2000. Eis um trecho do seu discurso na apresentação da primeira cópia da edição do Evangelário em língua latina (15 de dezembro de 2000), n.2: “Expresso-vos o profundo apreço por terdes desejado realizar um texto tão precioso no seu feitio, destinado à proclamação do Evangelho do Senhor em circunstâncias de singular relevo durante o ano litúrgico. Conforme o antigo costume da tradição litúrgica oriental e ocidental, e segundo o conteúdo do *Ordo Lectionum Missae*, reunistes num só livro as leituras evangélicas relativas às várias solenidades e festividades, dispostas à maneira da ordem litúrgica”.

BIBLIOGRAFIA

- AUGE, Matias. **Liturgia: História, Celebração, Teologia e Espiritualidade**. Ave Maria, 1998.
- BECKHÄUSER, Frei Alberto. **Novas mudanças na Missa**, Petrópolis, RJ, Editora Vozes.
- BENTO XVI. **Exortação Apostólica Sacramentum Caritatis**, 22 de fevereiro de 2007.
- BENTO XVI. **Homilia do Papa Bento XVI na conclusão do Congresso Eucarístico Italiano**, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050529_bari_po.html.
- BENTO XVI. **Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa**, Basílica de São Pedro, 13.04.2206, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060413_messa-crismale_po.html.
- Bíblia Sagrada**. Edições CNBB, São Paulo, 2006.
- BOROBIO, DIONÍSIO (ORG). **A Celebração da Igreja II - Sacramentos**, Loyola, São Paulo, 1982.
- CAMARGO, Gilson Cezar de. **Liturgia da Missa Explicada**, Cadernos Temáticos para Evangelização, n. 13, Vozes, Petrópolis, RJ, 2004.
- Catecismo da Igreja Católica**, Loyola, São Paulo, 2003.
- Código de Direito Canônico**, Loyola, São Paulo, 2003.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, **Constituição Conciliar sobre a Liturgia, Sacrosanctum Concilium**, Paulus, São Paulo, 2001.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Decreto sobre o Ministério e a vida dos Presbíteros – Presbyterorum Ordinis**, Paulus, São Paulo, 2001.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Amusicalitúrgico no Brasil**, 6 ed., Paulus, São Paulo, 2004. (Estudos da CNBB 79)
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Animação da vida litúrgica no Brasil**, Paulinas, 2 ed., Paulinas, São Paulo, 1989. (Documentos da CNBB 43)
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório da Liturgia e da organização da Igreja no Brasil**, Edições CNBB, Brasília, 2007.

- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB. **GUIA LITÚRGICO-PASTORAL**, Edições CNBB, 2 ed., Brasília.
- CONFERÊNCIANACIONALDOSBISPOSDOBRASIL–CNBB. **Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica**, Documentos da CNBB 53, Paulinas, São Paulo, 1994.
- CONGREGAÇÃO DOS RITOS. **Normas universais sobre o Ano Litúrgico e o Calendário Romano**, 21.03.1969, Enchiridion Vaticanum, 13 ed. Edizioni Dhoniane Bologna, Bologna, 1985.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Eucharisticum Mysterium**, 25.05.1967.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Redemptionis Sacramentum**, 25.03.2004.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução sobre o Missal Romano**. 3. ed, Vozes, 2004.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Sagrada Comunhão e culto à Eucaristia fora da missa**, 21.06.1973.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Celebrações Dominicais na ausência do presbítero**, Vozes, Petrópolis, 1989.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Cerimonial dos Bispos – Cerimonial da Igreja**, 3. ed., Paulus, São Paulo, 2004.
- DIOCESE DE TOLEDO. **Manual para Ministros Auxiliares da Comunidade**, Toledo, 2006.
- Diretório Litúrgico – Diocese de Ponta Grossa**, P. Grossa, 2006.
- JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Dies Domini**, 31.05.1998.
- JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Mane Nobiscum Domine**, Paulinas, São Paulo, 2004.
- JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia**, 17.04.2003.
- PAULO VI. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**, 08.12.1975.
- RITUAL ROMANO. **Ritual de Bênçãos**, 4 ed., Paulus, São Paulo, 1990.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Diretório para missas com Crianças**, 1º de novembro de 1973.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. **Instrução sobre a música na sagrada liturgia**, in *Musicam Sacram*, 1967.

- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Missal Romano**, 10 ed., Paulus, São Paulo, 1997.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Pontifical Romano**, Paulus, São Paulo, 2001.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Ritual da Iniciação Cristã de Adultos**, Paulus, São Paulo, 2001.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Ritual do Batismo de Crianças**, 4 ed., Paulus, 1999.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS SACRAMENTOS DO CULTO DIVINO. **Instrução Inestimabile Donum**, 17.04.1980.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS SACRAMENTOS DO CULTO DIVINO. **Introdução Geral ao Lecionário – Lecionário Semanal Vol. II**, 3 ed. Paulus, São Paulo, 1997.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS SACRAMENTOS DO CULTO DIVINO. **Notificação de protocolo n. 720/85**, n. 4, de 03 de abril de 1985.
- SARTORE, DOMENICO E TRIACCA, ACHILLE M (ORG). **Dicionário de Liturgia**, Paulinas, São Paulo, 1992.
- 5ª Catequese Mistagógica de São Cirilo de Jerusalém**, n. 21; PG 33, Col. 1125; e São João Crisóstomo, homilia 47, PG 63, Col. 898.

EQUIPE ORGANIZADORA

GRUPO DE REFLEXÃO DA AÇÃO EVANGELIZADORA

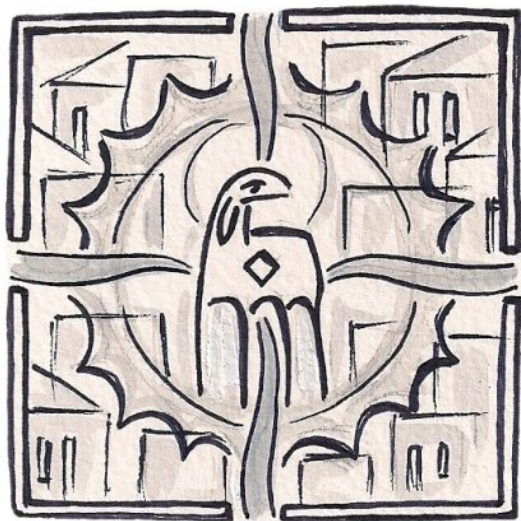
- Pe. Ademir Alves Teixeira
- Pe. Angelo Virgílio Pellá
- Pe. Inácio Afonso Scherer
- Pe. Lucimar Antonio Castellani
- Pe. Lucivaldo José Castellani
- Pe. Marcos Denck de Silva
- Pe. Nilton Hemkemeier
- Pe. Roberto Lopes de Souza
- Pe. Sérgio Augusto Rodrigues

DIOCESE DE TOLEDO

Secretaria Diocesana de Pastoral
Rua 7 de Setembro, 1730 - Caixa Postal 220
85.900-970 - Toledo - Paraná
Fone/fax: (45) 3252-1417
E-mail: secretariapastoral@diocesetoledo.org

EXECUÇÃO GRÁFICA

CENTRO INTEGRADO DE COMUNICAÇÃO
Rua Almirante Barroso, 2018
Centro Comercial Catedral
CEP 85.900-020 - Toledo - PR
Fone/fax: (45) 3252-1728
revistacristorei@diocesetoledo.org



A liturgia, de modo particular a Eucaristia, contribui para que os fiéis expressem em suas vidas e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da Igreja, que tem a característica humana, enquanto realidade visível, e divina, enquanto expressa realidades invisíveis (cf. SC 2).

Este Diretório é um instrumento de enriquecimento para a Liturgia na Diocese de Toledo, útil para equipes encarregadas da preparação das celebrações eucarísticas, celebrações da Palavra e adorações ao Santíssimo Sacramento.

Por isso, este Diretório compreende orientações dadas pelo magistério da Igreja, que permitem estabelecer a unidade diante das muitas realidades existentes, que encontram espaço de expressão e ação de graças nas celebrações das comunidades.

